

Dercila Cavassola

Da inércia à sedução: lendo os contemporâneos

Passo Fundo

2009

Dercila Cavassola

DA INÉRCIA À SEDUÇÃO: LENDO OS CONTEMPORÂNEOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Prof^ª Dr. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing

Passo Fundo

2009

AGRADECIMENTOS

Aos gestores do Colégio Mantovani de Erechim, sem cujo apoio esta proposta não teria tido êxito.

Aos meus professores de Mestrado, pela generosidade da palavra e do exemplo.

À minha orientadora Dr. Tania M. K. Rösing, cuja humildade e competência devolveram-me confiança e tranquilidade.

Aos meus amigos pesquisados, que me ensinaram a reconstruir o significado da palavra *encantamento*.

A meus pais, a quem devo o privilégio da presente existência.

Ao Eterno Criador, por me ter concedido o tempo para transformá-la.

RESUMO

A leitura é considerada um dos principais veículos de consolidação do saber e um instrumento de construção de autonomia cidadã; e o texto literário, pelas possibilidades de ativar no leitor um processo de reflexão, se apresenta como o meio mais eficaz de fazer isso. Numa tentativa de contribuir para a formação de leitores, o presente trabalho investigativo tem como objetivo estimular a sedução pela leitura de textos literários narrativos através da seleção proposta pelo resultado das edições do 4º e 5º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e da leitura de textos curtos – crônicas, contos, poemas de cordel, cartas e biografias – em sua maioria, de autores contemporâneos. Apoiada na Estética da Recepção proposta por Jauss e Iser, na abordagem sobre a problemática dos gêneros de Cristina Mello, nas teorias da leitura e nas formulações teóricas de Flávio Carneiro sobre a literatura contemporânea, esta pesquisa, de natureza eminentemente qualitativa, envolveu a formação de dois grupos de leitores, responsáveis pela leitura e discussão dessas obras e textos. Os registros das informações, viabilizadas através de depoimentos orais, de um questionário escrito e de observação direta, demonstraram que a ficção do presente reúne melhores condições para atrair o leitor, em razão da diversidade e da pluralidade de estilos e por ela possibilitar uma maior identificação entre texto e leitor.

Palavras-chave: leitura, recepção, texto contemporâneo, leitor.

ABSTRACT

Reading is considered one of the main ways of knowledge consolidation and one construction instrument of citizenship autonomy; the literary texts, due to the possibilities of activating a reflection process on the reader, is presented as the most efficient way to do so. In an attempt to contribute for the readers' education, this investigative work aims at stimulating the seduction for the reading of narrative literary texts through the selection proposed by the 4th and 5th edition of *Passo Fundo Zaffari and Bourbon's Literature Prize* and the reading of short texts – chronicles, short stories, *cordel* poems, letters and biographies – most of them from contemporary authors. Supported on the Aesthetic of Reception proposed by Jauss and Iser, on the approach of Cristina Mello's issues on gender, on the theories of reading and on the theoretical formulations about contemporary literature, this research, which has a qualitative nature, evolved the formation of two groups or readers, who are responsible for the reading and discussion about the works and the texts. The recording of information, viable through oral statements, a written questionnaire and direct observation, showed that the fiction of present gathers the best conditions to attract the readers, due to biodiversity and styles plurality, and because it makes possible a higher identification between text and the reader.

Keywords: reading, reception, contemporary text, reader.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 LEITURA E RECEPÇÃO	11
1.1 A competência leitora: quando ler não é apenas compreender	12
1.1.1 Os gêneros textuais e a formação da competência leitora	16
1.2 O texto literário: transitivo e plural	19
1.2.1 O texto literário e a Estética da Recepção	21
1.3 A ficção brasileira contemporânea: desafios à vista	29
1.3.1 A literatura contemporânea e a Estética da Recepção	33
2 A PESQUISA	35
2.1 Concepção de pesquisa e de metodologia	36
2.2 Caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa	37
2.3 Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados e escolha do <i>corpus</i>	38
2.4 Sobre o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e sua importância	40
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
3.1 Análise dos resultados obtidos através dos depoimentos orais – Grupo I e Grupo II.....	43
3.2 Análise dos resultados obtidos através do questionário escrito – Grupo I e Grupo II.....	53
3.3 Resultados obtidos através do terceiro procedimento: observação direta	83
3.3.1 Análise dos resultados obtidos através da observação direta – Grupo I.....	83
3.3.2 Análise dos resultados obtidos através da observação direta – Grupo II.....	85
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87

5 BIBLIOGRAFIA.....92

6 ANEXOS99

INTRODUÇÃO

É na convivência social do ser humano com as outras pessoas que nascem as linguagens, geradas pela necessidade de intercâmbio entre eles. Dentre as diferentes formas de comunicação e expressão, a linguagem verbal é a mais utilizada, pois é a palavra – escrita ou falada – que permeia todas as ações humanas, empregada, inclusive, para explicar as outras linguagens.

O livro é o suporte através do qual os conteúdos da consciência individual e social podem ser conservados. Entrando em contato com esses registros, o leitor passa a se conectar com manifestações socioculturais diferentes das suas, muitas vezes distantes no tempo e no espaço. O acesso ao texto escrito possibilita, portanto, não só a ampliação do conhecimento quanto também a criação de vínculos entre o leitor e seus pares. É por essa razão, além de várias outras, que a leitura ganha importância.

Embora todos os livros favoreçam o leitor, disponibilizando-lhe algum tipo de benefício pela descoberta de sentidos, são os literários que potencializam recursos em favor dele, pois mobilizam a reflexão e o diálogo em torno de um tema que, apesar de representar uma situação particular, atinge uma significação mais ampla e universal. Essa relação dialógica que a literatura estabelece com o leitor solicita dele uma participação efetiva quanto ao preenchimento de lacunas, exigindo-lhe, para isso, engajamento cognitivo, permitindo-lhe múltiplas leituras.

E mais do que perceber-se como sujeito construtor de sentidos múltiplos, o leitor do texto literário contemporâneo se vê diante de um outro desafio: o de ter de lidar com uma *performance* narrativa distinta de tudo o que já se conhece – a fragmentação textual e a simultaneidade de elementos heterogêneos -, que faz dessas obras “uma espécie de enciclopédia, como método de conhecimento e como rede de conexões entre os fatos, entre as

peças, entre as coisas do mundo”.¹ Longe de desestabilizar o leitor (supõe-se), essas narrativas convocam-no a interagir mais intensamente, inclusive para estabelecer uma relação entre os fragmentos e assim construir percursos de leitura, pondo, em diálogo com o texto, seu próprio repertório ou conhecimento prévio, bem como sua experiência enquanto cidadão coetâneo aos condicionantes sócio-históricos da contemporaneidade.

A produção ficcional do presente é portadora de um potencial dialógico muito grande, não somente com o passado – via releitura e reescritura – senão ainda com as mais diferentes linguagens veiculadas nos mais diversos suportes, o que se mostra do agrado do homem da época presente, caracterizado pela busca maior de liberdade e de participação.

Afora essas razões, experiências com trabalho de leitura atestam que um número considerável de leitores tem preconceito contra as obras clássicas, seja por causa dos assuntos que abordam, seja em razão de o vocabulário e as estruturas se mostrarem distanciados dos usos da linguagem veiculada por eles no cotidiano. Resulta daí que, instigados a ler textos contemporâneos, pode crescer neles o estímulo e o interesse por essa literatura, em razão de ela responder a questões mais próximas à realidade desses leitores, além de se identificarem linguisticamente com os discursos ali utilizados. Assim, despertado o gosto a partir da leitura de obras contemporâneas, o leitor estará disponibilizando melhores condições discursivo-literárias para interagir de maneira mais proveitosa quando do contato com obras clássicas e estará mais apto a apreender todo o potencial artístico que elas oferecem.

Tais pressupostos induziram a pesquisadora a levar a termo a presente proposta de trabalho investigativo, firmada na leitura de textos e obras literárias contemporâneas, por acreditar que ela representa uma alternativa eficaz na formação de novos leitores ou na confirmação dos indecisos e desestimulados.

Mediante a adoção do método qualitativo, esta pesquisa previu a formação de dois grupos de sujeitos voluntários: o primeiro, denominado Grupo I, composto por participantes de diferentes idades, já constituídos leitores, para fazer a leitura e a discussão de seis obras selecionadas a partir do 4º e 5º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. A qualidade das produções e a diversidade de estilos foram os critérios que justificaram essa escolha. Com esses sujeitos, buscou-se o desenvolvimento e o aprimoramento de sua habilidade leitora, bem como torná-los mais convictos em relação à literatura. O outro, designado Grupo II, constituído por sujeitos não leitores, ficou responsável pela leitura e discussão de textos literários curtos, em sua maior parte, de autores contemporâneos, pois se

¹ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 37.

acredita que textos com menor extensão, construídos por meio de dinâmicas inovadoras, como é o caso dos contemporâneos, provocam muito mais o interlocutor, despertando nele o gosto e o prazer pela leitura/literatura. As informações ou dados foram obtidos por intermédio de três procedimentos: depoimentos orais, um questionário escrito e observação direta. A análise desses materiais, viabilizada pelo cruzamento destes com o suporte teórico, visou ao alcance dos seguintes objetivos: estimular a sedução pela leitura através de textos literários contemporâneos; aproximar o leitor em formação de textos literários contemporâneos de qualidade; estimular a leitura de textos selecionados e a discussão sobre os mesmos, valorizando os temas abordados, os recursos da narrativa e a literariedade; observar, em momentos de discussão, o interesse e a profundidade da leitura demonstrados pelo grupo de leitores de narrativas curtas; proporcionar a ampliação de expectativas de leitura dos dois grupos de leitores a partir da solicitação desses sujeitos de novos títulos para suas leituras individuais; propor ações de leitura de textos narrativos para serem realizadas no espaço escolar ou fora dele, indicando acervos específicos para estimular a formação de leitores e a transformação de leitores resistentes em leitores entusiastas.

Todo trabalho de pesquisa, para se legitimar, requer um aporte teórico sobre o qual se sustentam as análises efetuadas pelo pesquisador. No caso presente, buscou-se apoio nas teses de Hans Robert Jauss e de Wolfgang Iser, que definem o papel do leitor quando da recepção de um texto literário, expostas nas obras *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção* (1979), *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994) e *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*; no capítulo 3 da tese de Doutorado de Cristina Mello, intitulada *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários* (1998), que aborda a importância dos modos e dos gêneros literários no estudo da literatura, pois, segundo a autora, a configuração textual, se reconhecida pelo leitor, contribui decisivamente para a compreensão; por fim, nas formulações teóricas de Flávio Carneiro sobre a literatura contemporânea, expostas em *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, obra que traça um perfil da literatura pós-moderna e elabora um *mapeamento* da ficção brasileira atual, essencial para se entender as produções do século XXI.

No tocante à sua composição, o presente trabalho se estrutura em três capítulos. O primeiro se constitui numa exposição teórica sobre o objeto investigado – a importância do texto literário contemporâneo na formação de leitores e na confirmação de leitores indecisos -, com base na Estética da Recepção e seus desdobramentos nas teorias da leitura e na teoria dos gêneros, destacando aspectos considerados de relevância para sustentar a discussão.

A descrição da metodologia da pesquisa empregada na coleta das informações, a caracterização dos pesquisados e um breve relato descritivo sobre o Prêmio são a matéria constitutiva do segundo capítulo. O *corpus* que compõe esta investigação envolveu seis obras contemporâneas concorrentes ao 4º e ao 5º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e narrativas curtas – crônicas, contos, poemas de cordel, cartas e biografias -, grande parte delas publicadas no final do século XX e início do século XXI.

O terceiro capítulo corresponde ao registro das informações que dizem respeito aos sujeitos desta pesquisa, obtidas por intermédio dos três procedimentos, anteriormente discriminados, e à análise desses resultados à luz do suporte teórico e considerando os objetivos estabelecidos para esta pesquisa.

Por último, a seção reservada às considerações finais trata das inferências a que se chegou a partir do cotejo entre os resultados obtidos e o foco temático, no intuito de ressaltar a importância do trabalho com a formação de leitores.

1 LEITURA E RECEPÇÃO

... aqueles desgraçados que, reunidos em bandos sem objetivos, matam jogando pedras dos viadutos ou ateando fogo a uma menina, sejam eles quem forem afinal, não se transformaram no que são porque foram corrompidos pelo *newspeak* do computador (nem ao computador eles têm acesso), mas porque restam excluídos do universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderiam chegar até eles os ecos de um mundo de valores que chega de e remete a livros.

Umberto Eco

Pensa-se que a veemência e a força da idéia do grande pensador italiano citado na epígrafe são suficientes para justificar a premência de um trabalho voltado para a formação de leitores. Claro está, porém, que esse não é um assunto novo, pois, nas últimas décadas, o investimento na formação da competência leitora está sendo alvo de muita atenção, seja por parte das autoridades educacionais, seja também por parte dos profissionais mais diretamente ligados ao ensino da língua e da literatura. Acresça-se ainda que é fundamental o estudo da formação do leitor para se compreender como o ser humano se relaciona com seus semelhantes e para se entender o processo de sua inclusão na sociedade, idéia que também não suscita nenhum gesto de surpresa, pois tanto pesquisadores da área de leitura quanto membros mais esclarecidos da sociedade comungam essa mesma concepção.

Todavia, embora haja consenso no tocante às teorias da leitura, nem sempre a prática tem mostrado resultados compensadores. E as causas que geram esse desapontamento vêm de longa data, pois a escola não tem sabido operacionalizar estratégias adequadas para a efetivação de um ensino produtivo da leitura e da literatura.

Júlio Diniz lança um questionamento, cuja pertinência leva à reflexão e instiga a desacomodação: “Como falar de leitura/comunicação como prática social em face da incomunicabilidade das estratégias discursivas tradicionais que silenciam o sujeito

contemporâneo?”² Ou seja, ele sugere que já não é mais possível insistir num ensino da leitura que não contemple a participação do leitor, ensejando-lhe a palavra como instrumento que lhe dá voz e vez. Está claro, portanto, que, para o autor, o grande motivo gerador de desinteresse dos leitores pelos textos literários se encontra na forma como esses textos são mediados; nos modos de operacionalizar a construção da competência leitora.

1.1 A competência leitora: quando ler não é apenas compreender

O termo “competência” vem sendo muito utilizado, principalmente nos meios acadêmicos e educacionais, mas nem sempre com a devida propriedade. Em razão do propósito do presente trabalho, o esclarecimento desse termo se torna fundamental. Para tanto, tomar-se-á como apoio o conceito estabelecido pelo *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa, Ministério da Educação, Departamento de Ensino Básico, e endossado por Cristina Mello:

Uma noção ampla de competência integra conhecimentos, capacidades e atitudes, podendo ser entendida como saber em ação ou em uso. Não se trata de adicionar a um conjunto de conhecimentos um certo número de capacidades e atitudes, mas sim de promover o desenvolvimento integrado de capacidades e atitudes que viabilizam a utilização de conhecimentos em situações diversas, mais familiares ou menos familiares ao aluno.³

Como é fácil perceber, o desenvolvimento das competências (e, no caso presente, a competência para ler/interpretar) a que também se referem os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) não implica um mero transmitir, mas um despertar de capacidades no leitor, enriquecendo-as e aprimorando-as com conhecimentos novos, treinando-as por meio de atividades produtivas de leitura, o que significa dizer, atividades que digam respeito à vida real do sujeito, pois, desse modo, ele as pode utilizar na sua prática, em situações diversas de sua vivência. Nesse sentido, construir competências remete à instrumentalização necessária para que o leitor se afirme como um sujeito autônomo, não apenas como possuidor de

² DINIZ, Júlio. Apontamentos sobre o significado, sentido e interpretante na leitura. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. Kuchenbecker (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 22.

³ MELLO, Cristina. Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA, Márcia H. S.; RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 139.

capacidades; como alguém de cujas capacidades, desenvolvidas e integradas, ele pode dispor para uso no momento em que quiser e necessitar.

Essas práticas produtivas de leitura envolvem atividades de compreensão e observação voltadas para o funcionamento semiótico e retórico dos seus efeitos estéticos, visando à construção de “percursos de leitura”, o que requer o envolvimento cognitivo do leitor. Eis por que Cristina Mello afirma, na obra citada anteriormente, que a leitura estimula o pensamento e que é “dever de todo e qualquer profissional de leitura ensinar a pensar”⁴.

O envolvimento cognitivo do sujeito-leitor se manifesta em forma de atitude especulativa e não restritiva. Diante de um texto, ele é instigado a compreender os índices, perceber as estratégias textuais e a criar hipóteses de leitura. Para tanto, ele põe em ação seu conhecimento prévio, assim definido por Ângela Kleiman:

o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. [...] É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. [...] Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão.⁵

Ao entrar em contato com um texto, independentemente do gênero ou da tipologia, o leitor aciona, como um piloto automático, toda a gama de conhecimento adquirido anteriormente ao ato da leitura, sem o qual a apreensão e a construção do(s) sentido(s) se tornariam praticamente impossíveis.

No entanto, para obter proveito desse conhecimento anterior, o sujeito precisa, além disso, mobilizar sua sensibilidade e sua experiência, a fim de reconstruir seu ponto de vista e reformular suas hipóteses, o que lhe permite um posicionamento próprio diante do texto. É nesse ponto que se pode falar em real participação do leitor na construção de sentidos possibilitados pelo texto, tornando-se, desse modo, um “cooperante textual consciente”, nas palavras de Cristina Mello.

Outras atitudes do leitor em face ao texto também consomem seu envolvimento cognitivo. Na mesma linha de pensamento, a autora, na obra já referida, acrescenta outra idéia esclarecedora, que caracteriza a atividade leitora produtiva:

⁴ MELLO, Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA; RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 140.

⁵ KLEIMAN, Ângela. *Texto & Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 13.

Dentre as reações do leitor perante um texto, aquelas que à escola compete ensinar são as reações que implicam a verbalização do que se lê, a prática da subjetividade e da intersubjetividade, acompanhadas de atividades de objetivação, até onde a hermenêutica literária nos autoriza, em clima de profícua interlocução.⁶

Os eventos com vistas a formar leitores não podem prescindir da interlocução, através da qual é possível a construção do conhecimento compartilhado e durante a qual outras possibilidades interpretativas são sugeridas. Além disso, a interação possibilita o desenvolvimento de atitudes de negociação entre as diferentes perspectivas dos participantes. Daí por que a troca de experiências e de idéias não somente faculta o desenvolvimento da competência linguística como também o da competência sociocultural. Nesse sentido, pode-se afirmar que a compreensão de um texto resulta de uma construção interacional entre as diversas individualidades, cada qual explicitando seu conhecimento cultural e de mundo, na procura, não de um consenso determinado e único, mas de uma linha de raciocínio viável e aberta a outras possibilidades, a múltiplas leituras.

É da interlocução também o mérito de possibilitar ao sujeito a aquisição de conhecimento de si mesmo e do outro. E a leitura, ato de compartilhamento por excelência, constitui-se como uma prática de alteridade, porque viabiliza o diálogo intersubjetivo que, devido à sua natureza dialética, contribui para desencadear a análise e a reflexão, permitindo aos parceiros envolvidos no processo comunicativo modificar estereótipos e preconceitos. Outrossim, as estratégias interlocucionais experienciadas nos eventos de leitura abrem espaço para que se estabeleça fora delas – na vida diária – essa prática para questionar e modificar padrões de comportamento de dominação, de exploração e de exclusão. Em outras palavras, concorre para a mudança social, em maior ou em menor grau, dependendo das circunstâncias envolvidas no processo.

A formação de competência de leitura implica a construção de um novo paradigma educativo, assente não mais na transmissão prioritária de conteúdos, como no passado, mas numa concepção que tem por meta operacionalizar mecanismos capazes de estabelecer uma relação de troca entre os sujeitos do ensino-aprendizagem que estimule a análise e o questionamento sem, no entanto, deixar de assegurar ao estudante o acesso aos conteúdos estabelecidos nos programas educacionais para que se alcance a tão sonhada qualidade em educação.

⁶ MELLO, Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA; RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 141.

Esse novo projeto, que deságua na construção de saberes mais produtivos, passa, obrigatoriamente, pela questão da leitura. A crise por que passa a educação no Brasil é, em última instância, uma crise de leitura (entendida no sentido de compreensão), cujos modos de efetivá-la carecem de uma revisão e de uma reformulação, tomando por base os estudos sobre a formação de competências.

De acordo com Cristina Mello, a construção progressiva da competência leitora se liga intimamente a dois fatores primordiais: o desempenho do leitor do futuro e a boa capacitação científica e pedagógica do professor do presente. Para Mello, o profissional de leitura deveria ter como meta primeira ensinar a pensar (como já foi referido), e ensinar todos os alunos, dedicando especial atenção aos mais excluídos da cultura e do saber. E acrescenta que persiste ainda hoje uma distância muito grande entre teoria e prática (a coerência referida no parágrafo anterior) e, por esta razão, os educadores precisam assumir um compromisso moral, ético e político para com os problemas educacionais, sobretudo no que concerne ao ensino da leitura. Sua preocupação em relação à formação do professor é constante. A pesquisadora sugere que o professor tenha uma formação científico-pedagógica consistente e um preparo pedagógico capaz de fazer frente às novas exigências educacionais.

A formação didático-pedagógica no domínio da nova racionalidade de que a autora fala pode significar a reformulação dos cursos de formação, o que tornaria mais eficiente a preparação do professor ensinante de leitura. É preciso, segundo Mello, que esses cursos problematizem os objetivos, os conteúdos, as competências, as estratégias de leitura; e que abram espaço para a testagem de inovações metodológicas.

Outra prática com grande possibilidade de resultar em maior eficiência, acrescenta, é a criação de projetos educacionais, porque possibilitam a reflexão, o trabalho comunitário, a troca de experiências, bem como a organização do conhecimento em torno de objetivos comuns, sem contar que favorece a agregação, pelo aluno, de uma série de componentes de conhecimento ao redor de um mesmo tema.

Ao professor de leitura, de modo particular, a autora sugere que “no cultivo do uso esclarecido da língua em múltiplas situações de uso” não despreze o ensino do funcionamento e da estrutura da língua; e que possibilite ao aluno o acesso a todos os tipos de textos, mas dando ênfase maior aos literários.

1.1.1 Os gêneros textuais e a formação da competência leitora

Na obra *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*, Cristina Mello declara que o estudo das obras literárias e que se reflete na leitura pode se beneficiar do conhecimento dos modos e dos gêneros textuais. No entanto, a partir de observações de diversas práticas de leitura escolar de jovens que ela realizou, pôde constatar a existência de muitas falhas, tanto por parte dos professores quanto por parte dos alunos. A sua afirmação delinea o quadro com precisão:

Numa primeira aproximação à leitura dos jovens, consideramos que, na maior parte dos casos, fazem-na apressada, incompleta e pouco profunda. Por outro lado, a representação do conteúdo semântico dos textos, normalmente é amparada pelo professor, ainda quando suscita, maieuticamente, as respostas dos alunos. Mesmo as referências culturais, míticas, simbólicas e filosóficas são descodificadas pelo professor, que assim preenche a memória do aluno, porém não substituindo a sua leitura. A complexa rede de elementos internos e externos que confere significação ao estilo das obras e dos autores também é desmontada, a par e passo, pelo professor. Enfim, os conteúdos representados da leitura dos textos literários configuram uma espécie de amálgama.⁷

Tal leitura não traz os resultados esperados, pois o aluno é apenas um espectador; ele não participa do processo de construção. É o professor quem faz e decide por ele. Desse modo, o interlocutor não utiliza suas operações cognitivas, tornando-se, pela repetição de tais procedimentos, acomodado, passivo. Não raro, em razão dessas atitudes pedagógicas, instalam-se a apatia e o desinteresse na sala de aula. E o pior, o estudante perde a oportunidade de desenvolver-se plenamente como um ser humano crítico e autônomo. Por essa razão, quando chega ao curso superior, diz a autora, a representação que ele faz das obras literárias é “precária” quanto às convenções literárias, nelas incluindo as de modo e as de gênero. Na visão da pensadora, tal resultado, portanto, se deve a esse emprego inadequado de estratégias no ensino da leitura, sintetizado pelo fazer/passar do professor e pelo receber/guardar do aluno.

Outra dificuldade constatada pela pesquisadora é a incapacidade de o aluno estabelecer associações entre os diversos componentes textuais, como espaço, tempo, modos de narrar, entre outros, que concorrem para a construção do sentido da obra. E as deficiências se acentuam quando da compreensão e adesão aos textos dramáticos e líricos, mormente a estes

⁷ MELLO, Cristina. *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*. Coimbra: Livraria Almedina, 1998, p. 95.

últimos, motivadas pela “falta de uma maior destreza nas operações de leitura implicadas e, ao mesmo tempo, à falta de competências discursivas”.⁸

Propostas operatórias concretas que podem resultar em maior competência por parte do leitor são oferecidas pela autora. Uma delas é a necessidade de incentivar processos práticos de leitura que desafiem o funcionamento da memória do leitor desde o seu primeiro contato com o texto. No que tange a esse aspecto, é preciso que ele verbalize as compreensões, se empenhe nas atividades de leitura, visando ao cumprimento de objetivos estabelecidos, particularmente no que diz respeito às operações cognitivas.

O leitor/aluno necessita, ainda, ir, gradativamente, se familiarizando com os “aspectos semântico-pragmáticos dos textos literários e conhecer vários tipos de textos e discursos, de forma a tornar-se mais competente na leitura, ao mesmo tempo que amplia o seu horizonte de expectativas”.⁹

No entanto, essa familiaridade com variados tipos de textos literários e com seus aspectos constituintes acontece de forma progressiva; e só será possível à medida que os mediadores de leitura disponibilizarem esse convívio a seus leitores, ou, se não, oportunizarem modos de fazer chegar a eles essa multiplicidade de gêneros textuais. E não apenas isso: é preciso que eles pratiquem um ensino de leitura/literatura motivador e competente, respaldado nas novas propostas das teorias da leitura.

Assim, à medida que constrói imagens das obras literárias, o aluno-leitor deverá ir formalizando uma consciência abstrata dos elementos constitutivos dos gêneros literários, pelo que se deve pensar num trabalho centrado em atividades como comparar e selecionar elementos textuais, antever hipóteses de sentido, pesquisar informações, enfim, atividades relacionadas com a apreensão dos componentes semânticos e dos procedimentos formais.¹⁰

Portanto, não se trata aqui de atividades que abordem apenas a superfície textual e/ou aspectos apreendidos de maneira aleatória. Como se observa na explanação da autora, a proposta envolve a verticalização, ou seja, a aplicação de atividades produtivas, apoiadas em instrumentos adequados, exigindo do receptor/leitor operações intelectuais de interação com os textos, operações essas que vão construindo progressivamente a competência interpretativo-leitora. Também é necessário se ter em conta que tais práticas precisam ser rigorosamente planejadas com vistas a atingir um conjunto de objetivos que, em última instância, visem à mudança de atitude do leitor na leitura da obra literária.

⁸ MELLO, *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*, 1998, p. 97.

⁹ *Ibid.*, p. 100.

¹⁰ *Ibid.*, p. 101.

Todavia, a leitura precisa também ser encarada na sua dimensão estética. Se, por um lado, há que se considerar, prioritariamente, as estratégias cognitivas quando da abordagem de um texto, por outro, não se pode relegar o fato de que o objeto artístico também conduz a uma experiência prazerosa. Talvez esteja nesta última dimensão a razão por que, para muitos, a literatura representa um universo fascinante e de prazer inesgotável.

Essa experiência de prazer estético será tratada posteriormente, quando da elucidação da Estética da Recepção. No entanto, é importante esclarecer que, em geral, o leitor chega a esse nível – a do prazer estético - quando tiver percorrido as etapas precedentes: as que dizem respeito à construção de compreensão de leitura, pois “só pode haver fruição se houver, antes, compreensão”, afirma Mello, autora do texto em discussão.

Outrossim, a pensadora alerta para o fato de que, seja qual for a concepção de leitura que se adote, essa concepção precisa estar amparada numa metodologia de leitura, a qual deve comportar procedimentos analíticos, que, por sua vez, vão preparar a compreensão e o juízo crítico. Quer isso dizer: a leitura é construída a partir de elementos de objetividade, que, por sua vez, dá abertura a um aporte subjetivo, este como construto do leitor co-produtor.

Ao deixar claro que uma proposta produtiva de leitura deve aproximar e não afastar o receptor/leitor do texto e que tal proposta se ampara no conhecimento e na aplicação dos gêneros literários, Cristina Mello não se exime de sugerir um caminho, entendido por ela como o mais viável no que concerne ao assunto em discussão:

A elaboração de atividades por parte do professor, para levar a cabo as operações produtivas, coloca-se todas as vezes que se pensa num novo texto, o que torna inviáveis esquemas muito rígidos sobre como ensinar o conto, o romance, a novela, a poesia trovadoresca ou os sermões de Vieira. No entanto, porque o texto literário é um sistema semiótico, não nos afastamos da sua dimensão comunicativa e, por isso, defendemos uma didática dos modos e gêneros literários suportada metodologicamente pela pragmática e pela estética da recepção.¹¹

A afirmação pressupõe ser o trabalho com o ensino da literatura um ato contínuo, reavaliado e reformulado constantemente e a cada novo texto proposto. Em razão desse pressuposto, devem ser convocados procedimentos didáticos aptos a dar conta da flexibilidade e das constantes reconfigurações com que se revestem os diversos gêneros discursivo-literários.

Mas isso não basta, visto que o texto literário não prescinde sua dimensão comunicacional. Assim, a viabilização de uma proposta metodológica que instigue o jovem leitor a que desenvolva, de forma progressiva, a capacidade de interagir com o texto

¹¹ MELLO, *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*, 1998, p. 104.

apresenta-se como uma exigência e uma necessidade, e das quais não se pode abrir mão quando do ato de ensinar/ler.

Resultante da participação do leitor na construção dos sentidos, ocorre uma pluralidade de leituras do texto literário, deixando em plano secundário o discurso do professor reproduzido pelos alunos. No entanto, isso não significa liberdade interpretativa que não respeite as marcas do texto. Nesse sentido, há uma sintonia entre Mello e Eco, pois ambos defendem que a intenção do texto precisa ser respeitada pelos leitores e que as interpretações que soam absurdas não podem ser aceitas.

1.2 O texto literário: transitivo e plural

Quando se fala em “pluralidade de leitura” ou em “múltiplas leituras”, a idéia é endereçada singularmente ao texto literário, como produto que é de uma combinação de diversos códigos particulares, pois “da sua correlação dialética, da sua combinação e interdependência estrutural resulta um hipercódigo que pode ser legitimamente designado, no singular, como código literário”.¹²

Pelo exposto, fica evidente que texto literário e texto linguístico não se confundem, visto que o primeiro mantém um sistema específico de normas e de princípios que o distinguem do último.

Por se organizar a partir de uma pluralidade de códigos, que se articulam de modo mais ou menos equilibrado, o texto literário possibilita, de igual maneira, múltiplas leituras ou um “conjunto de sentidos” que ao leitor caberá evidenciar e interpretar, orientando-se pelos componentes formais que o caracterizam. Mas esses sentidos *decifrados* em nenhum momento podem ser considerados unívocos nem definitivos; portanto, insubmissos a uma análise única. Por outro lado, esses sentidos devem estar apoiados sobre a realidade do texto, no retorno constante a ele, evitando-se, com isso, interpretações descabidas ou equivocadas.

Logo, é o leitor empírico o “destinatário virtual de toda criação literária”¹³, particularmente, do texto literário. Como tal, supõe e solicita a adesão de um leitor ativo, que se esforce para se engajar nos pactos de leitura propostos, que se disponibilize a participar no

¹² AGUIAR e SILVA apud REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual*. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1981, p. 116-117.

¹³ ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003, p. 17.

jogo discursivo e a quem cabe o desafio de apreender efeitos surpreendentes e sentidos múltiplos.

Max Butlen enriquece a caracterização do texto literário ao afirmar que esse texto:

cultiva a *ilusão referencial*, trabalha sobre identificações, visa à adesão dos leitores e seu investimento emocional, intelectual, estético, oferecendo uma representação escrita e ficcional de um universo que pode confortar as posições de uns, ou, ao contrário, questiona os sistemas de valores, os julgamentos estéticos, morais, éticos. Ao mesmo tempo em que investe na adesão e no prazer diferenciado, resiste, oferece resistência às tentativas de apropriação pelo leitor.¹⁴

A “ilusão referencial” parece ser o dado que mais propicia a adesão do leitor ao texto literário (e mesmo a toda obra literária), pelo fato de que o evento narrado muitas vezes tem semelhanças muito próximas a componentes da vida real e, pelo menos enquanto dura o desdobramento, acontece um processo de identificação leitor/personagem, por conta do envolvimento subjetivo daquele, que passa a viver uma experiência que não é sua, embora com a sua se pareça. Ou, ainda, diante de posturas com as quais não concorda, ele pode apostar no questionamento. O mesmo se dá em relação aos aspectos estéticos, passíveis de análise crítica.

Por fim, vale frisar que a ambiguidade é outro aspecto relevante que marca o texto literário, ainda que não seja específica dele. Apoiado em Ingarden, Wolfgang Iser diz que do ponto de vista da ambiguidade, os sentidos convivem de modo plural no discurso literário. E Carlos Reis sublinha a natureza ambígua do texto literário que, assim sendo, “é passível de múltiplas leituras”. A arte literária emprega deliberadamente a ambiguidade como o recurso mais adequado para construir o caráter metafórico da linguagem textual.

Sequencialmente, convém pôr em relevo o papel do leitor como fator determinante da existência do texto, mormente o literário. Quando da escritura de um texto narrativo, é solicitada a atenção de um leitor, que, desse modo, gera

uma interação autor/leitor cuja tensão aponta em dois sentidos: a condição irrevogavelmente dialógica de todo ato de linguagem, de acordo com a qual o sujeito que fala/escreve solicita necessariamente uma instância receptora; a função de concretização que cabe a essa instância, capaz de abolir pontos de indeterminação, função viabilizada pelo fato de “o leitor durante a leitura e na percepção estética da obra geralmente transcender o simples texto existente (ou o projetado pelo texto) e completar, a vários títulos, as objetividades apresentadas.¹⁵

¹⁴ BUTLEN, Max. Ler, compreender e interpretar textos literários na escola. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 69.

¹⁵ REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988, p. 52.

A função de complementariedade (ou pontos de indeterminação) suposta pelos vazios textuais tem sua gênese no caráter eminentemente dialógico de todo ato de linguagem, como ficou esclarecido pela afirmação precedente.

Essa interação texto/leitor no evento de leitura capaz de gerar significados múltiplos (tantos quantos forem os leitores do mesmo texto) é que justifica por que o foco das discussões hoje, nas teorias da leitura, passa a ser o leitor e não mais o autor/texto, como se verá mais adiante.

Em outra obra, Carlos Reis afirma que o leitor é um “termo indispensável do ato de comunicação”. E Umberto Eco: “Só se escreve para um Leitor”. E poder-se-iam citar tantas outras afirmações semelhantes, pois a maioria dos estudiosos da leitura hoje concorda com a idéia de que texto sem leitor não se constitui como texto. E, de acordo com essa visão, leitura é um ato produtivo e interativo que não pode prescindir a presença de um “outro”, o interlocutor/leitor.

1.2.1 O texto literário e a Estética da Recepção

Em toda a história da leitura, o receptor nunca esteve distante das preocupações do escritor. Porém, durante décadas, os estudos da crítica e da teoria literária focaram suas análises na questão do autor e do texto. Tal concepção defendia que o sentido residia no texto; ao leitor cabia descobri-lo. A presença do receptor era assinalada com o intuito de fazer dele um mero decodificador do sentido original da obra. Era o destinatário de um sentido previamente constituído e remetido pelo autor por intermédio do texto.

Todavia, os avanços tecnocientíficos, com as correspondentes mudanças sociais, estavam a exigir outras formas de ver a arte e a realidade. Instalava-se, então, na sociedade como um todo, uma fase de profundo criticismo, que punha em xeque os modelos anteriores de análise social e (de análise) artístico-literária.

Nesse contexto, as ciências físicas mudam o seu discurso e passam a falar em criatividade e na importância da imaginação. Não “vivem” mais exclusivamente dos fatos observáveis e experimentáveis, princípios agora substituídos pela relatividade e pela incerteza. O contexto que se estabelece é de auto-avaliação e de reflexividade – não sobre o saber em si, mas sobre como esse saber foi ou estava sendo constituído.

As ciências humanas, por seu turno, passam a admitir, também, o caráter criativo do sujeito da metalinguagem e sua interação com o objeto e a deslocar o foco de atenção do

objeto para a interação entre sujeito e objeto. O momento, portanto, era propício para uma mudança de paradigma na forma de ver a arte e a realidade e, por consequência, a literatura.

Por esse razão, a pesquisa sobre os fenômenos literários exigia um redimensionamento das investigações; era preciso romper com o modelo de análise anterior, baseado na valorização do binômio autor/obra e buscar uma dinamização entre a obra, seu autor e o destinatário. E a Estética da Recepção se apresentava, então, como a resposta mais eficaz para uma nova abordagem das obras literárias.

Em 1967, com a exposição proferida por Hans Robert Jauss e publicada com o nome de *A história da literatura como provocação à teoria literária*, ficaram estabelecidos os pressupostos básicos sobre os quais se apóia a Estética da Recepção.

Um pouco mais tarde, em 1970, com outro texto inaugural - *A estrutura apelativa dos textos* – Wolfgang Iser, colega de Jauss, propunha princípios semelhantes aos formulados por seu antecessor. O que os dois principais mentores e articuladores da nova proposta pretendiam era, justamente, conjugar harmonicamente a presença do leitor com a qualidade estética da obra literária. É Iser quem confirma essa intenção quando, em sua *teoria do efeito estético*, diz que é preciso haver uma total interação entre o *pólo estético* (leitor) e o *pólo artístico* (obra).

Na concepção de seus articuladores, a recepção de uma obra literária é um processo complexo, que requer *recriação*, esta produto de sua interação com o leitor. Assim, uma obra não pode existir independente do sujeito que com ela se confronta.

Embora os posicionamentos teóricos de ambos deságuem na recepção, as abordagens de Iser e de Jauss são diferentes na sua explicitação.

Básica na proposta de recepção iseriana é a idéia que define a *estrutura apelativa do texto*, segundo a qual o significado de um texto é um efeito para ser experimentado no momento da leitura; não para ser definido. E para que aconteça esse processo de parceria cooperativa entre texto e leitor, é preciso que as operações textuais provoquem a conduta do último. Só assim ele poderá gerar significados próprios e múltiplos.

No prefácio à primeira edição da obra *O ato da leitura*, Iser afirma, em relação ao texto literário, que

só produz seu efeito quando é lido [...] o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura [...]. O efeito estético deve ser analisado, portanto, na relação dialética entre texto, leitor e sua interação. Ele é chamado de efeito estético porque – apesar de ser motivado pelo texto – requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, a fim de obrigá-lo a diferenciar suas próprias atitudes.¹⁶

¹⁶ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*, v. I. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 15-16.

Como se pode perceber, na visão desse autor, o efeito estético não é um fenômeno que só esse tipo de texto provoca; porém, através dele, o leitor tem sua imaginação acionada para que o mesmo texto ganhe vida e dinamismo. Por meio dessa idéia, o estudioso mostra dois aspectos: um, como a obra dirige e orienta a leitura; outro, de que forma o leitor reage cognitivamente aos percursos que o texto impõe. Para o pesquisador, não faz sentido perguntar o que o texto ou o autor querem dizer, mas o que sucede com o leitor quando sua leitura dá vida aos textos ficcionais.

Outra idéia-chave da teoria proposta por Iser é a de que o texto não traz um significado fechado, pronto, acabado, mas esse significado se estabelece durante o processo da leitura; e podem ser gerados tantos significados quantos forem os leitores, pois, em seu interior, o texto contém muitos “lugares vazios”, que o autor chama de “indeterminação”, considerada por ele como a condição básica para a interpretação.

No tocante a esse aspecto, é esclarecedor o apontamento de Luiz Costa Lima quando afirma que “a indeterminação – que não é exclusiva ao texto literário mas nele se acentua – encarna uma condição elementar do efeito, que, de sua parte, é motivado pela presença na cena textual de *lugares vazios* (*Leerstellen*)”. Logo adiante, o autor explica que “os lugares vazios [...] apresentam a estrutura do texto literário como uma articulação com furos, que exige do leitor mais do que a capacidade de decodificação. A decodificação diz respeito ao domínio da língua. O vazio exige do leitor uma participação ativa”.¹⁷

Dessa forma, para que o leitor possa vivenciar a experiência estética no jogo com o texto, ele deverá suplementar os *vazios* já previstos pelo texto. Esse processo – suplementação dos *pontos de indeterminação* por meio da interpretação, gerando vivência do efeito estético – traz como resultado a transformação do significado (o enunciado da estrutura) em significação (aquele que o leitor constrói).

Em suma, na formulação de Iser, esses vazios provocam estímulos que impulsionam a imaginação do leitor a que suplemente esses espaços ou “furos”. Assim, quanto maior for a quantidade de vazios, tanto maior o número de imagens construídas pelo leitor e maior a possibilidade de variadas leituras para o mesmo texto. Portanto, para Iser, as variáveis pertencem à recepção, em contraposição às constantes do texto.

Ainda que apresentassem maior consistência no modo de explicitação, as formulações teóricas de Iser estavam longe de causar o mesmo impacto que as teses de seu colega Hans Robert Jauss, visto que o texto deste – *A história da literatura como provocação à teoria*

¹⁷ LIMA, Luiz Costa (Coord. e Trad.). *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Hans Robert Jauss... et al. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 26.

literária – foi decisivo, em razão da exigência de mudança de paradigma na forma de encarar arte e realidade no momento, como já ficou esclarecido. O texto jausseano caiu no gosto dos estudantes da universidade de Constança, porque essa teoria apresentava um tom liberal e mostrava uma *via inexplorada* – articulava a qualidade estética da obra com a presença do leitor -, contrariamente à estética da produção, segundo a qual, a qualidade estética residia no produto; e o leitor, sujeito às normas impostas pelo autor, apenas era invocado para ser orientado quanto ao seu comportamento em relação ao texto.

Para Jauss, a interação de um leitor com uma obra literária “desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a *meio e fim*, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral de compreensão”¹⁸, a que o teórico denomina de *horizonte de expectativas*. Postula que é preciso descobrir qual é o horizonte de expectativas do receptor em relação à obra com a qual este entra em contato. Ainda segundo o autor, todos os leitores alimentam certas expectativas em relação aos textos que leem, determinadas por leituras anteriormente realizadas.

O termo “horizonte” indica o modo como um indivíduo se situa e apreende o mundo a partir de um ponto de vista subjetivo; e a expressão *horizonte de expectativas* precisa ser vista como uma característica fundamental de todas as situações de interpretação; e se constitui pelo conjunto de crenças, princípios assimilados e conteúdos, os mais variados, que, no ato interpretativo, interferem e podem limitar ou não a liberdade daquele que interpreta. O horizonte de expectativas funciona como “memória literária”, considerada como uma espécie de síntese de todas as leituras e aquisições culturais que um indivíduo tenha efetivado.

Com base nesses conceitos, é possível inferir que, num trabalho com leitura, precisa-se levar em conta, sempre, o horizonte de expectativas do leitor. E o melhor indicador para se determinar esse horizonte é a recepção da obra, é a leitura, no caso de literatura. Desconsiderar as expectativas do leitor pode significar um fracasso no ato recepcional e implicar o seu afastamento não só daquele texto ou obra específicos quanto também da leitura.

Se por um lado a Estética da Recepção insiste em que se contemplem as expectativas dos leitores no ato da leitura, Jauss amplia os pressupostos dessa teoria ao afirmar que o valor de uma obra se constitui à medida que ela contraria um sistema de respostas e quebra a percepção usual do sujeito. Para o autor, é boa a obra que exerce esse papel, pois atua como

¹⁸ JAUSS, Hans Robert. Trad. de Sérgio Tellaroli. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 28.

um estímulo para o leitor buscar o contato com o inabitual, com o que ainda não conhece, e assim mudar seu horizonte, ganhar experiência e ampliar sua visão de mundo.

Do ponto de vista da Estética da Recepção, do intervalo entre o que o objeto de arte apresenta (no caso, a obra literária) e os códigos estéticos em vigor, se define a *distância estética*, a partir da qual se podem julgar o valor e a originalidade de uma obra. Ou seja, quanto maior for essa distância, mais valor artístico contém esse objeto. Em contrapartida, e por essa mesma razão, se restringe muito a possibilidade de o público entendê-lo e, por consequência, aceitá-lo.

No entanto, a dificuldade encontrada pelo leitor na compreensão de uma obra considerada inovadora pode ser amenizada se ele fizer uso de seu conhecimento prévio. Portanto, o que se espera de um leitor é que ele, em contato com uma obra literária (como com qualquer outro texto), ative seu conhecimento prévio, sem o qual não consegue fazer as inferências necessárias para relacionar as diferentes partes da obra num todo coerente, e, assim, chegar à compreensão e à construção dos sentidos possibilitados por ela.

Contudo, se o leitor, mesmo ativando seu repertório anterior não consegue processar a compreensão da obra e, por consequência, a distância estética se mantém, ele precisa buscar mais informações e com isso possibilitar a si a alteração e a expansão do seu horizonte.

Poder-se-ia afirmar que a literatura como provocação inscreve o leitor num novo contexto e lhe confere um papel ativo, confirmado pelo mentor da nova estética: “É somente tendo em vista essa mudança de horizonte que a análise do efeito literário adentra a dimensão de uma história da literatura escrita pelo leitor”.¹⁹

Regina Zilberman, na abordagem sobre a Estética da Recepção, amplia e aprofunda o esclarecimento sobre a transformação do horizonte: “A reconstituição do horizonte de expectativas diante do qual foi criada e recebida uma obra possibilita chegar às perguntas a que [a obra] respondeu [...]”. Segundo a autora, a tarefa de compreensão de uma obra implica “a recuperação da pergunta do público por meio da análise do texto”, ou seja, é a partir da compreensão de um texto que se resgata a pergunta (que muda com o tempo!) cuja resposta é o próprio texto.²⁰

Resgatada a pergunta, ao leitor cabe agora acolher o novo e, assim, modificar as experiências conhecidas, assumindo outras mais adequadas. Entretanto, ele pode rejeitá-lo, em parte ou no todo. O acolhimento ou a aprovação permite a *reconstrução do horizonte*, que

¹⁹ JAUSS, *A história da literatura como provocação à teoria literária*, 1994, p. 33.

²⁰ ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989, p. 36-37.

não será mais o convencional, mas um diferenciado; e representa, ou uma ruptura total com o antigo, ou, simplesmente, um acréscimo.

São essas mudanças que desestabilizam padrões arraigados, visões estereotipadas. Na verdade, o permanente contato com a leitura tem o poder de “deixar em alerta” os condicionamentos que vão sendo assimilados através do contato com o mundo exterior para, num dado momento, serem substituídos por outros que o leitor entende serem mais convincentes. Tal atitude habilita-o e prepara-o para novas leituras e para novos encaminhamentos de compreensão.

Sintetizando o que foi explicitado até aqui, é possível assegurar que, a partir da aproximação do texto com o leitor, estabelece-se uma relação dialógica entre ambos, maior ou menor, dependendo do nível de identificação ou de rejeição da obra pelo leitor. Se o texto ratifica o sistema de valores culturais e sociais e as normas introjetadas pelo leitor, então o horizonte de expectativas deste não se altera e ele permanece numa situação cômoda. Se, pelo contrário, a obra provoca o leitor, desafia seu modo de compreender o mundo, poderá desencadear nele dois comportamentos: ou a aceita e assim modifica seu horizonte, ou a repele. Neste caso, a atitude se justifica porque o leitor não está disposto a entrar em conflito com seu sistema de valores, pois toda mudança gera medo e insegurança.

Seguindo esse mesmo raciocínio, Bordini e Aguiar, comentando a Estética da Recepção, afirmam que

diante de um texto que se distancia de seu horizonte de expectativas, o leitor, além de responder aos desafios [...], precisa adotar uma postura de disponibilidade, permitindo à obra que atue sobre seu esquema de expectativas através das estratégias textuais intencionadas para a veiculação de novas convenções.²¹

Essa atitude por parte do receptor implica, além de certo grau de maturidade psicológica (para se dar conta da necessidade de romper com seus referenciais), uma abertura motivada pelo desejo de conhecer sempre mais, de aprimorar seu potencial e de se superar permanentemente, ou seja, do leitor se requer uma certa formação.

Todavia, essas iniciativas “interiores” do leitor não são suficientes para que processe a apreensão de uma obra considerada de relevância. Ele precisa conhecer também os procedimentos textuais implicados na sua produção; em outras palavras, necessita ter domínio das normas que regem um texto escrito, as estratégias utilizadas pelo autor na construção dos sentidos, as convenções empregadas, bem como ter um mínimo de conhecimentos sobre

²¹ AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 84.

gêneros textuais e sobre a gramática da narrativa. Tudo isso somado a uma capacidade de análise que lhe permita fazer associações com o conhecimento prévio, sobre o qual já se falou nesta exposição.

Na concepção de Jauss, a experiência estética, construída pela inter-relação entre texto e receptor, passa por três momentos simultâneos e complementares – a *poiesis*, a *aisthesis* e a *katharsis* – fases essas que explicitam o papel libertador da arte, sob a feição de transgressão e de comunicação.

A *poiesis* designa o prazer de se sentir co-produtor e co-autor da obra de arte. A *aisthesis* corresponde ao efeito produzido pelo objeto artístico, manifestado pela mudança de percepção da realidade, ou seja, pela inovação que ela provoca. Por fim, a *katharsis* diz respeito à função social da arte, permitindo que o receptor passe a questionar e a se posicionar de modo diferente diante do mundo, o que denota a transformação de suas convicções.

Jauss formula de maneira brilhante essa idéia ao declarar que

a conduta de prazer estético, que é ao mesmo tempo liberação de e liberação para realiza-se por meio de três funções: para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*poiesis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar sua percepção, tanto na realidade externa quanto da interna (*aisthesis*); e, por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela anuência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas.²²

O autor propõe também que a história da literatura deve levar em conta as instâncias de recepção do texto. Para ele, uma obra é lida porque é compreendida; portanto, tem sentido para uma determinada época, para um grupo social; mas que as compreensões variam com o tempo. Acrescenta que não se pode pensar o texto como “possuído por um presente atemporal”, cujo sentido está “fixado para sempre”. Portanto, o texto carrega a marca de sua historicidade: para cada época, representa uma resposta diferente, do que resulta uma permanente reatualização interpretativa. Assim sendo, a perspectiva assumida por Jauss é claramente histórica.

De acordo com essa percepção, o objeto artístico é permeado pelas circunstâncias histórico-culturais que o geraram naquele momento; e representa a visão de seu criador no presente da criação. Portanto, ele agrega uma série de componentes que lhe são conferidos pelo seu produtor e que o caracterizam como pertencente àquela época e não a outra. Do mesmo modo, obras constituídas no passado são marcadas pelo momento de sua produção e

²² JAUSS, Hans Robert. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 102.

as experiências literárias que propiciaram. Porém, ao transporem o período em que elas apareceram, não perdem seu poder de ação; podem até ganhar maior importância, pela possibilidade de oferecerem uma revisão dos valores estabelecidos no passado, possibilidade essa amparada na maior percepção do leitor no presente. Em razão disso, segundo Flory, a obra possibilita “reconstruir a evolução das sensibilidades, da mudança de geração ou épocas, das transformações e oscilações de gostos, das ideologias dominantes, do ser histórico por detrás de um texto”.²³

É importante ressaltar que o grande mérito das teorias da recepção, tanto na visão de Jauss quanto na de Iser, foi colocar o leitor em evidência; ele saiu das margens onde se encontrava para ocupar o centro dos estudos literários. Nesse sentido, o questionamento à visão essencialista da arte literária é contundente.

Por outro lado, é preciso alertar que essas novas teorias não anulam a importância da criação literária e o papel do autor, pois ele fica subentendido no resultado final, que é o texto. As estratégias textuais, as escolhas de linguagem e o modo como essa linguagem é empregada, além dos aspectos culturais, políticos e ideológicos, revelam a presença do autor como dinamizador do construto textual; e servem de estímulo ao leitor para o trabalho de interpretação.

Também não é exagero chamar a atenção para o fato de que, embora o leitor tenha um papel fundamental na construção de sentidos na relação com o texto, ele tem de ter a clareza de que sentidos considerados absurdos não contam. Para evitar equívocos nesse aspecto, Iser afirma que o texto possui mecanismos de autorregulação, impedindo o leitor de agir somente motivado pelas suas projeções. Na mesma linha de pensamento, pode ser colocada a afirmação de Umberto Eco:

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto.²⁴

O autor vai além:

²³ FLORY, Suely Fadul Villibor. *O leitor e o labirinto*. São Paulo: Arte e Ciência, 2000, p. 32.

²⁴ ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 12.

Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida, mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que ‘não’ podemos tomar como ponto de partida para interpretações livres.²⁵

Dessa forma, há evidência explícita nas afirmações de Umberto Eco de que sentidos “perturbados” (grifo da autora) na interpretação não podem ser aceitos, pois há “limites da interpretação” e os direitos do texto precisam ser preservados. Em nome da valorização do papel do leitor, não se pode incorrer no equívoco de achar que este sempre tem razão e de que qualquer interpretação serve.

Para que não parem dúvidas no que concerne à coerência interpretativa, Eco acrescenta: “Concluir como um texto funciona significa concluir qual de seus vários aspectos é ou pode ser relevante ou pertinente para uma interpretação coerente, e quais continuam marginais e incapazes de sustentar uma leitura coerente.”²⁶

Como se pode constatar, o semiólogo reafirma a sua postura contrária à radicalização no tocante à interpretação textual. O processo de apreensão de significados se legitima tanto na construção do autor quanto na reconstrução do leitor. A obra literária resulta dessa interação, segundo o autor.

Em resumo, tanto Jauss quanto Iser remetem, ainda que de modo distinto, como ficou exposto, à figura do leitor: o primeiro está interessado na recepção da obra, no modo como é ou deveria ser recebida; o segundo concentra seu foco no efeito que a obra causa no leitor, na relação que se estabelece entre ambos – texto e leitor – no processo de leitura.

1.3 A ficção brasileira contemporânea: desafios à vista

A obra literária, assim como toda arte, além de propiciar uma revitalização a partir de uma releitura no presente, também pode se antecipar à sociedade. É o que se verifica nas produções literárias contemporâneas, em sua maioria. Elas rompem com os padrões estabelecidos seja no tocante à temática, seja nos códigos linguísticos e estruturais, provocando estranhamento e exigindo uma participação ativa do leitor para a sua

²⁵ ECO, *Sobre a literatura*, 2003, p. 13.

²⁶ ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 171.

compreensão. Desta forma, [a literatura do presente] “coloca-se à frente da sociedade e exerce com mais vigor seu caráter emancipatório”.²⁷

Mais do que nunca, hoje, o homem pós-moderno convive com a incerteza, que pode levar ao caos, mas, por outro lado, essa situação ajuda a tirar a ilusão de que existem verdades absolutas e de que as ações humanas são passíveis de *catalogação* (grifo da autora) completa. Nesse aspecto, a arte contemporânea, particularmente a literatura, oferece o seu contributo no sentido de que, lidando com a imponderabilidade e com verdades relativas, abala estruturas rígidas, volta-se para o presente, sem a pretensão de oferecer soluções definitivas ou incorrer na armadilha de estabelecer outros cânones. Diante do texto, no presente, o leitor é convocado a entrar no jogo não para seguir um roteiro estabelecido previamente pelo autor ou para decodificar o sentido proposto por ele, mas para acessar seu pensamento e sua imaginação a fim de montar o quebra-cabeça, a se dispor a fazer o percurso cheio de meandros e imprevistos, conviver com o inusitado literário para, no fim, descobrir-se desamparado, porém, mais amadurecido, mais senhor de si. Assim, a literatura contemporânea, mais do que noutros tempos, emancipa o leitor, valoriza sua criatividade, torna-o um cooperador textual.

Uma idéia-síntese do que se referiu anteriormente pode ser buscada em Júlio Diniz:

O leitor [contemporâneo] já não é mais o perseguidor das intenções veladas do autor, mas aquele que, suplementando o texto primeiro, rasura-o com sua potência de produção de sentidos outros, com a sua vontade de transcriar as noções antes inabaladas de origem e autoria.²⁸

E o mesmo autor, apoiando-se nas idéias do crítico Roberto Corrêa dos Santos, completa o perfil do leitor pós-moderno:

Emerge, em contraface, uma leitura sob o regime de superfície, em que o agenciamento das forças que atuam na representação do texto abandona a cena do profundo (no que ela importa enquanto centro, unidade, verdade) e procura examinar a exterioridade, os cruzamentos e as relações que constituem um texto, como superfície plana, labiríntica e vertiginosa.²⁹

Num primeiro olhar, essas duas idéias parecem paradoxais. Mas, se analisadas no contexto do pós-moderno, mostram com nitidez o comportamento típico do leitor do presente, que não se sujeita mais a ser um mero espectador – ele quer *assinar* sua presença no texto, recriando-o e ressignificando-o. Mas, ao interferir na obra, ele o faz sem buscar verdades

²⁷ ZILBERMAN, *Estética da recepção e história da literatura*, 1989, p. 50-51.

²⁸ DINIZ, Apontamentos sobre o significado, sentido e interpretante na leitura. In: RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Questões de leitura*, 2003, p. 24.

²⁹ *Ibid.*, p. 24.

perenes, sentidos transcendentais, profundos. Em outras palavras, ele se atém aos aspectos de horizontalidade, pois neles a vida, na qual ele está imerso, flui vertiginosamente.

E poder-se-ia dizer que hoje existe um verdadeiro manancial de produções literárias que, não mais assentadas no *princípio-esperança* (esperança de construção de uma sociedade melhor), como aconteceu nas estéticas anteriores, mas no *princípio-realidade*, se voltam para o presente, caracterizado pela desagregação em todos os sentidos e pela convivência com a dúvida permanente.

A literatura (assim como a arte em geral) muda e assume um outro paradigma - não de rompimento com o modernismo (que a precedeu), mas da sua radicalização. Nas produções escritas, a fronteira entre o erudito e o popular se torna muito tênue, pois o livro passa a ser um produto a ser consumido em larga escala. Além disso, proliferam obras de autoajuda, que servem de compensação moral e espiritual, através das quais o indivíduo busca um sentido para a sua existência, pois ele se sente esvaziado em sua essência – o valor do Ser foi reduzido a um valor de troca. Tudo respira mobilidade, deslocamento, fragmentação, desreferencialização.

Flávio Carneiro contextualiza exemplarmente a literatura pós-utópica – a do final do século XX e início do século XXI –, caracterizada pelo chamado “deslocamento”:

Deslocamento das ideologias estabelecidas – esquerda e direita – para uma postura múltipla, multifacetada, herança talvez dos movimentos da contracultura. Deslocamento dos grandes projetos para os projetos particulares, formulados numa perspectiva menos pretensiosa, em que o posto de missionário, porta-voz do novo, é preenchido pelo cidadão comum, preocupado menos com rupturas radicais do que com a convivência possível com o próprio presente.³⁰

É que se verifica nas produções literárias contemporâneas, longas e curtas - a ausência dos grandes heróis, responsáveis por grandes feitos. Em contrapartida, as obras se atém, sobretudo, no desenrolar dos fatos do cotidiano, sem grandes choques ou atropelos. Contrariamente às obras do passado, as personagens reassumem suas características humanas – o cinismo, a desconfiança e todas as mazelas típicas de um espírito de época descrente e sem valores autênticos. A ausência de motivação para lutar por uma sociedade mais coerente (resultante do descrédito nas instituições e na consciência do relativismo das leis) impede a construção de obras de cunho mais combativo, como ocorreu em épocas precedentes.

³⁰ CARNEIRO, Flávio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 18-19.

Por outro lado, com base em Flávio Carneiro na obra já citada, a literatura contemporânea, tanto o romance quanto o conto, se enriquecem com a incorporação de outras linguagens utilizadas pela mídia. Vale lembrar, porém, que essas linguagens se caracterizam pela efemeridade, pelo *inacabamento*, marcas de uma época de valores e normas fluidos, de verdades relativas.

Em razão desse agregado de linguagens várias, surge uma multiplicidade de estilos com os quais a prosa contemporânea, particularmente a do início do século XXI, procura conviver pacificamente. A marca registrada da presente época é a ausência de embates entre forças conflitantes, fato que a literatura registra e toma para si como norma. Dessa forma, na arte em geral e na literatura em particular, “parece haver lugar para todas as experimentações, não só para aquelas que marcaram os últimos vinte anos de nossa ficção como também as anteriores, de feição vanguardista ou mesmo pré-modernas”.³¹

No que concerne à estrutura narrativa, não há mais como pensar em narrador onisciente, em personagens devidamente situadas e caracterizadas, em espaços claramente delineados, em comunicação objetiva. O teórico Carlos Reis oferece um perfil básico da narrativa pós-modernista ou contemporânea:

[Ela] corresponde a uma tentativa de subverter o cânone [...] através da rearticulação de suas categorias fundamentais. [...] O novo romance desvaloriza a intriga, transforma a personagem numa figura errática e de contornos imprecisos, reelabora e dissolve o tempo enquanto cronologia rígida, representa os objetos como entidades imediatamente facultadas e esvaziadas de significado etc.³²

Inspirando-se nas técnicas cinematográficas, a narrativa contemporânea se identifica pela fragmentação do discurso, pela presença de imagens truncadas, pelos cortes repentinos, pela simultaneidade de ações. No discurso é abundante o emprego da redundância, com o intuito de esclarecer possíveis incompreensões. Além disso, o escritor se apropria da linguagem popular e procura construir uma literatura para o povo. Por sua vez, o narrador, até há pouco nitidamente marcado, agora se dilui e mistura-se a uma multiplicidade de vozes, muitas vezes indefinidas, anônimas e incompletas. Quanto ao espaço, ele é remanejado, e não delimitado de forma rígida e claramente desenhado como no romance clássico. No tocante aos temas abordados, tudo pode ser matéria para a narrativa: a ciência, a religião, a geografia... desde que se prestem aos objetivos da construção narrativa.

³¹ CARNEIRO, *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, 2005, p. 33.

³² REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 360.

Além desses aspectos temático-estruturais, a intertextualidade e o dialogismo marcam fortemente a literatura pós-moderna, aos quais aliam-se outras características: a mistura de gêneros, a intensificação do ludismo (esta última responsável por uma liberdade plena de expressão e de conteúdo) e a multiplicidade (presença simultânea de elementos heterogêneos). Essas características estéticas são amplamente valorizadas pela teoria e perseguidas pela prática literária.

1.3.1 A literatura contemporânea e a Estética da Recepção

Assim como todo texto literário, a narrativa pós-moderna não pode ser concebida desvinculada da Estética da Recepção. Independentemente do estilo ou dos estilos de literatura em vigência, importa que se considere, em qualquer caso, o leitor como sujeito da recepção, a quem cabe o papel de estabelecer o valor e o significado de uma obra e a quem se confere o *status* de co-autor dela.

A teoria recepcional não se põe a favor ou contra qualquer escritura literária, pois que ela diz respeito à relação que se estabelece entre a obra e o leitor no ato de leitura. Então, resta chamar a atenção para a necessidade de se formar leitores com competência para ler/interpretar/interagir. E aqui ganha importância o papel do mediador da obra literária e o uso que ele faz de instrumentos e estratégias de aproximação do leitor ao texto.

Segundo Raúl Cremades, “el mediador es puente o enlace entre los libros y esos primeros lectores que propicia y facilita el diálogo entre ambos”.³³ Esse “ponto de enlace” autor-leitor poderá ser facilitado (pelo menos é o que se pensa) se, intelectual e tecnicamente, o mediador estiver preparado. Quanto mais ele souber sobre leitura e quanto mais souber tornar a atividade de leitura atraente, tanto mais terá chance de seduzir leitores, na visão de Ângela Kleiman. Em outras palavras: o mediador, além de ser um “modelo de leitor apaixonado pelo livro”, deverá ter o domínio de estratégias de leitura capazes de solicitar o “engajamento cognitivo” (duas expressões utilizadas por Kleiman) do leitor ao texto.

A afirmação da referida autora é clara e incisiva:

³³ CREMADES, Raúl. Animación a la lectura a través de acercamiento al proceso de creación literaria. In: RETTENMAIER, Miguel; BARBOSA, Márcia H. S.; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004, p. 130.

Somente quando se ensina o aluno [ou o receptor] a perceber esse objeto que é o texto em toda a sua beleza e complexidade, isto é, como está estruturado, como produz sentidos, quantos significados podem ser aí sucessivamente revelados, ou seja, somente quando são mostrados ao aluno [ao receptor] modos de se envolver com esse objeto, mobilizando os seus saberes, memórias, sentimentos para, assim, compreendê-lo, há ensino de leitura.³⁴

Dessa idéia da pesquisadora pode-se auferir um “programa” (grifo da autora) prático valioso para o ensino da leitura que, como ela evidencia, não se resume, simplesmente, em desenvolver o interesse do aluno por meio de sua participação em atividades diversificadas. Em si, essas atividades, se não visarem a um objetivo bem definido, para nada servem. Há que se pensar, em primeiro lugar, num conjunto de instrumentos e estratégias capazes de mostrar como um texto funciona e capazes de revelar também toda a sua beleza e seu potencial comunicativo. Dessa forma, através de seu envolvimento, o leitor (aluno) deverá ser capaz de não somente compreender, mas também de construir para o texto significados ainda não vislumbrados. “Entender como a linguagem funciona não diminui o prazer de falar, nem de ouvir o murmúrio eterno dos textos”³⁵, concluiria Umberto Eco.

Infelizmente, apesar da consistência das teorias sobre leitura e de sua ampla difusão, a escola, representada, sobretudo, pelos professores de leitura, ainda se encontra despreparada para assumir ações efetivas para formar leitores pensantes e críticos. E o desconhecimento do leitor de que o texto/a literatura pode gerar satisfação pelo atendimento à sua necessidade de saber e de dar sentido à sua existência tem afastado dos livros grande parte dos jovens.

Encontrar um caminho que leve o aluno de volta à literatura e nela fazer descobrimentos interessantes é o desafio que se impõe ao mediador de leitura do texto literário.

³⁴ KLEIMAN, Ângela. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. Teorias de leitura e ensino. In: RÔSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 22.

³⁵ ECO, *Interpretação e superinterpretação*, 2005, p. 174.

2 A PESQUISA

Este capítulo descreve o princípio gerador da proposta investigativa, a razão dessa escolha, bem como o percurso metodológico seguido para a obtenção e o tratamento dos dados da pesquisa, compreendendo, este último, os instrumentos e os procedimentos utilizados para a coleta das informações e as características dos leitores informantes.

A investigação presente nasceu de uma constatação e, ao mesmo tempo, de uma necessidade:

a) A constatação de que a leitura ainda é tratada na escola com muita relutância, talvez porque um número significativo de profissionais responsáveis pelo ensino da leitura não são leitores, muito menos leitores entusiastas; dessa forma, despreparados para incentivar a leitura e para desencadear processos de reflexão e de criticidade sobre a linguagem que ensinam. Além disso, as famílias, em sua maioria, não têm condições de acompanhar o processo educativo de seus filhos, seja porque os pais trabalham em tempo integral, seja pela precária formação escolar e familiar recebida, motivos que justificariam por que não os estimulam a ler e a estudar.

b) A necessidade urgente de se seduzir leitores de qualquer idade para a leitura de textos literários, pois se entende que a leitura, independentemente do suporte em que se processe, é o instrumento mais eficaz para a formação de pessoas ativas, críticas, autônomas, cidadãos.

A fim de chegar ao alcance dos objetivos propostos e, por consequência, contribuir para a formação de leitores ou para transformar os indecisos em leitores mais convictos, a pesquisa adotou como parâmetro básico a leitura de textos narrativos contemporâneos, longos e curtos, em sua maior parte publicados no século XXI.

Tal escolha encontra sua justificativa no fato de que a narrativa literária tem grande potencialidade de concretização na vida real do leitor; a trama esboçada é passível de

atualização pela interação entre texto e leitor, via identificação deste com aquele. E o texto contemporâneo, caracterizado pelo enredo fragmentado, por cenas interpostas, por fatos imprevistos que deslocam os sentidos, acaba revelando as muitas faces do leitor.

Por essa razão, a leitura de um texto contemporâneo exige uma postura diferenciada, porque o leitor é compelido a pôr em ação procedimentos cognitivos complexos a fim de construir caminhos que o levem à compreensão e à ressignificação do texto. Além disso, em razão da maior liberdade artística que caracteriza essa narrativa, a obra articula um acentuado grau de transgressão, o que favorece o questionamento às normas vigentes, aos costumes, aos preconceitos e à intolerância. Por fim, a narrativa pós-moderna, ao responder a questões ligadas à realidade do leitor e ao veicular discursos linguisticamente idênticos aos dele, favorece sua aproximação ao texto.

2.1 Concepção de pesquisa e de metodologia

A acepção que melhor se relaciona com o enfoque deste trabalho é a que define “pesquisa” como sendo um conjunto de atividades e de estratégias, planejadas e integradas, que têm por finalidade obter informações sobre uma realidade específica para, posteriormente, propor soluções para o caso estudado, ou, no mínimo, levar à reflexão, a partir da articulação entre as fontes teóricas e as informações levantadas

“Metodologia”, aqui, traduz o caminho, os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa, que respondem ao *como fazê-la de forma eficiente*.

Se nossas conclusões somente são possíveis em razão dos instrumentos que utilizamos e da interpretação dos resultados a que o uso dos instrumentos permite chegar, relatar procedimentos de pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece a outros a possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos.³⁶

Portanto, a construção do objeto supõe, obrigatoriamente, a definição de um percurso que mais se adegue aos objetivos que se deseja alcançar.

³⁶ DUARTE, Rosália. *Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em 2 out. 2008.

2.2 Caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa

Esta proposta contou com o apoio de vinte e quatro sujeitos de diferentes idades, estudantes ou não, residentes na cidade de Erechim – RS, provindos de diferentes profissões e graus de escolaridade, em sua maior parte ligados, de alguma forma, à escola Estadual Professor Mantovani, onde a pesquisadora atua como professora, e que aceitaram o convite, feito por escrito e/ou pessoalmente, a fim de participarem dos encontros para lerem e discutirem as obras e os textos que constituem o *corpus*.

É necessário elucidar que esses participantes não foram informados de que a proposta se constituía num trabalho de investigação. Pretendia-se, com isso, tornar as ações dos informantes o mais espontâneas possível, evitando-se que eles controlassem suas atitudes e respostas e a pesquisa perdesse sua eficácia.

No que diz respeito à organização dos eventos literários, dois critérios foram considerados primordialmente: ser ou não um leitor com o hábito de leitura e ter disponibilidade de horário para comparecer aos encontros. Com base nesses critérios, foram formados dois grupos de leitores: o primeiro, designado Grupo I, composto por nove sujeitos, com idade entre dezessete e cinquenta e oito anos, os quais optaram por reunir-se duas vezes ao mês, às segundas-feiras, às 17h30min, na Escola Estadual Professor Mantovani, a fim de discutir cada livro proposto. Esse horário se lhes revelava o mais propício, pois quatro desses sujeitos eram professores do turno da tarde e, à noite, também lecionavam. Dos cinco restantes, um era estudante de Jornalismo, um, enfermeira, um, dona de casa, um, professor aposentado e um, estudante do curso de Letras.

Todos os componentes desse grupo já tinham o hábito de ler. De acordo com seus depoimentos, aceitaram o convite para participar dos encontros porque viam neles a oportunidade de aprofundarem o conhecimento sobre a literatura e a de se manterem atualizados em relação à literatura contemporânea, que afirmaram desconhecer. Em razão disso, a opção do grupo foi pela leitura dos textos longos selecionados – uma obra finalista e duas concorrentes ao 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura; e uma finalista e duas concorrentes ao 5º Prêmio – já que a proposta previa a leitura de obras e também de textos narrativos curtos.

Nesta pesquisa, os componentes deste grupo serão indicados pela convenção: S.1, S.2, S.3, S.4, S.5, S.6, S.7, S.8 e S.9.

O outro grupo, designado Grupo II, composto pelos quinze sujeitos restantes, com idade entre quinze e vinte e dois anos, decidiu reunir-se às terças-feiras, às 19h30min, na

Escola Estadual Professor Mantovani. À exceção de um, todos os outros componentes deste grupo eram estudantes do ensino médio diurno de três escolas estaduais de Erechim – RS. A maior parte deles também trabalhava no turno da tarde ou cuidava de irmãos menores. Como estes sujeitos não tinham o hábito de ler, aderiram ao grupo porque entreviram a possibilidade de despertarem o gosto – foi o que afirmaram em depoimento.

Nesta pesquisa, os componentes deste segundo grupo serão indicados pela convenção: P.1, P.2, P.3, P.4, P.5, P.6, P.7, P.8, P.9, P.10, P.11, P.12, P.13, P.14 e P.15.

Quanto à escolaridade, os integrantes dos dois grupos figuravam entre o ensino médio em curso ou completo até a especialização em curso superior. Portanto, esse é um dado facilitador para o encaminhamento da proposta, já que todos dispunham de preparo cultural suficiente (supunha-se) para corresponder ao tipo de trabalho proposto para cada grupo.

2.3 Instrumentos e procedimentos para a coleta de dados e escolha do *corpus*

O presente trabalho de pesquisa constitui-se num estudo de natureza eminentemente qualitativa, porque privilegia ações sociais de grupos, a partir das quais a pesquisadora desenvolverá idéias e entendimentos, em confronto com o plano teórico anteriormente delineado. Trata-se, portanto, de uma metodologia que se constrói através do processo indutivo: da coleta, da ordenação, da análise e da interpretação dos dados resultará a compreensão do fenômeno em estudo – a sedução e a confirmação de leitores pela leitura -, em outras palavras, a produção da teoria.

Dauster³⁷ afirma que os métodos qualitativos de pesquisa têm como finalidade “compreender redes de significado a partir do ponto de vista do *outro*, operando com a lógica e não apenas com a sistematização de suas categorias”, como ocorre com os métodos de pesquisa quantitativos. Assim, os métodos qualitativos de investigação se fundamentam em ações interativas, nascidas do coletivo, da equipe ou equipes. No caso presente, considera-se tal método como o mais adequado, em vista da natureza social do fenômeno investigado.

A primeira ação efetiva por parte da pesquisadora para a concretização deste trabalho investigativo foi passar em todas as salas de aula da Escola Estadual Professor Mantovani – Erechim – RS, nos turnos da manhã e tarde, fazer o convite aos alunos do Ensino Médio e deixar por escrito um convite aos pais dos alunos do Ensino Fundamental para participarem

³⁷ DAUSTER, T. A fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. *Revista de Educação / PUC – Rio*, n. 49, nov. de 1999, p. 20.

dos encontros de estudo. Recebidos os inscritos, foi feita uma reunião, na qual se estabeleceram os procedimentos práticos relativos ao trabalho e foram definidos os dois grupos de acordo com os critérios explicados na seção anterior. Naquele momento, cada grupo tomou conhecimento das obras e dos gêneros textuais que seriam lidos e debatidos durante a realização da proposta.

As seguintes obras foram selecionadas para a leitura e a discussão pelo Grupo I:

<i>Autor</i>	<i>Obra</i>	<i>Editora</i>
Chico Buarque	<i>Budapeste</i> (vencedora do 4º Prêmio)	Companhia das Letras
Francisco J.C.Dantas	<i>Sob o peso das sombras</i> (finalista ao 4º Prêmio)	Planeta
Silviano Santiago	<i>O falso mentiroso</i> (finalista ao 4º Prêmio)	Rocco
Mia Couto	<i>O outro pé da sereia</i> (vencedora do 5º Prêmio)	Companhia das Letras
Milton Hatoum	<i>Cinzas do Norte</i> (finalista ao 5º Prêmio)	Companhia das Letras
Daniel Galera	<i>Mãos de Cavalo</i> (finalista ao 5º Prêmio)	Companhia das Letras

Os seguintes gêneros narrativos foram selecionados para a leitura e a discussão pelo Grupo II:

Contos

Crônicas

Poemas de cordel

Cartas

Biografias

Doze encontros foram realizados com o Grupo I para a efetivação da proposta, que iniciou em agosto de 2007 e se estendeu até 2 de junho de 2008 (Anexo 1). O décimo terceiro encontro foi reservado à primeira etapa da coleta de informações, concretizada através de depoimentos orais, que teve como suporte a seguinte questão: O que achou dos encontros de literatura – a leitura e a discussão das seis obras propostas motivaram-no(a) a se tornar um leitor mais convicto?

A segunda etapa da coleta ocorreu no encontro seguinte; utilizou-se como instrumento um questionário escrito (Anexo 2) – Questionário para o Grupo I -, o qual procurou verificar quatro aspectos básicos:

- a identificação dos sujeitos;
- a percepção dos sujeitos sobre si enquanto leitores antes da proposta;
- a avaliação do trabalho realizado;

- as eventuais mudanças resultantes do trabalho realizado e a possibilidade de desdobramentos da proposta no futuro.

Quatorze encontros foram realizados com o Grupo II, os quais se estenderam até 24 de junho de 2008 (Anexo 3). No décimo quinto encontro, foram coletados os depoimentos orais dos sujeitos participantes, com base nas seguintes questões:

a) O que você tem a dizer sobre os encontros de literatura realizados:

- a forma como aconteceram;
- sobre os textos e os autores abordados?

b) A leitura e as discussões motivaram-no(a) a se tornar um leitor e um leitor entusiasmado?

No último encontro (15 de julho de 2008), foi aplicado um questionário escrito (Anexo 4) – Questionário para o Grupo II -, com questões de igual teor e estrutura que as do Grupo I, visando verificar os mesmos aspectos, pois, para ambos os grupos, o objetivo fundamental era o mesmo.

Um terceiro procedimento para a obtenção dos dados da pesquisa foi utilizado nos dois grupos – a observação direta -, obviamente realizada durante o desenvolvimento da proposta propriamente dita, e que foi de grande valia, pois registrou atitudes práticas dos participantes no que diz respeito à leitura. São as atitudes concretas que conferem maior credibilidade, pois denotam efetivas mudanças, ou o contrário, por parte dos pesquisados.

2.4 Sobre o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e sua importância

Em agosto de 1981, nascia em Passo Fundo – RS, a Primeira Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, fruto de um audacioso projeto voltado para a formação de leitores, idealizado e coordenado pela Professora Dr. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing. Esse evento literário deu origem ao que se convencionou chamar, mais tarde, Jornadas Nacionais de Literatura que, a partir de então, vêm se realizando em Passo Fundo – RS e visam “formar leitores que priorizam o texto literário e que, ao mesmo tempo, sejam entendedores das peculiaridades dos textos apresentados em diferentes suportes e das nuances das linguagens de distintas manifestações culturais”.³⁸

³⁸ RÖSING, Tania M. K.; CANELLES, Lurdes (Org.). *Jornadas Literárias de Passo Fundo: 25 anos de história*. In: *Edição Comemorativa das Jornadas Literárias 25 Anos*, V. 1, Passo Fundo: UPF, 2006, p. 17.

Mas, talvez, os idealizadores desse projeto não imaginavam que “o evento realizado em 1981 se transformaria numa movimentação cultural imensurável, unindo educação e cultura”.³⁹ Aliás, é essa idéia que dá suporte às Jornadas, consideradas como um dos maiores programas de formação de leitores.

O diálogo entre os autores e os leitores presentes, possibilitado mais eficazmente pela leitura antecipada das obras, o debate literário, a presença dos atores em suas mais diversas configurações artísticas são a marca distintiva das Jornadas.

Em sua evolução, esses eventos literários tiveram variados desdobramentos, um dos quais foi a criação do Prêmio Passo Fundo de Literatura, “instituído pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo – RS, por meio da Lei nº 3366, de 28 de agosto de 1998 e patrocinado, em suas cinco primeiras edições, pela Companhia Zaffari Comércio e Indústria – RS, que viabiliza o pagamento de cem mil reais ao autor do melhor romance em língua portuguesa publicado nos dois anos imediatamente anteriores à realização de cada Jornada Literária”⁴⁰. Tal premiação vem acontecendo desde a oitava edição da Jornada, realizada em 1999.

Obras já contempladas com esse Prêmio:

A obra vencedora do primeiro Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura foi *Tratado da altura das estrelas* (EDIPUC - RS – IEL, 1997), de Sinval Medina.

A segunda edição do Prêmio ocorreu dois anos depois, e coube a Salim Miguel, pela obra *Nur na escuridão* (Topbooks) e a Antônio Torres, por *Meu querido canibal* (Record), que dividiram os cem mil reais.

Plínio Cabral ficou com o terceiro Prêmio em 2002, pela autoria de *O riso da agonia* (Escrituras).

O quarto Prêmio foi para Chico Buarque em 2005, pela obra *Budapeste* (Companhia das Letras).

O escritor moçambicano Mia Couto, com a obra *O outro pé da sereia* (Companhia das Letras), levou o Prêmio em 2007, durante a 12ª Jornada de Literatura.

A importância desse Prêmio (assim como o de tantos outros) é incontestável para a vitalização da literatura, primeiramente porque serve de estímulo aos escritores a produzirem obras de sempre maior qualidade, ao mesmo tempo em que concorre para tornar essas obras conhecidas no cenário literário. A partir de um prêmio, o autor, também, abraça a causa de

³⁹ RÖSING; CANELLES (Org.). Jornadas Literárias de Passo Fundo: 25 anos de história. In: *Edição Comemorativa das Jornadas Literárias 25 Anos*, V.1, 2006, p. 18.

⁴⁰ Cf. Folder da 12ª Jornada de 2007.

estar próximo do público, fato que contribui enormemente para despertar o interesse dos leitores pela obra e, por extensão, pela literatura.

Além disso, um prêmio literário, sem dúvida, ativa o interesse do mercado na divulgação das obras, o que não deixa de representar um reconhecimento ao autor. E não resta dúvida de que, a partir da divulgação das produções, cresce o intercâmbio cultural entre os povos, gerando o enriquecimento mútuo e a solidariedade. Em síntese: um prêmio literário incentiva o escritor a produzir obras de qualidade; e desperta o interesse do leitor para conhecer o autor e a obra premiada. O mercado, por sua vez, é instigado a editar e a divulgar esse produto. No final, todos ganham e saem desse círculo fortalecidos, pois, na sua condução, todos os envolvidos tomaram parte da construção ou da reconstrução do objeto artístico.

No caso específico do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, além disso, ele presta uma homenagem valiosa aos melhores romancistas de língua portuguesa, pois é a eles que o Prêmio se destina, com isso valorizando não somente o idioma, mas também tudo aquilo que uma língua representa para os seus falantes.

Para Passo Fundo e para a UPF, que promovem as Jornadas, o Prêmio se constitui como um polo para o qual converge e através do qual circula o que há de melhor em termos de produção literária contemporânea em nossa língua. Então, o município e a instituição, mais do que se projetarem como os grandes promotores da arte e da cultura no cenário estadual, nacional e mesmo internacional, consagram-se os primeiros e legítimos beneficiários de todo esse aporte artístico-cultural.

Por fim, concretizando o desejo primordial de seus idealizadores, esse Prêmio contribui enormemente para estimular a leitura e o debate crítico das obras desses autores, o que significa o alcance da meta número um: o envolvimento do leitor com a leitura, este, sim, o maior espetáculo literário de que se tem notícia.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Concluído o trabalho prático de leitura e discussão, recolhidos e organizados os materiais obtidos a partir da aplicação dos instrumentos já relatados, parte-se para o cruzamento desses registros com as fontes teóricas que dão suporte à pesquisa. O resultado dessa análise constituir-se-á como que uma “prova” da viabilidade do projeto para a formação de leitores, posto em ação pela pesquisadora com o auxílio dos vinte e quatro sujeitos envolvidos.

Nesta seção, será respeitada a mesma sequência temporal adotada quando da aplicação dos instrumentos para a investigação. Portanto, num primeiro momento, serão discutidas as informações trazidas pelos depoimentos dos dois grupos, posteriormente, as que dizem respeito ao questionário escrito e, por último, as resultantes da observação direta da pesquisadora sobre os pesquisados.

3.1 Análise dos resultados obtidos através dos depoimentos orais – Grupo I e Grupo II

Os depoimentos orais realizados pelo Grupo I (responsável pela leitura dos textos longos) foram gravados e depois transcritos, tendo-se o cuidado, no momento dos registros, de não omitir dados de importância expressos por esses sujeitos participantes; os do Grupo II foram sendo anotados por um dos seus integrantes à medida que os pesquisados iam depondo.

Com o propósito de evitar repetições desnecessárias que transformariam o presente texto numa espécie de relatório enfadonho, os depoimentos análogos foram reunidos numa mesma idéia-chave, a qual será discutida logo depois. No entanto, quando se fizer necessário confirmar uma afirmação, será utilizada a transcrição literal das declarações.

Uma questão foi lançada aos pesquisados no intuito de melhor direcionar as posições de cada um para o objetivo visado: Qual a sua opinião sobre os encontros de literatura – a leitura e a discussão das seis obras (ou dos textos, para o Grupo II) propostas (os) motivaram-no (a) a se tornar um leitor mais convicto?

As idéias-chave, por sua vez, foram distribuídas de acordo com a referência a três itens nos quais se desdobra a questão:

- avaliação dos encontros;
- avaliação das obras lidas e discutidas;
- resultado do trabalho em relação aos sujeitos.

No tocante *ao valor dos encontros literários*, a oportunidade de trocar experiências de leitura foi a idéia mais enfatizada. “Eu já gostava de ler antes de entrar no grupo, mas esse trabalho fortaleceu ainda mais o gosto pela leitura, pelo fato de que pudemos discutir, assim facilitando a compreensão e a troca de idéias, o que é muito enriquecedor” (S.9). “O bom das leituras é que a gente pôde sentar e debater, dar opiniões...” (S.4).

Explícita ou implicitamente, todos os sujeitos dos dois grupos destacaram a importância do intercâmbio na construção da compreensão e do(s) sentido(s) de um texto ou de uma obra. É do confronto de uma percepção com outros pontos de vista que uma visão original se amplia em razão do despertar de outros aspectos ainda não vislumbrados.

É comportamento comum entre os pensadores da linguagem a defesa de estratégias discursivas que contemplem o(s) dizer (es) dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo. A leitura/comunicação, como prática social por excelência, demanda o exercício constante da interação, tida como garantia e defesa da alteridade. Yunes ratifica essa idéia de forma exemplar: “Justamente aí, na formação de nossa capacidade de dizer e de nos dizer, está o extraordinário poder da linguagem de potencializar nosso pensamento, de nos ensinar a pensar com alguma autonomia e criticidade”.⁴¹

No trabalho pedagógico, seria de muita utilidade incluir a conversa e o debate sobre um texto ou sobre uma obra, pois o intercâmbio de idéias possibilita diferentes formas de interpretação, do que resulta a construção de um conhecimento compartilhado e, por consequência, o enriquecimento mútuo. “A troca de informações e de visões sobre os livros me propiciou um maior leque de compreensão” (S.7) - é mais uma declaração comprobatória do que se afirmou precedentemente.

⁴¹ YUNES, Eliana. Políticas públicas de leitura. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 16.

Quando se pensa em renovação das práticas pedagógicas de leitura, dever-se-iam contemplar metodologias orientadas para uma visão socioconstrutiva, nelas incluindo todos os agentes envolvidos no processo educativo - professores, gestores, alunos, bibliotecários, pais - a fim de se construir redes de ações que devem ser assumidas coletivamente, possibilitando a criação de uma mentalidade leitora entre toda a comunidade escolar.

Portanto, ao apontarem a interlocução como um aspecto relevante da proposta realizada, os sujeitos estão sugerindo que essa estratégia se mostra muito eficaz nas práticas de leitura, porque possibilita múltiplos discursos e, por consequência, múltiplas leituras para um mesmo texto. Com isso, as vozes de todos os sujeitos envolvidos são valorizadas, viabilizando uma cidadania de fato, pelo exercício da palavra e da reflexão.

Uma segunda idéia posta em destaque pelos sujeitos, nos seus depoimentos sobre a validade dos encontros literários, é o que responsabiliza esse “programa” (grifo da autora) de leitura pelo despertar do interesse pelos autores e pelas obras do presente.

Com o intuito de evitar mal-entendidos, há que se lembrar que a presente proposta objetiva, fundamentalmente, estimular o prazer de ler pelas vias da leitura de textos contemporâneos, considerada como uma das muitas alternativas viáveis na formação de leitores. Essa opção, portanto, não implica menosprezo ou desconsideração pelas estéticas anteriores, ou pelas obras clássicas, o que seria um absurdo, em razão do indiscutível valor dessas produções.

Todavia, afirmações como esta “A leitura das obras foi muito valiosa, tendo em vista que eu não tinha conhecimento de literatura contemporânea” (S.1) podem ser tomadas como um indicativo de que na escola se trabalha a literatura sempre do mesmo jeito, visando preparar o aluno para o vestibular.

Vera Teixeira de Aguiar expõe com muita objetividade como, em geral, se processa o ensino da literatura:

A escola não consegue levar o aluno a reconhecer o legado literário com o qual convive no dia-a-dia, nem o coloca em contato com o conhecimento histórico que pode dar sentido ao presente. O tipo de historicidade literária que o estudante constrói a partir das aulas e estímulos culturais com os quais se relaciona não passa de um dever de buscar correspondência entre textos literários, muitas vezes não lidos e, assim, desconhecidos enquanto estética, e períodos da história da literatura, com certos fatos sócio-políticos postos em destaque, e listas de características estilísticas e temáticas a eles referidas, de modo empírico e arbitrário.⁴²

⁴² AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura da literatura à luz da história. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003, p.111-112.

E, em consequência, “não admira que o jovem que habita uma sociedade de características pós-modernas rejeite o ensino da história literária como ele costuma ser proposto pela escola”.⁴³

O convívio com diversos profissionais do ensino de leitura/literatura confirma as afirmações da pesquisadora. E as razões para isso são várias e complexas: a inadequada formação do professor e o excesso de trabalho a que é submetido em razão dos baixos salários, com a conseqüente falta de condições para se atualizar, o número exíguo de períodos para o trabalho com a literatura, os acervos literários pobres e desatualizados, a acomodação e o desinteresse que impedem a busca de soluções e de alternativas de maior eficiência, entre outras.

Ao fazer referência ao seu desconhecimento da literatura contemporânea, o sujeito está indicando que há uma dependência atrelada ao que a escola propõe no tocante à escolha de obras literárias para sua leitura individual, subentendendo que o ensino que nela se pratica não forma sujeitos autônomos, habilitados a fazerem escolhas sobre o quê ler e, muito menos, aptos a se inteirarem sobre as novas publicações.

Muito pertinente, nesse sentido, é a declaração de Ítalo Calvino “A escola é obrigada a dar-lhe [ao aluno] instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola”.⁴⁴

No entanto, seria de esperar que a escola acolhesse e inserisse nos seus programas obras de autores contemporâneos, ainda não contemplados nos cânones, que oferecesse um leque amplo de opções literárias, de estilos os mais diversos, visando, num primeiro plano, à formação do gosto. Essa diversidade pode contribuir decisivamente para que o leitor/aluno encontre sentido no que lê: “Em alguns romances, o leitor se enfronha em cenários e ações diferentes de seu cotidiano. Em outros - quando ações, cenários e personagens são do seu cotidiano-, o leitor vive o que já conhece, mas de outro ponto de vista”.⁴⁵

Um dos objetivos estabelecidos para a presente proposta previa a “ampliação de expectativas de leitura dos dois grupos, a partir da solicitação desses leitores de novos títulos para suas leituras individuais”. Com base, principalmente, na experiência como educadora de adolescentes e jovens há vários anos, considera-se esse objetivo como o mais eficiente para se

⁴³ AGUIAR, Leitura da literatura à luz da história. In: RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Questões de leitura*, 2003, p.115.

⁴⁴ CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13.

⁴⁵ LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p.30.

avaliar de fato quem é leitor convicto e quem lê apenas por necessidade ou por obrigação (escolar ou profissional). O verdadeiro leitor extrapola os limites da necessidade utilitária para avançar no plano da necessidade existencial. O leitor, que assim pode ser chamado, não desdenha a leitura do obrigatório, porém, preserva sua liberdade de escolha. O aluno/leitor nem sempre é o melhor da escola, mas é o que tem mais chance de ser um bom cidadão.

O passo seguinte da presente análise tem como foco o segundo item – *a avaliação das obras lidas e discutidas pelos integrantes da proposta*. Aqui, a idéia de maior destaque em favor das obras discutidas diz respeito à variedade de feições ou estilos com que se apresentam, razão pela qual parecem atrair mais o leitor.

O que surpreendeu, ao ler as declarações dos sujeitos, é que, mesmo não tendo conhecimentos aprofundados sobre teoria literária, eles conseguiram caracterizar com bastante propriedade as produções com as quais entraram em contato. “Essas obras chamam a atenção pela diversidade de estilos, pelos diferentes jeitos de narrar, bem como pela variedade de temas. Assim, ficamos conhecendo várias realidades, o que estimula a ler e conhecer mais”(S.1).

O espaço da multiplicidade e da diferença é a característica mais impressionante da sociedade pós-moderna. Hoje, diferente do que ocorria em épocas anteriores, há um esforço conjunto no sentido de garantir que cada pessoa seja valorizada na sua singularidade. O Código dos Direitos Humanos estatui o respeito a todos; e a inclusão é a meta constantemente reclamada. Em todos os setores da comunidade humana, há o reconhecimento da heterogeneidade no coletivo; a criatividade e a originalidade são estimuladas.

A literatura, como toda expressão de arte, está inserida nessa multiplicidade de relações da sociedade, da qual é seu porta-voz e sua legítima representante, razão por que, nas produções pós-utópicas, há “ausência do embate entre forças conflitantes” e “lugar para todas as experimentações”⁴⁶, do que resulta essa pluralidade de estilos, de que fala o S.1 na sua declaração.

Com toda a certeza, essa multiplicidade de formas narrativas, longe de ser um problema para o leitor, se configura como um aspecto altamente agregador, porque amplifica sua visão da realidade, “o que estimula a ler e a conhecer mais”, diria o S1.

Se o acesso às obras contemporâneas, através desta proposta motivou ainda mais os que já eram leitores, e leitores adultos, (como é o caso do Grupo I) não se pode esperar menos de leitores mais jovens, cuja visão se volta mais para o presente. Considerando que as

⁴⁶ CARNEIRO, *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, 2005, p. 33.

produções pós-modernas se valem, na maior parte das vezes, de uma estrutura narrativa inovadora, que se caracteriza, fundamentalmente, pela quebra do enredo linear, com certeza atrairá muito mais o leitor jovem em razão de sua maior habilidade para lidar com os desafios, de sua flexibilidade diante do novo, do diferente. Mais uma vez a palavra de Marisa Lajolo serve de amparo à afirmação: “[o romance contemporâneo] parece elogiar o leitor: espera dele interesse e competência para acompanhar o narrador nos cortes bruscos da narração, nos neologismos, na sintaxe truncada, nas pequenas ironias sugeridas”.⁴⁷

A afirmação de Lajolo está em plena consonância com as declarações do S.5: “É uma nova forma de montagem [da narrativa], em que as partes vão se encaixando. É o leitor quem tem que juntar as peças. Assim ele vai desbravando novos mundos”. E com as do S. 6: “Quebram a linha do tradicional. E eu me sinto feliz por ter condições de juntar o quebra-cabeça da literatura contemporânea. Elas exigem muito mais para poder se construir uma leitura, por causa da construção em fragmentos”.

Então, essa literatura, que parece “virar do avesso” o modo de narrar convencional, pode servir de estímulo a que leitores de diferentes idades despertem para o gosto e para o prazer de ler, idéia que ficou comprovada nas declarações dos pesquisados.

Em razão disso, sugere-se que se olhe com mais complacência para as obras produzidas na contemporaneidade e não se recuse inseri-las nos programas escolares com o pretexto de que não são aprovadas pela crítica, até porque, hoje, a avaliação de uma obra se processa muito mais rapidamente e, graças à internet, o acesso a essas informações não é mais problema a nenhum educador. Na verdade, é preciso que haja espírito de iniciativa, interesse em pesquisa, troca de experiências entre os profissionais da educação e muita, mas muita ousadia para inovar e para buscar outros meios a fim de se estimular a adesão à arte literária, principalmente dos mais jovens, imersos nos mais variados estímulos sedutores. A literatura poderá fazer parte do rol desses estímulos desde que desvelada em toda a sua grandeza e arte.

E, se a dúvida persistir sobre o que deve ou não ser ensinado na literatura, é seguro buscar respaldo em quem entende sobre o assunto:

A história tradicional nos ensinou que é preciso ter certo distanciamento do fato para analisá-lo com imparcialidade, mas desde pelo menos a década de 70 novos historiadores têm defendido posição contrária: é preciso ler o contemporâneo de dentro mesmo do contemporâneo.⁴⁸

⁴⁷ LAJOLO, *Como e por que ler o romance brasileiro*, 2004, p. 80.

⁴⁸ CARNEIRO, *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, 2005, p. 32-33.

Mas, ao mesmo tempo em que o autor indica um caminho, deixa um alerta sobre os “perigos” desta empreitada: “[Tal empreendimento] demanda toda uma nova metodologia de leitura, obrigando o analista [ou o leitor] a lidar o tempo todo com a instabilidade, a dúvida”.⁴⁹

No entanto, essa impermanência não é de todo negativa, pois:

Se conviver com a incerteza pode nos levar ao caos, também pode nos livrar da ilusão de que há verdades absolutas e de que todo gesto humano deve ser devidamente catalogado, depois de dissecado plenamente. Quem lida com literatura sabe que só há verdades relativas e é imbuído desse pensamento que se deve olhar para o presente, sem a pretensão de dar explicações definitivas ou cair na armadilha de tentar estabelecer futuros cânones. Neste caso [...] a instabilidade deve ser entendida não como adversário, mas como aliada.⁵⁰

Talvez seja em razão dessas características, idênticas às que compõem a realidade do leitor do presente, que essas obras exercem grande poder de sedução sobre o leitor, conforme ficou demonstrado pelos depoimentos dos pesquisados.

Portanto, nada mais coerente do que se utilizar no ensino a mesma estratégia, com o intuito de atrair leitores: tomar como ponto de partida a leitura das produções contemporâneas para se chegar à leitura das obras do passado, incluindo todo tipo de produção literária. Ou seja, trilhar o caminho inverso daquele que se percorre costumeiramente na escola. Espera-se que, formado o gosto por essa via, não haja dificuldade nem restrição quanto à leitura das outras produções.

A discussão referente ao último item da questão proposta para a coleta das informações através dos depoimentos orais revela-se como o mais importante dos três desdobramentos, porque o interesse agora se volta não mais sobre o evento nem sobre a obra, mas sobre o que ocorreu com o sujeito depois de sua experiência propiciada pela obra através do evento. Interessa trazer à luz evidências no que diz respeito a mudanças ocorridas em função do objetivo básico previamente estabelecido – a transformação de leitor menos entusiasta em leitor mais convicto –, implícito no item “Resultado do trabalho em relação aos sujeitos”.

Numa de suas narrativas mais marcantes, Ítalo Calvino⁵¹ refere que num país famoso um general foi chamado para censurar todos os livros da biblioteca central que denegriam a reputação dos militares. No entanto, contrariamente ao esperado, o censor, atraído pela magia da leitura, acabou se rendendo ao objeto censurado.

⁴⁹ CARNEIRO, *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, 2005, p. 33.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 33.

⁵¹ CALVINO, Ítalo. *Um General na biblioteca*. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 74-79.

O texto do autor italiano poderia ser considerado uma metáfora do que ocorre com todo leitor que se deixa seduzir pela literatura. Difícil é explicar como e por que isso acontece com esses leitores e por que não se dá a mesmo com outros, expostos a experiências leitoras similares.

Quanto ao fato de saber se este projeto de leitura realizado conseguiu provocar mudanças no comportamento dos leitores pesquisados, a resposta pode ser encontrada, entre outros exemplos, na declaração pontual do S.9: “Eu já gostava de ler antes de entrar no grupo, mas esse trabalho fortaleceu ainda mais o gosto pela leitura...”. Ou na opinião manifestada pelo S.2: “Sempre gostei muito de ler, não somente livros, como qualquer outro tipo de leitura. Depois fui convidada para participar dos encontros de literatura, fiquei fascinada pelas obras literárias...”. E outro ainda mais incisivo: “A leitura para mim não tinha sentido desde criança [...]. A partir do momento dos encontros de literatura, fez com que eu passasse a sentir interesse”. (S.8).

O semiólogo Roland Barthes, numa de suas obras mais conhecidas, escreveu uma frase que sintetiza todo o fascínio e o poder que as palavras e os textos exercem sobre os leitores: “Eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz”⁵²

O “despertamento do interesse” (S.8) ou “a fascinação pelas obras literárias” (S.2) são declarações que se situam na mesma linha de reflexão do pensador francês. Para que um texto produza seus efeitos, é preciso que o leitor se deixe envolver, se deixe enlevar nas artimanhas textuais. O pensador, na mesma obra, descreve magistralmente essas operações que ocorrem entre texto/leitor: “... no tecido (= texto) a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia”.⁵³

Provocar os sujeitos a fim de que descobrissem múltiplas “recompensas” (grifo da autora) que o texto/literatura pode oferecer foi o motivo gerador desta proposta. Os registros dão conta, de forma inequívoca, que o processo, concebido como um projeto, se tornou realidade. Apenas um dentre os vinte e quatro pesquisados declarou sua indiferença pré e pós proposta.

“Favoreceram a vontade de ler com gosto, com amor” (P.8) em razão da forma de apresentação dos textos e da “multiplicidade de formas narrativas” são manifestações que denotam que a literatura ainda precisa ser descoberta. Se os encontros “abriram uma porta

⁵² BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 47.

⁵³ *Ibid.*, p. 74-75.

para a leitura” (P.3), significa que há ainda muitas vias e aberturas inusitadas que conduzem a ela. Encontrá-las é o papel dos mediadores da leitura.

Lajolo refere que é Monteiro Lobato, incentivador por excelência da arte literária, quem dá a fórmula mágica: “O nosso sistema não é esperar que o leitor venha; vamos onde ele está, como o caçador. Perseguimos a caça. Fazemos o livro cair no nariz de todos os possíveis compradores [leitores] desta terra”.⁵⁴

Apesar de essa sugestão ser lançada por Lobato há mais de oito décadas, muitos dos que convivem diretamente com a literatura na escola ainda não a conhecem na prática, porque, em primeiro lugar, não são leitores e, como tal, ignoram a experiência profunda e prazerosa que um texto ou uma obra podem proporcionar. Portanto, não despertaram em si a sensibilidade artística, que poria em suas palavras e em sua prática a comoção, característica que distingue a convenção da convicção.

Novamente é em Barthes que o apoio a essa idéia ganha consistência: “...o professor não tem aqui [na escola] outra atividade senão a de pesquisar e de falar – eu diria prazerosamente de sonhar alto sua pesquisa – não de julgar, de escolher, de promover, de sujeitar-se a um saber dirigido...”.⁵⁵ Usando, ainda, as palavras do autor, é preciso “arrebentar os breques e as travas de segurança” que mantêm a literatura atada a um sistema que circunscreve sua ação a um objetivo precipuamente utilitário, como o de representar um passaporte para a universidade, por exemplo.

Se “essa trapaça salutar [...] permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem”⁵⁶, então, um esforço planejado precisa ser feito pela escola para não desvirtuá-la dessa sua função. Nesse sentido, é preciso levar em conta a formação permanente do professor e, para o caso em discussão, do profissional do ensino da leitura/literatura. Para Cristina Mello, “uma criança, um jovem que se inicia com bons professores, bem formados científica e pedagogicamente, tem potencialmente mais oportunidades de vir a ser um cidadão pensante”⁵⁷, idéia com a qual se compactua plenamente.

Ao declarar “o que aprendi [no projeto literário] não é trabalhado nas aulas de literatura; agora tenho muito gosto pela leitura. Busco ler muito mais, pois despertou o

⁵⁴ LAJOLO, *Como e por que ler o romance brasileiro*, 2004, p.139.

⁵⁵ BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 9-10.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 16.

⁵⁷ MELLO, Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA.; RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 140.

interesse” (P.10), esse pesquisado confirma que só a leitura do texto/obra pode estimular os leitores.

Pouco adianta o professor dedicar o exíguo número de períodos destinados ao ensino da literatura falando unicamente das características de cada estética ou da vida dos autores, sem deixar espaço para construir com seus alunos as experiências de leitura. Somente o contato com o texto/obra oferece as condições reais ao estudante para perceber todo o potencial artístico-literário que eles carregam. Muitas afirmações de adultos e de jovens, mormente destes últimos, contrários à leitura/literatura poderiam ser evitadas caso tivessem sido utilizadas estratégias mais produtivas à época em que esses indivíduos frequentavam a escola. E não só: haveria, com certeza, cidadãos mais aptos a contribuir com seus pares na construção da autonomia cidadã.

Por meio dos depoimentos dos integrantes dos dois grupos pesquisados neste projeto, concretizado em razão do esforço de seus participantes, constatou-se que, para a formação de novos leitores, ou para estimular os indecisos, as práticas leitoras não necessitam estar inseridas em grandes eventos. Pequenas iniciativas bem planejadas podem trazer resultados muito compensadores. Nesse caso, o papel do mediador é decisivo.

Talvez se deva, antes de concluir a abordagem do primeiro instrumento, prestar atenção à declaração do P.8: “Literatura é muito mais do que apenas livros. Os encontros de literatura foram como um leque de opções – contos, crônicas, cartas...” E a do P.13: “Não sabia quanto a literatura tem conteúdo e é variada”.

Mostrar as diferentes feições sob as quais a arte literária se evidencia pode ser um caminho sedutor para atrair leitores; e é também a maneira mais criativa de revelar a multiplicidade de formas através das quais a vida se expressa.

Por fim, se por um lado se concorde com Ítalo Calvino, quando afirma que “as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida”⁵⁸ por outro, e também de acordo com ele, as mesmas leituras

podem ser formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte dos nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente.⁵⁹

⁵⁸ CALVINO, *Por que ler os clássicos*, 2007, p. 10.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 10.

Foi por acreditar nessa possibilidade, entre outras importantes, que este projeto foi levado a termo.

3.2 Análise dos resultados obtidos através do questionário escrito – Grupo I e Grupo II

Convém informar, em benefício da clareza, que as perguntas que compõem o questionário escrito são as mesmas para ambos os grupos; apresentam variação apenas no emprego dos termos “obras”, nas questões para o Grupo I (Anexo 3), e “textos” / “autor”, para as do Grupo II (Anexo 6). Ao longo desta análise, cada uma das onze questões será transcrita no momento adequado, com isso podendo-se verificar a ocorrência dessa variação, que em nada prejudica a essência das questões; pelo contrário, tornam-nas mais específicas em relação aos destinatários.

Outrossim, o procedimento adotado para a análise deste segundo instrumento é semelhante ao utilizado no primeiro, ou seja, as respostas dos vinte e quatro sujeitos foram reunidas usando o critério similaridade, do que resultaram as idéias-chave ou idéias-síntese (para cada questão), que serão discutidas nesta seção.

Dada a pergunta: Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura? – as respostas indicam que há diferenças muito grandes entre as motivações apresentadas pelos integrantes do Grupo I (G.I) e as apresentadas pelos componentes do segundo grupo (G.II) para tomarem parte na proposta.

Os sujeitos do G.I apontaram, como razão principal, o gosto pela leitura (já formado), ao passo que os integrantes do G.II assinalaram a busca de motivação para se tornarem leitores. Confirmam essa idéia, entre outras, as afirmações destes sujeitos: “Busquei participar por causa do gosto que tenho pela leitura e pela oportunidade de ampliar esse gostar” (S.7, G.I); “Busquei os encontros para ter motivação pela leitura” (P.4; G.II); “Para me incentivar a ler mais” (P.7, G.II). Todavia, considerando que os integrantes do primeiro grupo eram todos adultos e os do segundo, todos jovens, fica fácil entender o porquê dessa diferença. Os primeiros desenvolvem uma atenção profunda ao se envolverem com o livro, isolando-se no silêncio, concentrados no tema e na trama. Os segundos apresentam uma atenção mais abrangente e, por isso mesmo, mais superficial. Calvino entende que a “inexperiência da vida,

a impaciência e a distração”⁶⁰ interferem decisivamente na compreensão leitora, o que justifica um menor aproveitamento dos jovens em relação às obras que leem.

É sabido, porém, que tais características são pertinentes à idade e que tendem a desaparecer com o tempo. Por isso mesmo, o autor citado faz uma sugestão importante, afirmando que “deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude”.⁶¹

Por sua vez, Vera Aguiar oferece uma explicação bastante esclarecedora a respeito dessa diferença. Segundo a autora, “o jovem que vive na sociedade pós-moderna rejeita o ensino da literatura da forma como a escola o veicula”.⁶²

A afirmação da pesquisadora remete a uma reflexão sobre o modo como se processa esse ensino. Em outra obra, afirma que “o esvaziamento do ensino de literatura se acentua não só pelo pequeno domínio do conhecimento literário do professor, mas também pela falta de uma proposta metodológica que o embase”.⁶³

Quanto ao primeiro aspecto – o restrito domínio do conhecimento literário do professor – Aguiar e Bordini ampliam a análise, afirmando que “o maior obstáculo com que o professor se defronta [para formar nos alunos um comportamento de leitura] está no conhecimento amplo e seguro do acervo de títulos de literatura com que poderá trabalhar em sala de aula. Qualquer modalidade, de ensino depende, antes de tudo, do domínio que se tem do objeto a ser ensinado. [...] A leitura do professor, pois, é pré-requisito da leitura do aluno...”⁶⁴

Não seria lógico nem ético pôr em dúvida o posicionamento das autoras, até porque a experiência pedagógica da pesquisadora no ensino fundamental e médio comprova esse fato. Só a leitura prévia da obra ou do texto, aliada ao senso crítico do professor, lhe dão suporte para conduzir uma aula de leitura efetivamente produtiva. Estratégias metodológicas eficientes também precisam ser consideradas, mas não substituem a experiência de leitura do professor. “Uma aula de literatura bem planejada parte não da metodização das atividades, mas do próprio conteúdo dos textos a serem ensinados”,⁶⁵ concluem as pesquisadoras.

Quanto à motivação precípua que induziu os integrantes do primeiro grupo a se filiarem aos encontros – o gosto pela leitura (já constituído) e a possibilidade de ampliar esse

⁶⁰ CALVINO, *Por que ler os clássicos*, 2007, p. 10.

⁶¹ *Ibid.*, p. 11.

⁶² AGUIAR, *Leitura da literatura à luz da história*. In: RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Questões de leitura*, 2003, p. 115.

⁶³ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 34.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 28.

⁶⁵ AGUIAR; BORDINI, *op. cit.* p. 28.

gostar – é pertinente destacar que a formação em leitura não se esgota nunca e que nenhum leitor pode se considerar, em um dado momento, pronto, completo. Ratificam esse posicionamento as declarações de Lajolo, Aguiar e Bordini e Yunes respectivamente: “Ler romance – para viver por empréstimo, e nesta vida emprestada aprender a viver”,⁶⁶ quem sabe tenha sido esse o objetivo inconsciente dos leitores integrantes do G.I. Aguiar e Bordini entendem que “Ampliar esse gostar” poderia revelar, talvez, o desejo multiplicado “do prazer, através da experiência sempre recomeçada de viver os sentidos do mundo em cada texto [em cada obra] percorrido(a)”.⁶⁷ E esse provável objetivo inconsciente, no entendimento de Yunes, poderia revelar o anseio para melhorar sua [dos pesquisados] “qualidade de estar no mundo e de se relacionar com os outros”.⁶⁸

Sejam quais forem os impulsos interiores que redundaram em prática efetiva (a participação na proposta) desses sujeitos leitores, é preciso ter presente, segundo a visão de Aguiar e Bordini, que “o ato de ler é duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a felicidade de acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois polos patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura”.⁶⁹

Portanto, a ampliação do gosto só se dará a partir do contato com a obra (ou com texto). E são as expectativas dos leitores que impulsionam para esse contato. Ao ser consumida, a obra provoca um determinado efeito no leitor, de tal modo que este (o efeito) poderá desencadear a expansão dessas expectativas e, por consequência, gerar a ampliação de seu horizonte.

À expansão do gosto associa-se a busca por maior conhecimento, que também foi a manifestação da maior parte dos integrantes do segundo grupo. Embora o objetivo seja o mesmo, tem um significado diferente para ambos. Na concepção dos sujeitos do G.I, maior conhecimento significa aprofundamento, um conjunto de saberes sobre a literatura que os instrumentalizem a estabelecer um diálogo crescentemente produtivo com as obras; ao passo que, para os do segundo grupo, a busca de conhecimento sobre a literatura se relaciona menos com a verticalização e mais com o saber sobre (fatos, obras, autores).

Contudo, essa percepção poderia servir como o ponto de partida para uma futura prática leitora. Com os sujeitos do G.II, por exemplo, os mediadores de leitura poderiam planejar seu trabalho com o intuito de aguçá-lhes a curiosidade para textos e obras que

⁶⁶ LAJOLO, *Como e por que ler o romance brasileiro*, 2004, p. 28.

⁶⁷ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 27.

⁶⁸ YUNES, Políticas públicas de leitura. In: RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Questões de leitura*, 2003, p. 16.

⁶⁹ AGUIAR; BORDINI, op. cit. p. 26.

exijam compreensão mais abrangente e profunda, para isso utilizando, na sua abordagem, estratégias cognitivas e metacognitivas. Esses procedimentos têm maior probabilidade de ativar processos reflexivos que desenvolvam, gradativamente, essa capacidade interpretativa.

Sobre a primeira questão proposta aos participantes da pesquisa, há ainda uma outra idéia, apresentada pelo G.I, que exige uma reflexão – é o intercâmbio de conhecimento e a troca de experiências sobre leitura. Para a maior parte dos integrantes desse grupo, essa possibilidade foi decisiva para a sua participação nos estudos literários. “A vontade de falar de livros com alguém, pois as pessoas com quem convivo não são dadas à leitura” (S.4); e “A troca de experiências de leitura” (S.3) são alguns exemplos que expressam essa motivação.

Cristina Mello⁷⁰ destaca a importância da interlocução e da intersubjetividade na construção dos vários sentidos possibilitados por uma obra. A troca de experiências e de percepções sobre a leitura realizada, além de auxiliar na compreensão, contribui para que os leitores agreguem conhecimentos literários e de mundo, desenvolvam maior visão e poder de análise. Em outras palavras: quanto mais leituras, seguidas de discussão, um leitor fizer, maior proficiência ele vai obtendo e mais estimulado a ler ele se sentirá.

A competência em leitura demanda um espaço para o intercâmbio produtivo. A construção do conhecimento é um ato social por excelência, pois é gerado a partir da interlocução e de esforços conjugados dos membros da sociedade. Imprescindíveis nas práticas pedagógicas, as estratégias interlocucionais mobilizam habilidades cognitivas, ajudam a solucionar dificuldades de compreensão e exercitam os estudantes para o convívio positivo em sociedade.

Para um número considerável de sujeitos do G.II, a busca de preparo para o vestibular foi a motivação principal que os induziu a participar do projeto de leitura. “[Busquei os encontros] para me preparar para o vestibular” (P.6). “... como o vestibular está aí, não pensei duas vezes em participar dos encontros” (P.13). Levando em conta a idade desses sujeitos (todos jovens entre 15 e 22 anos), esse interesse, até certo ponto, se justifica, mas não deixa de denotar uma visão meramente utilitarista de leitura, que desconsidera completamente o sentido de leitura enquanto processo de reflexão e de construção de significados.⁷¹

Além disso, essas declarações comportam um outro problema: o de que o conhecimento da obra não implica a leitura da obra. É comum hoje a prática escolar de se ler

⁷⁰ MELLO, Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA; RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 40.

⁷¹ KLEIMAN, Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. Teorias de leitura e ensino. In: RÖSING; BECKER (Org.), *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*, 2005, p. 37.

resumos de livros; e apenas isso. Assim, caem por terra, nesse caso, os estudos sobre a recepção e sobre o papel do leitor enquanto destinatário legítimo da obra literária. Essa idéia desvirtua o sentido da literatura e do ler. Concretamente, não há leitura, não há compreensão, muito menos, a formação da competência leitora. Há, sim, falta de competência (ou descaso) da parte dos que têm a missão e o dever de ensinar.

A segunda questão – Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado? – tinha o intuito de descobrir qual era a visão de leitura dos pesquisados anteriormente aos estudos realizados e, ao mesmo tempo, avaliar o alcance do trabalho de formação de leitores pela escola.

Mais uma vez, os dados obtidos evidenciam um grande descompasso entre as respostas de ambos os grupos. Enquanto todos os sujeitos do primeiro grupo tinham consciência da importância da leitura, os do outro, apenas três declararam-se conscientes e, ao mesmo tempo, mantinham contato com a leitura. Os demais, embora fossem conscientes dessa importância, não tinham entusiasmo nem interesse para ler. Neste caso, chama a atenção o número dos não-leitores desestimulados.

Sobre a rejeição que muitos adolescentes e jovens de hoje apresentam (pela leitura), Cristina Mello tem uma explicação, originada da observação de muitas práticas escolares: [...] a dificuldade de compreensão literária, de concretização dos constituintes das obras, ocorre, sobretudo, na leitura escolar, orientada por estratégias de ensino específicas, controlada, verificada e avaliada pelo professor”.⁷²

Como consequência, o estudante rejeita a leitura por considerá-la de difícil compreensão, dificuldade gerada por esse uso inadequado de estratégias pedagógicas, segundo as quais o professor “preenche a memória do aluno” e não oportuniza que este faça a sua leitura de um texto, completa a pensadora. A autora acrescenta que uma das maiores dificuldades desses jovens reside na incapacidade de estabelecer associações, necessárias para compreender um texto, idéia com a qual compactuamos. Em vista disso, “o leitor sofre uma espécie de atrofiamento das operações discursivas (relacionadas com a apreensão dos sentidos da obra) e, quando chega ao final da leitura, confunde dados, troca cenários, relega para segundo plano pormenores significativos, quando não os silencia simplesmente”.⁷³

⁷² MELLO, *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*, 1998, p. 95.

⁷³ *Ibid.*, p. 96.

Então, diante desses problemas de compreensão, que resultam no afastamento dos jovens da leitura, é necessário pensar formas de levá-los de volta aos livros. Raul Cremades oferece uma contribuição valiosa nesse sentido:

...temos de apontar iniciativas que ajudem a aumentar el grado de predisposición de los jóvenes a iniciar la lectura de los textos [...] Para que cualquier lector potencial se vea motivado a acercarse a um determiando texto literario, la noticia o información previa que dicho lector llegue a poseer sobre el texto há de generar una serie de expectativas positivas, entre las cuales debería destacar la posibilidad de interpretación.⁷⁴

Como se mostrou, com respaldo nesses autores, o jovem relega a leitura por duas razões: ou por não a compreender – “não se aprecia o que não se conhece” – e não a compreende, principalmente, por falta de “treino das operações intelectuais”, para interagir com os textos,⁷⁵ gerada pela aplicação de estratégias inadequadas no ensino da leitura, ou porque não consegue descobrir nada de interessante nela. “Esse camino que muchos jóvenes ni siqueira llegan a iniciar, o porque no lo conocen o porque no les ofrece garantías de llevarles a ningún descubrimiento interesante.”⁷⁶

No tocante à pergunta em discussão, é importante ainda relatar que a maior parte dos sujeitos do G.I – seis – formou o hábito da leitura na infância, ouvindo histórias e textos e vendo pessoas próximas lendo. Estas declarações chamam a atenção pela singeleza: “Minha família sempre esteve envolvida com jornais, textos, palavras cruzadas...” (S.8); “Via e ouvia meu pai lendo na infância. Ele lia a Bíblia e revistas, pois não tinha livros. Minhas irmãs também liam revistas e fotonovelas. Tudo isso me motivou a ler” (S.7).

Mas o relato que revela a forma ideal de formação leitora é o do S.5: “[Teve consciência] aos oito anos, pelos pais. E depois, com o trabalho continuado da escola pelas professoras M.J. e M.T.”. A afirmação desse sujeito remete novamente ao papel da escola na formação do gosto. Em outra ocasião, esse pesquisado declarou ter concluído o ensino fundamental e médio numa escola particular da capital, cujos professores trabalhavam com leitura de forma instigadora. Foi por isso, segundo ele, que o incentivo dos pais na infância ganhou reforço, e ele se tornou um leitor verdadeiramente convicto, como o demonstram as suas declarações.

⁷⁴ CREMADES, Animación a la lectura a través de acercamiento al proceso de creación literaria. In: RETTENMAIER; BARBOSA; RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 123.

⁷⁵ MELLO, *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*, 1998, p. 101.

⁷⁶ CREMADES, op. cit., p. 125.

Dos três integrantes do G.II que se declararam conscientes em relação à leitura, dois deles foram motivados pela escola e apenas um, pela família. Considerando-se que os pesquisados são todos jovens com mais de quinze anos, conclui-se que tanto a família quanto a escola deixaram de cumprir seu papel na formação do gosto.

Contrariamente ao que sucedeu com os integrantes do segundo grupo, os do primeiro, com mais idade, encontraram respaldo nas ações da família, apesar de ela não possuir livros e/ou materiais diversificados para leitura. Pelo exposto, a criança procurava adequar o seu comportamento ao comportamento dos pais (como ainda ocorre hoje, e em todos os sentidos). E, em razão de a criança do passado não dispor de tantas formas de diversão, concentrava-se nas ações dos mais próximos; e participava intensamente da vida familiar, seja trabalhando, se divertindo ou dividindo responsabilidades. Assim, ouvir histórias ou observar o adulto ler (privilégio de poucas crianças), mais cedo ou mais tarde, se transformaria em exemplo a ser seguido por essas crianças.

Hoje, as circunstâncias familiares são completamente diferentes. A própria organização familiar se alterou profundamente. A responsabilidade quanto à educação das crianças se fragmentou e os papéis familiares estão estremecidos. Por outro lado, os pequenos vivem imersos em milhares de solicitações que vêm de todos os lados e por todos os meios. Constatase que eles ocupam cada vez menos a atenção dos seus mais próximos, dos quais ficam ausentes a maior parte do tempo. Em razão disso, a formação de atitudes e de hábitos (como é o caso da leitura) fica enormemente prejudicada. A família delega, então, essa responsabilidade à escola, que, por sua vez, se encontra despreparada para assumir um duplo papel – o de educar e o de ensinar.

Sobrecarregada em razão de seu envolvimento em componentes conflituosos implicados na tarefa de educar, pouco tempo lhe sobra para ensinar. Em consequência, estratégias e metodologias que demandam mais tempo na sua aplicação são relegadas em favor de uma abordagem rápida dos conteúdos previamente estabelecidos no plano pedagógico. Sem tempo para a reflexão e a fixação analítica, componentes essenciais do ensino são vistos superficialmente e não são construídos reflexivamente.

A leitura, processo essencial na construção dos saberes de todas as áreas do conhecimento humano, sofre os mais graves prejuízos, em razão de ela demandar um tempo e um esforço bem mais prolongados para a sua constituição. A essa problemática somam-se o despreparo dos docentes e a vigência de um ensino desmotivador e reprodutor, desvinculado da realidade prática, como já ficou amplamente demonstrado.

Não surpreende, então, por essas e por outras razões, que o estudante conclua o ensino médio incapaz de ler/compreender um texto, com ínfimo substrato cultural e linguístico, (conhecimento prévio) que lhe facilitaria não só a compreensão da arte (nela incluindo, principalmente a literatura), mas também a sua inserção profissional e social.

Dessa forma, culturalmente desprotegido pela família e pouco considerado pelo processo educativo, o estudante tende a se desinteressar pela escola e por tudo o que a ela se relaciona, incluindo a leitura, pois a escola não acena proporcionar-lhe uma vida de maior dignidade no futuro.

Por essas razões todas, ao professor/mediador cabe tomar consciência dessa realidade e, a partir dela, criar formas de aproximar os jovens da leitura. Uma revisão honesta de seu papel como professor formador de leitores necessita ser feita, incluindo a de sua postura como professor leitor, pois o incentivo maior vem do exemplo. Além de “leitor apaixonado pelos livros”, o professor precisa ter um conhecimento amplo sobre livros e literatura. “Qualquer modalidade de ensino depende, antes de tudo, do domínio que se tem do objeto a ser ensinado”.⁷⁷ E, na medida do possível, buscar o apoio das famílias para que incentivem os filhos a ler/estudar e a corresponder às iniciativas pedagógicas que podem conduzir às mudanças preconizadas.

Por fim, uma “receita” (grifo da autora) bastante eficaz para superar essa crise da leitura escolar pode ser encontrada nas palavras Roland Barthes: “Não é, por assim dizer, que a literatura esteja destruída, é que ela não está mais guardada: é, pois o momento de ir a ela”.⁷⁸

Por quais caminhos – eis o grande desafio dos que têm a tarefa de *protegê-la*.

Na sequência, a questão de número 3 pretendia saber se a leitura fazia parte do dia a dia dos pesquisados: Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

As informações coletadas permitem afirmar que a concepção de leitura dos sujeitos do primeiro grupo é limitada, apesar de terem o hábito de ler. Provam-no as suas respostas, que não acrescentam muito ao habitual. A maior parte relacionou a leitura de jornais, revistas, livros didáticos (os docentes); livros técnicos (o profissional de saúde). Menos da metade (quatro sujeitos) citou a leitura de livros literários. Observa-se que a literatura como arte ficcional ainda é vista com certa restrição, mesmo entre os considerados leitores. Quando é valorizada, ela se reduz a apenas alguns clássicos de autores consagrados – José de Alencar,

⁷⁷ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 28.

⁷⁸ BARTHES, *Aula*, 2007, p. 40.

Machado de Assis, José Lins do Rego, Érico Verissimo, entre outros, provavelmente, os que foram solicitados pela escola.

Pelas respostas, constata-se que, mesmo entre os leitores, não há um comprometimento mais profundo com a leitura; lê-se para manter o hábito ou para manter-se atualizado. Provam-no declarações um tanto indefinidas de alguns sujeitos: “No local onde moro, não há livros, mas procuro ler tudo o que encontro pela frente” (S.4). “[Leio] jornais, livros e tudo o que chega à minha mão”(S.9). Supostamente, esse “tudo” tem a ver com a multiplicidade de linguagens veiculadas via mídia falada e impressa – tevê, celular, computador; panfletos, placas, *outdoors*, fôlderes, trabalhos escolares etc.

Quanto à leitura da literatura, é a menos valorizada pela maior parte dos integrantes do primeiro grupo. Apenas o S.6 adotou a literatura como leitura costumeira. Com certeza, falta a esses sujeitos um maior embasamento teórico-literário que lhes permita apreender todo o potencial que uma obra literária pode oferecer. Caberia, aqui, a afirmação de Tania Rösing:

Também entre os professores [adultos] ler não pressupõe conhecer as operações mentais capazes de desencadear um processo de construção de significados a partir do envolvimento do leitor com textos de qualquer natureza [...] A realidade é surpreendente de um ponto de vista negativo: as pessoas declaram que são leitoras [...] sem ter a mínima curiosidade científica sobre o que o ato de ler significa, o que requer, o que implica, o que resulta.⁷⁹

Essas considerações, no entanto, não pretendem responsabilizar os pesquisados pelo seu desinteresse em relação às obras literárias. Como já foi mostrado, a contribuição da escola na formação desses leitores foi inexpressiva se considerada em relação ao incentivo dado pela família. À época da formação escolar desses sujeitos, os seus professores talvez não dispusessem de preparo consistente sobre as teorias da leitura. Por outro lado, a vivência de alguns desses sujeitos se deu em ambiente carente de objetos culturais variados, o que não favoreceu opções mais enriquecedoras.

Sobre a importância do contato com os textos literários, a afirmação de Aguiar e Bordini é pontual: “Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente [...] a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla”.⁸⁰

Dessa forma, a presença do texto literário, na escola ou fora dela, se torna imprescindível para o enriquecimento cultural e humano. Repensar a forma de se construir o

⁷⁹ RÖSING, Tânia M.K. *Perfil do novo leitor: em construção a importância dos centros de promoção de leitura de múltiplas linguagens*. Passo Fundo: UPF, 2001, p. 16.

⁸⁰ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 13.

processo leitor, além de uma necessidade, é uma obrigação. É preciso encontrar instrumentos eficazes que favoreçam a apropriação da leitura e, por extensão, a apropriação aos bens da cultura, como um direito intransferível de todo cidadão.

Uma outra observação interessante a respeito dos sujeitos no que tange à questão em análise: apenas três dos vinte e quatro sujeitos fez referência à internet como objeto de leitura. Todos eles, sem exceção, têm acesso a esse veículo, em casa ou na escola; no entanto, ela não é vista nem considerada como um meio de importância na circulação do conhecimento e de formação em leitura. Parece haver uma visão estereotipada em relação a esse suporte. O livro, o jornal e a revista são materiais “sérios”, vistos com respeito, ao passo que a multimídia, apesar de sua ampla penetração na sociedade, não consegue impor essa mesma consideração.

No entanto, essa mentalidade precisa de uma revisão rápida, sob pena de se ficar à margem dos avanços sociais, que envolvem o domínio das novas tecnologias. A afirmação de Ramal é esclarecedora:

As mudanças que ocorrem na organização e na produção dos conhecimentos desenham a base de um novo estilo de sociedade, na qual a inteligência passa a ser compreendida como fruto de agenciamentos coletivos que envolvem pessoas e dispositivos tecnológicos. Mudando as estruturas da nossa subjetividade, mudam também as formas de construção do conhecimento e os processos de ensino e de aprendizagem.⁸¹

Por outro lado, se se tomar em conta que oito dos nove pesquisados do primeiro grupo são adultos, entende-se o porquê dessa restrição à tecnologia mais avançada. A “geração dos livros” tem dificuldade de se relacionar com esses recursos porque não consegue exercer controle sobre eles, como o faz com toda forma de material impresso. No entanto, está havendo um crescente avanço na utilização dos instrumentos midiáticos pelos mais velhos, o que é extremamente positivo, pois a internet e seus congêneres facultam um número sem conta de mensagens e conteúdos em curto espaço de tempo. Além disso, a troca e a renovação das informações são constantes, feito que os livros não podem conceber dada a sua natureza menos “solúvel” (grifo da autora).

As novas exigências sociais e tecnológicas não comportam mais um ensino marcado pelo passivismo e pelo imobilismo. Então, “os suportes digitais, as redes, os hipertextos são, a partir de agora, as tecnologias intelectuais que a humanidade passará a utilizar para aprender, gerar informações, ler, interpretar a realidade e transformá-la”.⁸²

⁸¹ RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizado*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 13.

⁸² *Ibid.*, p. 14.

Hoje, a maior parte das escolas dispõe de vários dispositivos tecnológicos, porém, a incorporação dessa tecnologia pelo professor, além de ser ainda muito restrita, não explora todo o potencial que esses materiais podem oferecer. Por essa razão, a formação permanente do professor inclui o seu preparo para lidar com as novas tecnologias, sem o que ele se torna obsoleto.

Segundo Eládio Vilmar Weschenfelder,

Mudanças devem ocorrer nas concepções de leitura e nas práticas letivas para que se reconfigure o valor do espaço escolar e para que o perfil docente seja continuamente reinventado com vistas à preparação de sujeitos cidadãos conectados às tecnologias intelectuais da pós-modernidade.⁸³

Pierre Lévy, ao se referir às “novas tecnologias da inteligência”, declara que “criação e uso são, na verdade, dimensões complementares de uma mesma operação elementar de conexão, com seus efeitos de reinterpretação e construção de novos significados”.⁸⁴ E ainda: “Os produtos da técnica moderna, longe de adequarem-se apenas a um uso instrumental e calculável, são importantes fontes do imaginário, entidades que participam plenamente da instituição de mundos percebidos”.⁸⁵

A análise final desta questão permite concluir que para a maior parte dos sujeitos falta uma percepção mais consistente quanto ao verdadeiro papel da leitura – a de que ela não se separa da vida e, portanto, envolve o real na sua totalidade, muito diferente da percepção de Marisa Lajolo que afirma: “Vida e literatura enredam-se em bons e em maus momentos, e os romances que leio passam a fazer parte da minha vida, me expressam em várias situações”.⁸⁶

A questão seguinte (assim como a anterior) visavam compor um perfil leitor dos integrantes dos dois grupos anteriormente à proposta: No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Apesar de os integrantes do G.I serem leitores por hábito, as obras que predominaram nas suas leituras foram os *best-sellers*, seguidos dos livros de autoajuda, de obras espíritas e, por último, de literatura brasileira e estrangeira.

⁸³ WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. Leitura em tempos de cibercultura. In: WESCHENFELDER, Eládio Vilmar; RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Práticas leitoras para uma cibercivilização IV*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 35-36.

⁸⁴ LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004, p. 58.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 16.

⁸⁶ LAJOLO, *Como e por que ler o romance brasileiro*, 2004, p. 14.

Para o questionamento proposto, o S.2 respondeu: “Auto-ajuda e *best-sellers*”. O S.1: “Livros de autoajuda, livros históricos, *best-sellers*, livros espíritas e livros filosóficos” (S.5). “Vários clássicos da literatura brasileira” (S.6). “Livros espíritas, clássicos da literatura e infanto-juvenil”(S.7). Da literatura contemporânea, três obras foram citadas: *O voo da madrugada*, *Dois irmãos* e *O Chalaça*.

As leituras do G.II não diferem muito daquelas apontadas pelo grupo dos adultos; variam apenas na ordem da importância. E, se por um lado, surpreende o fato de os jovens citarem os clássicos brasileiros como os mais lidos, por outro, indica que essas obras correspondem às solicitações dos professores de literatura. Ou seja, são obras de leitura obrigatória para trabalhos escolares. Contudo, fora desses compromissos, esses sujeitos também recorrem às mesmas leituras que os adultos. Foi o que a pesquisa mostrou.

A busca pela leitura pedagógica, ou melhor, altamente pedagógica, como é o caso da autoajuda, parece revelar um típico modismo, embora inconsciente, atrelado aos valores do momento histórico. Através dessas obras, são buscadas as fórmulas mágicas, capazes de resolver os problemas individuais e sociais. Pela aceitação das “verdades” e dos modelos de comportamento ali propostos, o leitor opta pela passividade e exime-se de contribuir com suas iniciativas em favor de mudanças e da revisão dos valores.

Sobre a adesão aos chamados *best-sellers*, Vincent Jouve tem uma explicação interessante:

A habilidade toda dos *best-sellers* é responder a essa demanda [experiência tranquilizante]. O leitor, dividindo de antemão os valores do herói, não se transforma ao seu contato. O outro não lhe serve para se redefinir, mas para consolidar a imagem (muitas vezes ilusória) que ele tem de si próprio.⁸⁷

Diferentemente dessa pseudoliteratura – autoajuda, *best-sellers* e afins - o texto literário, para o qual deveria estar voltado, prioritariamente, o interesse dos leitores, é vivo e dinâmico, não impositivo, mas dialógico na medida em que aposta na ação cognitiva do leitor, sem a qual o texto não tem razão de ser.

Para Jauss e Iser, “a obra literária é comunicativa desde sua estrutura”.⁸⁸ E pelo fato de o texto literário conter um “grau interno de indeterminação”⁸⁹ ou “vazios”, o leitor é

⁸⁷ JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 129.

⁸⁸ ZILBERMAN, *Estética da Recepção e história da literatura*, 1989, p. 64.

⁸⁹ LIMA (Coord. e Trad.), *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Hans Robert Jauss... et al, 1979, p. 25.

convocado a participar ativamente para preenchê-los, para isso, pondo em funcionamento operações cognitivas.

Dessa forma, ler [um texto literário] “é um ato que leva à produção de sentido, uma vez que permite ao leitor a seleção, organização, antecipação, retrospectiva e modificação durante o processo da leitura: seriam os denominados “pontos de indeterminação” a serem preenchidos pelo leitor”.⁹⁰

Eis por que a leitura do texto literário é imprescindível para a formação do leitor, pois, ainda que apresente “um mundo esquemático e pouco determinado, a obra literária acaba por fornecer [lhe] um universo muito mais carregado de informações, porque leva-o a participar ativamente da construção dessas, com isso forçando-o a reexaminar a sua própria visão da realidade concreta”.⁹¹

Ao relegar a leitura do texto literário em favor de outros tipos de obras, os sujeitos integrantes desta pesquisa talvez desconhecem todo esse potencial criador que a literatura pode desencadear. No entanto, ao aderirem à proposta e se comprometerem com a leitura dos textos/obras selecionados, tornaram-se, eles mesmos, os sujeitos e os beneficiários desse processo.

Quanto à leitura de obras clássicas, que se constituem como as mais lidas pelo G.II (todos estudantes do ensino médio), os depoimentos vêm acompanhados do epíteto “solicitadas pela escola”, que explica a “motivação”.

Na verdade, a escola tem deveres a cumprir; também em relação à literatura, posição defendida por Calvino, que afirma:

A escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola.⁹²

Compactua-se totalmente com a idéia do pensador, mas entende-se que, além das obras clássicas, a escola deveria oportunizar a leitura e a discussão de obras do presente, muitas das quais apresentam construções narrativas instigadoras e envolventes; e chamam a

⁹⁰ GLOWACKI, Rosemari. *Estética da Recepção: a singularidade do leitor e seu papel de co-produtor do texto*. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007, p. 260.

⁹¹ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 15.

⁹² CALVINO, *Por que ler os clássicos*, 2007, p. 13.

atenção dos leitores pelos múltiplos estilos e em razão da afinidade entre a ação narrativa e a vida do leitor empírico no agora.

Apesar do indiscutível valor da maioria das produções contemporâneas, a escola reluta em inseri-las na lista das leituras indicadas e/ou “obrigatórias”. As razões para o fato não parecem claras. Talvez haja excesso de submissão aos cânones, ou, quem sabe, falta de confiança na capacidade de ensinar, ou medo de ousar. Ou será acomodação?! Esta proposta pode não encontrar essa resposta, mas pretende chamar a atenção para ela e para as ricas possibilidades da literatura contemporânea.

A partir da questão de nº 5, a seguir. – Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras (dos textos) para a discussão realizada? – pretendia-se traçar um perfil avaliatório da proposta desenvolvida.

Pelos registros, é possível concluir que o trabalho de leitura e discussão das obras (G.I) e dos textos (G.II) realizado despertou o interesse de quase todos os sujeitos envolvidos. Avaliações como estas não deixam dúvida sobre a impressão favorável dos sujeitos sobre as obras: “Ótima escolha, pois os livros apresentam formas e estilos diferentes” (S.9). “Excelente escolha, pois tive oportunidade de ler literatura contemporânea, que me era desconhecida” (S.7).

A apreciação sobre os textos também não é menos positiva: “Interessantíssimos. Não sabia quanto a literatura tem conteúdo e é variada” (P.13). “Textos muito interessantes, temas que abordam a realidade atual”(P.13). “Textos que despertam a curiosidade, que incentivam na busca de conhecer os autores” (P.4).

No que concerne à crítica oficial, todas as seis obras abordadas na proposta têm o seu reconhecimento confirmado, se não diretamente as obras, pelo menos os seus autores. O mesmo se dá em relação aos textos curtos, cuja autoria é tida em grande consideração. Aqui, a “responsabilidade” de avaliar recai sobre o leitor (neste caso, os sujeitos da pesquisa), para quem a obra/texto foi escrita (o). “O leitor é o espaço onde todas as palavras do texto são inscritas...”, diria Roland Barthes.⁹³ Em *Memórias póstumas*, já à época, Machado reclamaria: “... o maior defeito deste livro és tu, leitor”, antecipando-se, com isso, às teorias da recepção, que viriam confirmar o que na prática era uma exigência.

Os sujeitos desta pesquisa (ou os leitores em interação com os textos estudados) autorizaram que se confirme o grande poder de sedução que essas obras e textos exerceram sobre eles, justamente porque o novo (novo entendido como desconhecido) feito narrativo

⁹³ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 64.

proporcionou-lhes o exercício de uma competência até então despercebida: a desenvoltura em lidar com esquemas truncados, com a fragmentação dos discursos, com personagens incompletas, com a relativização da noção de tempo e espaço. Na visão de Carlos Reis,⁹⁴ essas características são pertinentes às obras que intentam subverter os cânones. Com isso, o leitor/sujeito se sentiu valorizado, “elogiado”⁹⁵ pelo sucesso na construção dos caminhos para a compreensão. O desafio lhe proporcionou a adesão, da qual ele saiu fortalecido e enriquecido – em suma: mais competente.

E foi também por abordarem temas da realidade, e da *sua* realidade, que a ficção contemporânea foi tão aprovada pelos sujeitos. Os fatos das narrativas, temporalmente próximos aos fatos da sua vida real, facultam aos leitores mais condições de confrontar as duas realidades – a da vida concreta e a da ficção – e, pela reflexão que a arte literária provoca, ou modificar padrões de comportamento ou, então, ampliar a sua visão sobre o mesmo real, o que, na concepção de Jauss⁹⁶ significa a mudança de expectativas.

“Não sabia quanto à literatura tem conteúdo e é variada” (P.13) - essa é a afirmação que se considera a mais marcante envolvendo o grupo dos pesquisados jovens, pois se constitui como um grito de estupefação diante de tanta beleza das produções escritas. São tantos estilos, tantas nuances, tantos modos de expressão que não há como ficar indiferente. Por isso a sedução, que resulta do desvendamento, do conhecimento.

Talvez os leitores potenciais precisem, mais do que saber definir escolas literárias e características, ter o contato com esse mundo exuberante das produções, este, sim, capaz de provocar sedução e pactos “eternos” com o leitor.

A questão número seis não deixa de representar um desdobramento da questão anterior, atendo-se, no entanto, especificamente, aos percalços encontrados durante o desenvolvimento da proposta: Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras/dos textos?

Para os integrantes do G.I, leitores dos textos longos, o maior obstáculo residiu na quase total falta de habilidade para lidar com a fragmentação textual, com a descontinuidade, com o descentramento, com a multiplicidade de vozes (que resulta em personagens incompletas), o que, num primeiro momento (primeira leitura), os deixou perplexos, pois encontraram muita dificuldade de chegar ao(s) sentido(s): [A maior dificuldade que encontrei]

⁹⁴ REIS, *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*, 2003, p. 360.

⁹⁵ LAJOLO, *Como e por que ler o romance brasileiro*, 2004, p. 80.

⁹⁶ JAUSS, *A história da literatura como provocação à teoria literária*, 1994, p. 33.

“foi o enredo não-linear, os vai-e-vem, os *flashbacks* da narrativa, que dificultam a compreensão” (S.6); “a falta de enredo linear” (S.8).

Pelas questões anteriores, sabe-se que todos os sujeitos do primeiro grupo, sem exceção, não tinham tido contato com a literatura contemporânea, caracterizada pela construção narrativa insubmissa à linearidade. Quando da adesão ao grupo, esses sujeitos estavam cientes de que o projeto propunha para leitura obras inovadoras. Então:

A desenvoltura do leitor em mover-se entre peripécias e figurantes de uma narrativa [linear] já não basta [...]. Agora, essa competência não só não é suficiente, como, pelo contrário, pode ser negativa: as expectativas criadas pela familiaridade com a narrativa linear e fluente podem ser prejudiciais para que o leitor responda adequadamente ao feitiço de romance [contemporâneo] que Machado inaugura.⁹⁷

A convivência com as obras, através do projeto, permitiu que esses leitores se tornassem mais hábeis no trato com produções com essas características, ao mesmo tempo em que lhes logrou a tomada de consciência sobre o plano da vida real, que não difere muito do plano da ficção. Interessava à presente pesquisa que os leitores fossem instigados, desacomodados, surpreendidos através de textos desafiadores. O que se esperava deles era uma atitude de simpatia para com essa nova literatura. Ao se constituírem mais aptos na construção dos percursos para chegar à(s) compreensão(ões), esses sujeitos saíram fortalecidos. É dessa forma, referem Bordini e Aguiar, “que a obra literária captura o seu leitor e o prende a si mesmo por ampliar suas fronteiras existenciais sem oferecer os riscos da aventura real”.⁹⁸

Os leitores de textos curtos – G.II – não encontraram, conforme suas declarações, dificuldades no tocante à estrutura das narrativas. Contudo, vários desses sujeitos afirmaram ter sentido dificuldade na compreensão dos textos, “pois há muito tempo não tinha contato com livros” (P.6) (embora cursasse o 3º ano do ensino médio!). “Foi preciso ler duas ou três vezes para entender os textos, mas consegui compreender”.

Os textos discutidos com este grupo eram constituídos de estruturas simples, porém, exigiam, como todo texto, um nível mínimo de conhecimento de mundo, ou conhecimento prévio, do qual fala Ângela Kleiman.⁹⁹ Esse repertório, formado de todas as experiências e saberes adquiridos ao longo da vida, pode representar empecilho para a compreensão quando é muito restrito. Em contrapartida, quanto mais ampliado for, maiores serão as condições de

⁹⁷ LAJOLO, *Como e por que ler o romance brasileiro*, 2004, p. 146.

⁹⁸ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 15.

⁹⁹ KLEIMAN, *Texto & Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*, 1999, p. 13.

fazer relações para efetuar a compreensão. O acesso a um maior número de bens culturais faculta ao indivíduo um aumento desse conhecimento de mundo e, por consequência, uma facilidade maior de se relacionar com a realidade ou com os símbolos que a representam.

Quando um leitor não dispõe de conhecimento cultural e de mundo suficiente para estabelecer um vínculo com o texto/obra a ser lido(a), a escola precisa criar condições para que esse vínculo se estabeleça; caso contrário, o aluno-leitor não se reconhecerá na(o) obra/texto, porque a realidade ali representada não lhe diz respeito.¹⁰⁰ Se isso não ocorrer, o leitor, ou abandonará a(o) obra/texto, ou, então, não efetivará a compreensão, pois “a fruição plena do texto literário se dá na concretização estética das compreensões”.¹⁰¹

Na condição de pesquisadora em relação a esta proposta e como conhecedora da maior parte dos integrantes deste segundo grupo, pode-se confirmar a falta de conhecimento de mundo desses sujeitos. No decurso do ensino fundamental, foram estudantes arredios à leitura e aos livros. Os anos foram passando e continuaram sendo vítimas de seus próprios limites e dos limites impostos pela escola, seja por falta de uma metodologia mais desafiadora, seja pela desconsideração em propor um trabalho diferenciado para os mais relutantes por parte dos professores de linguagem. Seja como for, já ao término do ensino médio, esses sujeitos carregam consigo problemas relacionados à leitura, que já deveriam estar superados. O fato animador é que o P.6 despertou intensamente durante o presente projeto, tendo-se mostrado como o leitor mais entusiasmado, e cuja atitude se estendeu também à sala de aula (Anexo 7).

Para concluir o presente item, cabe um comentário sobre alguns depoimentos dos sujeitos que relataram terem encontrado dificuldade relacionada ao vocabulário dos textos: verdadeiramente, há uma restrição quando se trata de domínio vocabular. Esse problema foi percebido no desenvolvimento dos trabalhos, em alguns casos, de maneira acentuada. Quando o hábito de leitura não existe, o problema fica ainda mais grave. E ele repercute não só em momentos específicos, mas também no conjunto da vida do indivíduo, gerando-lhe obstáculos variados e, não raro, limitando-lhe o acesso aos bens da cultura, por inabilidade de dialogar com eles. Então, é à escola que cabe o papel de encontrar as estratégias eficazes para diminuir esse problema, que não parece ser o mais grave em se tratando de leitura. Além disso, há materiais e obras¹⁰² de grande valor que podem auxiliar na melhoria e no desenvolvimento vocabular.

¹⁰⁰ AGUIAR; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 16.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 60.

¹⁰² CARNEIRO, Agostinho Dias. *Texto em construção: interpretação de texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

Ligada também à avaliação da proposta, a questão de número sete se detém às obras e/ou aos autores estudados: Qual foi a obra (o autor) que mais lhe chamou a atenção e por quê?

No que diz respeito ao primeiro grupo - leitor dos textos longos – cada um dos nove sujeitos apontou uma obra diferente; apenas *O outro pé de sereia* foi escolhida por dois leitores. Em razão da diversidade mencionada, a análise desses resultados fica, de certa forma, dificultada.

A referência a esta ou àquela(e) obra/texto denota a afinidade (possivelmente relacionada ao conhecimento prévio) desses sujeitos com um ou com outro estilo literário que, como se sabe, na literatura do presente, são múltiplos e variados. De qualquer forma, a questão propiciou aos pesquisados um espaço para exercitarem o exame de obras/textos literários.

Nas declarações dos sujeitos, são as justificativas para suas escolhas que evidenciam a reflexão crítica em crescimento: “*O outro pé da sereia*, pelo valor cultural, pela linguagem criativa e poética, pelos temas profundos e análises sociais e humanas”(S.3). “*Sob o Peso das Sombras*, pela profundidade, pelo tipo de abordagem e pela densidade da obra”(S.7). “*Budapeste*, porque parece ter sido escrita sem amor, sem entusiasmo”(S.4).

A ficção não representa a realidade propriamente dita (e o leitor sabe disso), mas pode suscitar uma configuração de uma significação para a realidade do leitor. Talvez resida nessa idéia outra razão pela qual uma determinada obra exerce grande fascínio sobre um leitor, enquanto com outro ela não consegue estabelecer interação.

Interessa enfatizar aqui o papel relevante do(s) leitor(es) e concordar com Borges, quando afirma: “Enquanto não abrimos um livro, esse livro literalmente, geometricamente, é um volume, uma coisa entre as coisas. Quando o abrimos, quando o livro dá com seu leitor, ocorre o fato estético”.¹⁰³ A mesma idéia, embora sob outra feição, faz parte da teoria iseriana: “Como o texto literário só produz seu efeito quando é lido, uma descrição desse efeito coincide amplamente com a análise do processo da leitura”.¹⁰⁴

Tanto o texto quanto o leitor trazem, segundo a teoria do efeito de Iser, um repertório de conhecimentos e normas sociais, éticas e culturais que interagem no momento da leitura. Assim, o diálogo entre a obra e o leitor, no ato da leitura, coloca a história de ambos frente a frente, do que resulta uma troca: a obra agrega a leitura desse leitor, singular e específica, em

¹⁰³ BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*, v. 3. São Paulo: Globo, 1999, p. 284.

¹⁰⁴ ISER, *O ato da leitura*, v. I, 1996, p. 15.

razão de suas experiências anteriores; o leitor, por sua vez, incorpora à sua história a leitura daquela obra com todos os elementos que ela traz consigo.

Para os sujeitos do segundo grupo, Torero, Dalton Trevisan e Martha Medeiros foram os autores mais citados. Marcelino Freire praticamente não foi lembrado, porque muitos integrantes não estavam presentes no encontro quando se discutiu sobre esse autor, o que representa um prejuízo, em razão da qualidade dos textos desse pernambucano.

Os registros das informações comprovam que a irreverência e o humor de José R. Torero angariaram a simpatia desses jovens pesquisados: “José R. Torero, pela sua irreverência”(P.6). “Torero e Trevisan, pelo modo fácil de compreender a leitura e pelos contos humorados que motivaram a leitura” (P.2).

Desnecessário é registrar todas as citações, porque o texto se tornaria desmotivador. Considerando-se, no entanto, que vários outros autores foram trabalhados com este grupo, a lembrança a apenas quatro deles é motivo para reflexão. Nas biografias, foram apresentados Chico Buarque, José Mindlin, Chiquinha Gonzaga, por exemplo; nas cartas, além de Martha Medeiros, foi feita referência a Machado de Assis, Mariana Alcoforado, Domingos Silveira; no cordel, Patativa do Assaré, Leandro Gomes de Barros. Todos esses escritores foram omitidos.

Martha Medeiros foi aprovada por um número expressivo de pesquisados com certeza em razão da ampla difusão de seus escritos e por estes se caracterizarem pela simplicidade e leveza de estilo, que facilitam a compreensão. Dalton Trevisan e Torero, pelo humor e irreverência, embora fossem desconhecidos dos pesquisados até então.

Os textos deste último, além da perspicácia narrativa, são mais curtos e não exigem muito conhecimento e experiência de leitura para compreendê-los. A construção próxima ao gênero piada consegue enredar o leitor com muita facilidade. O aguardo do desfecho, que vem seguido do riso, tem o poder de mantê-lo em suspense. As palavras e as frases são escolhidas de modo a não chateá-lo com divagações e impertinências. Em poucos segundos, o leitor é remetido, como um projétil, para dentro da vida real, no que ela tem de mais insolente. Talvez seja por isso que os textos desse autor atraem tanto.

A aprovação do cômico – é a idéia que predomina nas declarações dos sujeitos jovens. Mas é um cômico *trajado* (grifo da autora) à simplicidade linguística e narrativa. Se viesse sob outras feições, talvez não granjeasse tanta aceitação. No caso de uma charge, por exemplo, que tem como foco o sarcasmo e a ironia, a construção da sua leitura exige do interlocutor o conhecimento de uma série de componentes da realidade, sem o qual ela fica impossibilitada.

O que se toma em conta nesta análise é chamar a atenção para o fato de que respostas a uma dada iniciativa, principalmente no ensino da leitura/literatura, podem indicar sucesso, por um lado; por outro, também poderiam estar sinalizando carência de recursos linguístico-literários e conhecimentos de mundo para o estabelecimento de diálogo com textos mais complexos. Nesse caso, a observação do mediador é o primeiro passo, a qual precisa vir seguida da aplicação de procedimentos pedagógicos que propiciem a expansão cultural dos estudantes para poderem construir a compreensão.

A questão número oito exigia dos sujeitos um nível de reflexão um pouco mais aprofundado: O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das(dos) obras textos? E quanto aos temas abordados?

Cruzando-se as informações dos dois grupos, chega-se à conclusão de que ambos destacaram, fundamentalmente, os mesmos aspectos tanto em relação aos textos quanto às obras estudados: temas atuais, do cotidiano, críticos, inovadores e diversificados. "Temas que nos circundam no dia a dia" (S.6), "temas da realidade" (P.6), "temas do cotidiano" (P.11), "temas atuais e críticos" (S.3) - são exemplos que comprovam a afirmação.

A participação do leitor no processo de leitura se relaciona ao caráter estruturante do texto, cujos elementos condicionam determinadas reações. A estrutura do tema e o horizonte do leitor orientam como se coordenam os diversos pontos de vista e organiza, desta forma, a relação entre o texto e leitor.¹⁰⁵

Essa condição é de extrema importância no processo de recepção, pois abre espaço a aspectos não familiares ao leitor, ao mesmo tempo em que orienta a assimilação desses novos elementos, com isso possibilitando-lhe o questionamento de seu sistema de referências com relação à realidade, pela exigência de um nível mais alto de reflexão.

No que diz respeito à presente proposta, ao avaliarem como inovadores os componentes temáticos dos textos/obras estudados, os sujeitos reafirmaram (embora sem o saber) essa idéia de Iser, pois os textos com os quais entraram em contato comportam uma estrutura que condiciona determinadas respostas dos leitores (os sujeitos da pesquisa); e discutem aspectos temáticos que transgridem as versões literárias vigentes.

Em relação a estes últimos, destacam-se: a questão da autoria, em *Budapeste*; do plágio e da falsidade ideológica, em *O falso mentiroso*; do homossexualismo, do tráfico e venda de crianças, em *BaléRalé* e em *Contos negreiros*, apenas para citar alguns exemplos, já

¹⁰⁵ ISER, *O ato da leitura*, v. I, 1996, p. 178.

que tais temas representam caminhos pouco comuns ou ainda não percorridos na literatura, razão por que se constituíram como inovadores pelos pesquisados.

As observações sobre a construção do enredo, destacadas pelos integrantes desta proposta, chamam a atenção pela propriedade na abordagem: “Modos de narrar bem originais, fora dos padrões da linearidade – a modo de quebra-cabeça”(S.3). “Cada autor tem seu próprio estilo, pode ser até o mesmo tema, mas a forma de apresentá-lo é diferente. Alguns têm mais doçura e outros mais agressividade no tratamento dos temas” (P.15).

Há uma coerência interna dos elementos que compõem o texto literário; e são eles que tornam a estrutura textual autossuficiente. No caso dos textos contemporâneos, embora, em sua maioria pareça haver uma “desordem” desses elementos compositivos, a coerência interna se mantém, pois cada um “tem uma explicação lógica, aceitável do ponto de vista interior da obra”.¹⁰⁶ O aparente “desvio” em relação ao corriqueiro da literatura torna essas narrativas mais instigadoras, porque requerem um comprometimento cognitivo maior por parte do leitor, rompendo sua acomodação e despertando sua curiosidade e seu interesse.

As muitas formas pelas quais se expressa a arte (e a literatura em particular) na contemporaneidade correspondem aos muitos discursos presentes na sociedade, a qual se caracteriza como multicultural. Segundo Luzia de Maria Reis, a literatura contemporânea endossa as marcas das produções pós-modernas:

Descontinuidade, quebra da seqüência previsível, utilização de todas as linguagens [...]; incorporação, num mesmo texto, de fragmentos diversos, de vários autores, estilos e épocas, etc, realizando o que se chama intertextualidade; simultaneidade de cenas, imitando procedimentos do cinema moderno [...]¹⁰⁷

No caso em discussão, no que concerne aos textos e às obras que compõem o *corpus*, os modos de narrar constituem-se das mesmas características elencadas pela autora, mas, obviamente, nem todas elas estão presentes numa obra só; pontificam-se no conjunto da literatura contemporânea, envolvendo os mais variados gêneros.

Marco Medeiros complementa a caracterização da ficção contemporânea ao discorrer sobre uma das marcas mais significativas da literatura, mas intensamente presente nas produções das duas últimas décadas:

¹⁰⁶ AGUIA; BORDINI, *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*, 1988, p. 30.

¹⁰⁷ REIS, Luzia de Maria. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 86.

A intertextualidade parece ser uma palavra-chave para a prosa atual. Estabelecendo o diálogo entre obras como mecanismo construtor de sentido, o texto ficcional passa a ser um painel lúdico, um jogo de “esconde-esconde” com o leitor, uma espécie de esfinge que invoca outras esfinges até ser decifrada.¹⁰⁸

Não há dúvida de que, além de ser um instrumento de estimulação do leitor, a intertextualidade promove a expansão do horizonte, remete o leitor a vários outros textos, verbais ou não, possibilita a interligação entre diferentes conhecimentos de mundo e da realidade. Situa-se como uma das estratégias de maior relevância na literatura, pelos inúmeros benefícios que possibilita ao leitor.

Mas há outros traços na literatura do presente que precisam ser enfatizados, como a confluência de vários estilos, a aproximação entre a linguagem culta e popular (com a valorização desta última), a mistura de gêneros, além de outros.

Seria exaustivo relacionar todos esses aspectos com as produções estudadas. Algumas particularidades são mais evidentes numa obra e menos em outras. O mesmo ocorre com os textos. Contudo, a diversidade de temas e de estilos, os procedimentos inusitados compositivos da escritura tornam essas produções instigantes e sedutoras.

Em razão disso, ousa-se afirmar que o maior mérito das obras e dos textos discutidos reside na forma das construções narrativas, porque elas valorizam duplamente o leitor: primeiro, ao estabelecer para ele uma narrativa truncada, credita-lhe a capacidade de reordená-la a fim de construir sentido(s); segundo, não tão truncada a tal ponto de desestabilizar o leitor, como ocorre com *Serafim Ponte Grande*, por exemplo. Essa consideração pelo leitor – pela sua capacidade intelectual; pelo respeito ao limite aceito de transgressão narrativa – conquista-lhe uma adesão muito mais comprometida.

“Os temas atuais e condizentes com a nossa realidade” (S.5) é uma declaração que permite inferir serem os textos contemporâneos os mais indicados para aproximar os leitores, sobretudo os mais jovens, da literatura, dada a proximidade dos temas com os fatos da vida real dos leitores, permitindo-lhes um grau maior de identificação texto/leitor.

Há que se ponderar, porém, que não se pode ancorar toda a prática de leitura unicamente em obras e textos da contemporaneidade na tentativa de se valorizar apenas o que é atual. Relegar o passado implica rejeitar toda a riqueza artístico-literária de valor inquestionável que se produziu, mesmo porque a literatura do presente tem em grande conta

¹⁰⁸ MEDEIROS, Marco. *O texto invasor: intertextualidade e interdiscursividade na prosa brasileira contemporânea*. Encontro Regional da ABRALIC 2007: Literatura, Arte, Saberes. Disponível em: <www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/257.pdf> Acesso em: 12 fev. 2009.

as obras do passado, com as quais dialoga via intertextualidade e via reescritura. Medeiros declara que:

a convivência e a interpenetração de meios variados na contemporaneidade gera um espaço fecundo para que as relações entre textos e discursos se proliferem. O discurso atual é um discurso que se exhibe fundamentalmente aberto à dialogia.[...] é um discurso invasor.¹⁰⁹

É sobejamente sabido que “O ato de ler tem uma repercussão que excede os limites do texto, desencadeando um processo de transformação na subjetividade dos leitores”.¹¹⁰ O que se constatou, pelos registros das declarações dos sujeitos, é que essa mudança se concretizou por meio de uma nova percepção do ler e da leitura. A evolução dos juízos críticos dos leitores/pesquisados é uma prova de que esse processo, se não se estabeleceu de todo, pelo menos colaborou para uma tomada de consciência sobre a importância da leitura.

A questão de número nove pretendia se fixar nas ações desenvolvidas na consecução do projeto: Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Os sujeitos do G.I caracterizaram a proposta como “boa”, “muito boa”, “ótima” e “excelente”. A ela também aliaram uma justificativa para cada conceito. Na verdade, é justamente a explicação que favorece uma avaliação mais objetiva do trabalho: “Trabalho muito bom, produtivo, pela troca de experiências” (S.3). “Muito bom. A troca entre os participantes enriquece a leitura e evidencia aspectos não notados” (S.2). “Excelente, pela dinâmica utilizada que fez com que todos participassem e se envolvessem na discussão” (S.7). Para os integrantes do segundo grupo, o trabalho foi descrito como “produtivo”, “muito produtivo”, “muito bom, porque propiciou muito aprendizado”, “muito bem por causa dos debates”.

Interessa prestar atenção ao teor das proposições precedentes. Uma vez mais, há a mesma chamada feita pelos pesquisados: a discussão (S.1), a troca de experiências (S.3), a participação de todos (S.7), o poder relatar e debater (S.8), [propiciaram] a discussão de idéias (P.3), o debate das idéias (P.4) e outras insinuações semelhantes, que evidencia (a chamada) a necessidade de se estabelecer uma nova conduta diante da literatura: depois de ser *degustada* (grifo da autora) na solidão, ela prescreve a interação e a reciprocidade.

¹⁰⁹ MEDEIROS, Marco. *O texto invasor: intertextualidade e interdiscursividade na prosa brasileira contemporânea*. Encontro Regional da ABRALIC 2007: Literatura, Arte, Saberes. Disponível em: <www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/257.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2009.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Rejane; MATZENBACHER, Tatiana. *Experiência estética da leitura. Entrelinhas – a revista do Curso de Letras, nº 2, jul./dez.2007*. Unisinos: São Leopoldo – RS. Disponível em: <www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7&s=2-7k->. Acesso em: 12 fev. 2009.

A interação a que os sujeitos da pesquisa se referem não se situa no mesmo sentido que é atribuído pela Estética da Recepção: a relação que se estabelece entre texto/leitor no ato da leitura. Aqui designa a situação face a face, própria de outras formas de interação social, em que os interlocutores estão em sintonia e podem mutuamente perguntar, explicar, concordar, ou não, replicar.

Bakhtin defende a relação do sujeito com o conhecimento enquanto histórico e construído socialmente. Para o pensador, a atividade mental é constituída do exterior para o interior:

A atividade mental tende, desde a origem, para uma expressão externa plenamente realizada. Mas pode acontecer também que ela seja bloqueada, freada: nesse último caso, a atividade mental desemboca numa expressão inibida. [...] Uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então e estruturar a vida interior. A dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável.¹¹¹

Vygotsky compactua com Bakhtin a mesma concepção quanto à natureza social do conhecimento: “[...] não é possível o indivíduo constituir-se nulo em relação ao conhecer, ou seja, dizer-se que ele nada sabe, pois está em constante interação com o ambiente à sua volta”.¹¹²

Também Cristina Mello¹¹³, como já se destacou, ressalta o valor da interlocução na construção de saberes mais produtivos, afirmando que essa prática tem um grande alcance não só na construção do conhecimento, quanto também na formação do ser humano; mas que é utilizada com muita restrição pela escola.

A socialização das idéias e do conhecimento foi, como se mostrou fartamente no decorrer deste estudo, o grande fator que, segundo os sujeitos, agregou produtividade e qualidade à proposta. O “evidencia aspectos não notados” (S.2) pode justificar a necessidade de um trabalho educacional socioconstrutivo. Se, em referência à leitura, os “vazios” ou “pontos de indeterminação”¹¹⁴ requerem a participação de um leitor atento e ativo a fim de suplementá-los, há de se convir que nem sempre um leitor específico consegue perceber, sozinho, a variada gama de possibilidades significativas que um(a) texto/obra pode gerar. Pela interação/interlocução, percepções individuais, submetidas à apreciação dos interlocutores,

¹¹¹ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia de linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 118.

¹¹² VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 101.

¹¹³ MELLO, Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA; RETTENMAIER, RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 148.

¹¹⁴ ISER, *O ato da leitura*, v. I, 1996, p. 15-16.

filiam-se aos outros saberes e ao saber já constituído, gerando a ampliação do horizonte de todos os envolvidos e, por consequência, uma visão mais lúcida sobre a realidade se estabelece.

Mas o “evidencia aspectos não notados” pode incluir também elementos da superfície dos(as) textos/obras, tais como linguagem empregada, pontuação, formatação da estrutura, nesta incluindo o reconhecimento do gênero a que pertence um determinado texto.

Com referência aos aspectos falhos apontados pelos sujeitos, julga-se desnecessário considerá-los nesta análise, por envolverem apenas itens disciplinares, como faltas, conversas paralelas durante os trabalhos e pouco tempo para a discussão das obras.

A questão número dez visava obter uma visão objetiva sobre o êxito ou o fracasso da experiência de leitura, viabilizada por este estudo de caso: Realizada a leitura e a discussão das obras/dos textos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

A dialética entre o horizonte de expectativas, projetado pela experiência acumulada, e a experiência singular, proporcionada por uma determinada obra, constitui o mecanismo básico de toda recepção; e a experiência estética ocorrerá como efeito da tensão entre as propostas da obra e as estruturas já cristalizadas pela recepção anterior. O êxito estético depende, assim, do deslocamento que uma obra é capaz de realizar via reação do receptor frente às disposições poéticas já codificadas e reforçadas pelos hábitos de leitura estabelecidos.¹¹⁵

A afirmação que precede a descrição dos resultados obtidos pretende, de forma esquemática, reforçar o modo de funcionamento do processo de recepção de uma obra, de acordo com as diretrizes básicas propostas por Jauss e Iser e, ao mesmo tempo, servir de parâmetro no cotejo dessas informações.

Enquanto a primeira questão procurou levantar as expectativas dos sujeitos/leitores, esta questão avaliou se ocorreu a ampliação dessas expectativas. Em outras palavras, pretendeu-se verificar se houve ou não a concretização do objetivo norteador da proposta: a transformação do leitor – da enérgia para a convicção e do desinteresse para a motivação. A partir desse pressuposto é que as declarações serão consideradas.

Os integrantes do G.I tinham como meta principal, para a participação no projeto, tornarem-se mais competentes, já que todos tinham o hábito de ler. Diversamente, os do

¹¹⁵ VALVERDE, Monclar. *Estética e recepção*: padrões culturais da recepção estética. Disponível em: <www.facom.ufba.br/Pos/monclar/sentid3.html>. Acesso em 18 jan. 2009.

segundo grupo buscavam estímulos para ler, pois a quase totalidade deles não era leitor nem tinha interesse pela leitura, embora tivesse consciência de sua importância.

Em razão disso, as declarações de ambos os grupos se ligam a esses interesses distintos. Para o G.I, a proposta auxiliou no desenvolvimento de maior competência em leitura, traduzida em: percepção de detalhes que antes não eram vistos; estímulo e interesse pelas obras contemporâneas; transformação em leitor mais crítico; rompimento com a leitura superficial; mais preparo para ler/interpretar.

Em contrapartida, o projeto, para o G.II, contribuiu para o despertar do interesse pela leitura, expresso em: mais concentração na leitura; desenvolvimento da habilidade interpretativa e da análise crítica; motivação para ler e buscar informações; visão diferente sobre textos e leitura; despertamento da curiosidade para aprender e para ler; maior consciência sobre a importância da leitura.

“A percepção de detalhes que antes não eram vistos”(S.2) vem confirmar um funcionamento bastante simples em qualquer setor da vida humana: quanto maior agudeza de percepções um indivíduo desenvolver, mais proficiência ele obterá naquilo que ele realiza. Vê-se, portanto, que há uma estreita relação entre competência e exercício/prática. Quando se trata de leitura, não é diferente. Cristina Mello,¹¹⁶ em texto já citado, fez questão de esclarecer em que sentido é tomado o termo *competência* em educação: saber em uso.

O maior desafio da escola hoje é o de construir competências e não apenas ensinar conteúdos. Em se tratando de leitura da literatura, não basta o aluno saber falar sobre o que leu, relatar a história, dizer como é a personagem, o espaço...; ele precisa fazer inferências e relações, construir sentidos, observar, analisar, comparar. Em outras palavras, precisa haver interação com o texto. Quanto mais ele fizer isso, quanto mais exercitar, mais habilidade vai adquirindo, mais proficiente vai se tornando, mais aspectos “que antes não via” vão sendo percebidos em relação à sua própria leitura e também em relação à leitura de mundo.

Como consequência, o leitor, que antes se constituía apenas como um ser passivo, como um decodificador de um sentido já estabelecido, à medida que for conquistando essa mobilidade e transitando mais livremente por entre os eventos da narrativa, tornar-se-á mais crítico e autônomo. A partir daí, ler passa a se constituir numa prática compensadora, idéia implícita na declaração do S.6: “Rompi com a leitura superficial e me tornei uma leitora mais crítica”.

¹¹⁶ MELLO, Da centralidade do processo de leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: BARBOSA; RETTENMAIER; RÖSING (Org.), *Leitura, identidade e patrimônio cultural*, 2004, p. 139.

Adaptado ao código linguístico do receptor, o texto será entendido e assimilado na exata medida em que seu horizonte de produção puder se sobrepor ao horizonte do leitor. O grau de interpenetração desses horizontes varia, naturalmente, caso a caso. O leitor mais preparado sobre determinado assunto entenderá melhor e com mais segurança o texto que lhe é apresentado.¹¹⁷

O projeto de leitura realizado confirma o processo de leitura descrito por Jauss e Iser, pois ele permitiu atualizar a concretização, no imaginário dos sujeitos leitores, das potencialidades das obras e textos que serviram de objeto. A formação de leitores competentes e críticos e, por consequência, mais autônomos, invoca uma metodologia que ponha em relevo o diálogo entre o leitor e o texto, tal como se configura na Estética da Recepção.

O despertar pela literatura contemporânea, outro aspecto destacado pelos sujeitos de ambos os grupos, diz respeito aos benefícios obtidos pelo contato com textos e obras pós-modernos. Como “ninguém ama o que não conhece”, pode-se dizer o mesmo em relação à literatura e à arte em geral: sem o contato com as produções do presente, não há como julgá-las boas ou ruins.

Dentre as inúmeras reflexões e análises voltadas para a literatura do presente, destaque-se a belíssima conclusão contida num artigo de Marco Medeiros:

Entre apropriações e diálogos, as narrativas se constroem. Se o literário é polifônico por natureza, na contemporaneidade essa característica se alarga, fazendo do espaço ficcional um espaço permeado de textos e discursos. Em vez da unicidade autoritária, o plural. Em vez da totalidade, a relativização. Os fenômenos de intertextualidade e interdiscursividade [pertinentes a todo texto literário] parecem apontar para os multifacetados matizes que colorem a atualidade. Em tempos híbridos, textos híbridos. Contra o fascismo da língua, o “esplendor de uma revolução permanente da linguagem”.¹¹⁸ – a literatura. [...] A prosa contemporânea festeja o poder e o encantamento de se refazer e se reinventar. De ser muitos sendo um só.¹¹⁹

Como se pôde constatar, tanto pelas análises dos teóricos quanto, e principalmente, pela experiência com a leitura dos contemporâneos realizada, que a literatura produzida nas últimas décadas, mormente da última do século XX e início do século XXI, utiliza ricas e múltiplas formas de expressão. Portanto, torná-la conhecida pela inclusão nos currículos

¹¹⁷ MESQUITA FILHO, Julio de. *A recepção do discurso: atualização da leitura*. UNESP – Jornalismo On-Line. Disponível em: < www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Tese/recepcao_discurso.htm >. Acesso em 9 fev. 2009.

¹¹⁸ BARTHES, *O rumor da língua*, 2004, p.16.

¹¹⁹ MEDEIROS, Marco. *O texto invasor: intertextualidade e interdiscursividade na prosa brasileira contemporânea*. Encontro Regional da ABRALIC 2007: Literatura, Arte, Saberes. Disponível em: < www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/257.pdf >. Acesso em: 12 fev. 2009.

escolares ou através de propostas alternativas pode representar uma iniciativa bem sucedida na formação de novos leitores, como ocorreu com a presente proposta.

No tocante à expectativa fundamental expressa pelos integrantes do segundo grupo – despertar o interesse e o gosto pela leitura – a partir do registro das informações, é possível concluir que ela se confirmou, pelo menos em parte: “Tenho mais interesse e mais concentração na leitura de um texto. Acredito que desenvolvi mais a habilidade de interpretação” (P.1) e “Me tornei bem mais interessado na leitura, e percebi que a literatura não é apenas aquela coisa monótona e chata e sim algo muito interessante” (P.7) são apenas alguns exemplos das afirmações desses jovens pesquisados sobre o projeto desenvolvido.

A dúvida que se tem relaciona-se à persistência desses sujeitos nos seus propósitos e no entusiasmo. As palavras de Michel de Certeau justificam essa preocupação: “A leitura não se protege contra o desgaste do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos)...”¹²⁰ Em se tratando da proposta, o ideal teria sido continuar esse trabalho indefinidamente, pois, com o passar do tempo, as mais nobres aspirações, incluindo a leitura, tendem a arrefecer se não forem alimentadas, com bem o definiu o pensador francês. Porém, o que os pesquisados mostraram por escrito é animador. Nenhum afirmou ter formado o hábito de ler por causa do projeto, mas, com exceção de um, todos declararam algum tipo de ganho com ele: em interesse pela leitura, em despertar do gosto, em criatividade e criticidade, em percepção diferente sobre leitura, entre outros.

E aqui se impõe ressaltar a importância do trabalho da escola, representado pelo professor (mediador) de literatura. Oliveira e Matzenbacher, ao descreverem uma experiência estética com leitura, expressam, apoiadas em Iser, em que deveria consistir esse trabalho:

É necessário que o professor de literatura não negligencie a sua tarefa de mostrar as possibilidades do texto literário [aos seus alunos] em oferecer um destino que nos conduz a lugares diferentes e inesperados, para além dos condicionamentos da realidade que nos mobiliza. Para tanto, o professor não pode perder de vista a qualidade fundamental da literatura de fornecer o diálogo com os conflitos humanos, percebendo o texto literário como uma estrutura organizada e coerente, capaz de ativar as faculdades sensórias, emotivas e cognitivas do leitor.¹²¹

¹²⁰ BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. A mediação docente na formação do leitor. In: RÖSING, Tania M.K. (Org.). *Práticas leitoras para uma cibercivilização V: ressignificando identidades*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005, p. 35.

¹²¹ OLIVEIRA, Rejane; MATZENBACHER, Tatiana. *Experiência estética da leitura. Entrelinhas – a revista do Curso de Letras*, nº 2, jul./dez.2007. Unisinos: São Leopoldo – RS. Disponível em: <www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7&s=2-7k->. Acesso em: 12 fev. 2009.

Quanto à presente proposta, não há como negar que houve limites e dificuldades na sua aplicação, mas, com toda a certeza, ela produziu seus efeitos: mais evidentes e mais imediatos no G.I (adultos e leitores constituídos anteriormente), mais modestos, mas com a possibilidade de produzirem resultados mais consistentes no futuro, no G.II (jovens ainda não-leitores).

A questão de número onze - Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê? – objetivava, prioritariamente, conferir e confirmar se o projeto tinha sido aprovado de fato pelos sujeitos: “Dar continuidade” pretendia testar o entusiasmo e o interesse dos pesquisados quanto ao trabalho realizado; prolongar a proposta representava uma possibilidade que, dependendo das condições, poderia se realizar.

Surpreendentemente, todos os integrantes do G.I manifestaram-se pelo sim. Todavia, foram os motivos apresentados que denotaram quão valiosos haviam sido os estudos literários: “Sim, eu acredito numa proposta de leitura que dá aos leitores a oportunidade de discutirem e trocarem experiências de leitura. É motivador, desafia para aprofundar e enriquecer os significados de cada livro” (S.3). “Sim, porque ajuda a manter o hábito da leitura, não a superficial. Quando alguém vê algo na obra que o outro não enxerga, ambos são instigados a ler criticamente e confirmar se o texto permite tais significados” (S.6).

Essas asserções são exemplos do nível de maturidade e experiência leitora alcançado pelos dois sujeitos – elas ratificam a linha básica desta pesquisa, frisada constantemente ao longo do seu desenvolvimento: um leitor, diante de uma obra, alimenta determinadas expectativas, que serão ou não confirmadas dependendo do seu conhecimento prévio e da distância estética na qual se situa a obra. Porém, o intercâmbio de experiências de leitura possibilita, senão a eliminação, pelo menos a redução dessa distância entre texto/leitor. Com isso, ele amplia seu horizonte ou sua visão sobre a realidade.¹²²

Embora esses sujeitos não tenham o domínio teórico desses pressupostos, na sua prática leitora eles os pressupõem, conforme ficou provado pelas declarações. E como os encontros estão tendo continuidade no presente, e com tendência a uma crescente expansão em quantidade e em qualidade, também elementos de teoria da leitura poderão ser abordados. Além disso, cogita-se sobre a possibilidade de haver outros desdobramentos da proposta no futuro.

A manutenção do hábito da leitura é também o motivo principal que mantém um dos sujeitos ligado aos encontros. Apesar de esse objetivo se situar numa visão de superfície, ele

¹²² JAUSS, *A história da literatura como provocação à teoria literária*, 1994, p. 28.

tem vínculo direto com a leitura de profundidade, ou seja, o fato de o sujeito fazer parte de um grupo de estudos, cujos integrantes situam suas expectativas em patamares sempre mais elevados, esse sujeito, automaticamente, está “obrigado” a acompanhar os outros; ou desistirá. Em persistindo (que é o que ele deseja), seu horizonte se amplia enormemente.

Dos quinze integrantes do G.II, treze se posicionaram a favor da continuidade dos encontros, mas destes, apenas seis poderiam comparecer aos estudos. Em razão disso, o trabalho com este grupo encerrou junto com a proposta. Quanto às declarações, estes sujeitos manifestaram desejos menos ambiciosos, porém, de grande importância, sobretudo para eles, em processo de formação do gosto. As justificativas apresentadas por este grupo a favor do prolongamento dos estudos literários estão em plena consonância com os objetivos estabelecidos para a participação inicial na proposta. E podem ser resumidas em duas idéias básicas: a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento do hábito da leitura.

A primeira denota uma visão muito pobre de leitura, porque não contempla o envolvimento do leitor no processo de construção de uma identidade leitora para si mesmo. Essa concepção não concebe a literatura como constitutiva da experiência humana, capaz de produzir transformações no leitor.

Infelizmente, tal noção de leitura é ainda a que predomina nos meios acadêmicos. Lê-se somente em função de um objetivo utilitarista, qual o de receber uma avaliação, passar no vestibular, fixar um conteúdo, por exemplo. Sem dúvida, essa “visão escolarizada” revela um baixo ou quase nenhum nível de reflexividade e, em hipótese alguma, deve ser tomada como modelo para a formação de leitores de literatura.

O desenvolvimento do hábito da leitura é outra finalidade explicitada por alguns pesquisados do segundo grupo para justificar a continuidade dos estudos de literatura. Entende-se que essa proposição revela uma visão mais madura sobre leitura – não se lê apenas em determinados momentos, com o fim de conhecer mais; pretende-se construir uma atitude leitora, com todas as implicações que ela envolve. E essa função, em primeira mão, é de responsabilidade da escola, que deve “fornecer um conjunto de instrumentos e de estratégias para o aluno realizar esse trabalho de forma progressiva e autônoma”.¹²³ A atitude leitora se traduz num interesse a todo tipo de leitura, mas priorizando o texto literário, pois ele “dá conta da totalidade do real; representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla”.¹²⁴

¹²³ KLEIMAN, Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. Teorias de leitura e ensino. In: RÖSING; BECKER (Org.), *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*, 2005, p. 22.

¹²⁴ BORDINI, Maria da Glória: *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 13.

Entende-se, também que essa atitude (leitora) se liga à leitura veiculada em qualquer suporte. Além disso, pela ampliação de conhecimento que proporciona, pode gerar também a valorização a todo tipo de arte.

As declarações dos sujeitos dos dois grupos envolvidos na pesquisa, obtidas através dos depoimentos orais e do questionário escrito, sinalizam evidências muito fortes de que esta proposta se mostrou eficaz para confirmar os sujeitos que já eram leitores e estimulá-los ainda mais (Grupo I) e para desenvolver o interesse e o gosto pela leitura de literatura (Grupo II). A continuidade dos estudos literários, cada vez mais estimulante e estimuladora, pelo G.I, é a prova mais concreta do alcance dos objetivos, pelo menos em relação a este último. No que respeita aos pesquisados do segundo, só o tempo dirá se as mudanças previstas em forma de metas se concretizaram na prática.

3.3 Resultados obtidos através do terceiro procedimento: observação direta

Este trabalho de pesquisa, como já ficou esclarecido, adotou técnicas qualitativas de investigação: depoimentos orais, questionário escrito e observação direta. Os dados coletados através das duas primeiras foram catalogados e explicados precedentemente; sobre a última, tratar-se-á a seguir.

Técnica muito simples e espontânea, a observação direta, como o nome já diz, consiste em observar como agem e o que fazem os sujeitos da pesquisa e registrar isso para descrever, analisar e interpretar.

Na investigação em curso, dois grupos de leitores foram estudados e observados: O G. I, composto por pessoas adultas, que leu (e ainda lê!) textos longos – obras de literatura contemporânea; e o G.II, formado por jovens, estudantes do ensino médio, que leu textos curtos, de autores contemporâneos, em sua maior parte.

3.3.1 Análise dos resultados obtidos através da observação direta – Grupo I

Os integrantes do G.I demonstraram muito interesse desde o primeiro encontro, ocorrido em seis de agosto de dois mil e sete. As discussões com este grupo ocorriam de forma dinâmica e produtiva, pois os sujeitos se destacavam por serem centrados e interativos, de tal forma que as reuniões sempre extrapolavam o horário previsto.

Em contrapartida, pelo fato de a maioria dos sujeitos ser adulta, as inúmeras responsabilidades que cada um tinha impediam que alguns deles fossem assíduos, o que gerou, no andamento dos trabalhos, um certo desconforto e até desânimo por parte da pesquisadora. Alguns mais jovens que se propuseram ao trabalho, no seu decurso, tiveram de abandoná-lo, por terem de assumir um emprego ou de mudar aquele que já tinham, do que resultava a troca de horário e, por consequência, a saída dos encontros. No final do semestre, em dezembro de 2007, concluintes do ensino médio foram para a universidade, e os estudos literários não puderam mais contar com esses sujeitos. Portanto, durante os quatro primeiros meses do projeto houve um troca-troca dos participantes. No ano seguinte, 2008, o grupo reiniciou os trabalhos com muito mais ânimo; e bem mais coeso. Houve a adesão de outros sujeitos, de profissões diversas. A participação se tornou mais consistente e a assiduidade, também. (Em benefício da clareza, é preciso observar que só foram considerados, para efeito de avaliação deste projeto, os sujeitos que compareceram do início até o fim dos trabalhos).

Hoje o grupo está cada vez mais fortalecido, com a adesão constante de novos membros. Está-se pensando em expandir as atividades para além das realizadas nos encontros – ir para as empresas, ao presídio, à casa dos idosos; fortalecer o trabalho de leitura no ensino fundamental; a formação de grupos para a leitura e a discussão de textos curtos, além de outras a serem planejadas.

Os participantes deste grupo estavam sempre abertos ao aprendizado. Com a incorporação de membros detentores de uma boa bagagem literária, as discussões ganharam aprofundamento e agregaram (e ainda agregam) uma grande riqueza de conhecimentos, o que, por sua vez, gera estímulos para buscar o aprimoramento constante. E mais: pelo fato de atuarem em diferentes profissões, as contribuições para o grupo foram (e são) muito enriquecedoras.

No tocante a ações individualizadas, convém destacar a atuação do Sujeito 4, o qual, pela experiência com seu filho na família, mostrou ter uma habilidade muito grande para formar leitores. Embora não tenha formação superior, é um exemplo de como é possível levar os adolescentes ao gosto pela leitura. A contribuição desse sujeito para com o grupo foi (e está sendo) inestimável.

O Sujeito 8 é outro destaque. Professora de Matemática, aceitou o convite para participar nos estudos em razão da necessidade, dizia, de aprender a compreender e a interpretar textos. Afirmava ter muita dificuldade de entender livros de literatura, por isso, via nesses encontros a oportunidade de superá-la. Desde a primeira reunião, esse pesquisado se mostrou muito questionador, participativo. Realizava a leitura das obras (retirava-as

rapidamente da biblioteca para não perder a chance de lê-las), fazia anotações, esquematizava, resumia, registrava observações. Em síntese, chegava aos estudos devidamente preparado. Pode-se dizer que é um exemplo de leitor. O progresso, hoje, (pois ele continua frequentando) é evidente, as dificuldades estão cedendo lugar a uma visão muito mais ampliada.

Sobre os demais sujeitos, quer-se reafirmar quanto a sua presença foi essencial para o sucesso dos trabalhos (que pretendem continuar indefinidamente e cada vez melhores). Hoje, dos nove que fizeram parte desta pesquisa, dois deixaram o grupo – o S.4 e o S.9. Em compensação, quatro outros aderiram em agosto de 2008. O objetivo é atingir mais pessoas a partir de 2009 ; para tanto, um trabalho de promoção já vem sendo feito.

3.3.2 Análise dos resultados obtidos através da observação direta - Grupo II

Os estudos literários com o G.II se estenderam até julho de 2008. Findo o projeto, os encontros foram interrompidos em razão não só do reduzido número de participantes que poderiam continuar (apenas seis), mas, principalmente, pela dificuldade de horário por parte da pesquisadora.

Quanto ao nível de participação e interesse dos componentes deste grupo, não se pode afirmar que tenha havido o mesmo empenho dos participantes do primeiro. A idade foi o fator decisivo: adultos x adolescentes. Esperam-se atitudes mais regradas e equilibradas de alguém que passou dos vinte e cinco anos. Apesar disso, como o demonstrou a coleta de informações através dos instrumentos precedentes, os resultados foram animadores. E as atitudes de alguns sujeitos durante os estudos foram meritórias.

Um desses destaques é o P.6, cuja mudança repercutiu nas aulas regulares. O interesse pela leitura foi constatado imediatamente pelos professores de língua portuguesa e de literatura. (Anexo 5). Sobre ele, no que diz respeito aos encontros, dificilmente faltava. Não se envolvia com conversas e distrações. No final, punha-se a escolher um dos livros que se encontravam disponíveis para retirada, ou, então, solicitava da pesquisadora um dos títulos citados durante o encontro, caso não o encontrasse. E assim ocorria semanalmente: entregava uma e retirava outra obra. Esse sujeito foi o mais entusiasta.

O P.8 é outro exemplo de dedicação. Postava-se bem próximo à pesquisadora, auxiliava no manuseio dos equipamentos e se oferecia para digitar e preparar o material. Chegava esbaforido por causa do horário de trabalho, mas não faltava. Suas contribuições durante as discussões eram bastante relevantes: opinava, sugeria e se punha disponível para

encenações quando necessário. Esse pesquisado apresentava dificuldades na linguagem escrita, mas o interesse e a vontade venceram seus limites. Ficou profundamente triste com a interrupção dos encontros.

Um aparte sobre o P.10 também é necessário. Chegou aos encontros a convite de amigos e primava pela assiduidade. Frequentava uma escola de ensino médio distante do local dos encontros. Conhecida da pesquisadora no ano anterior por causa de seu envolvimento com colegas perturbadores, e conhecida por ser aluna desatenta e relapsa, a sua chegada aos estudos causou estupefação. Era ativa e entusiasmada. Passou a se interessar por leitura. A mudança chegou muito além do esperado. Desejava também a continuidade dos trabalhos.

O P.2 e o P.3 frequentavam assiduamente os encontros. Embora sua atuação fosse menos intensa que a dos sujeitos anteriores, em razão, talvez, de dificuldades na leitura, a participação e o esforço deles merecem ser frisados. Assim como os precedentes, queriam que os estudos tivessem continuidade.

Em relação aos não citados, o que se tem a afirmar é que o entusiasmo se mostrava bem menor. Mas, com certeza, essa experiência não foi em vão, também para eles, pois se acredita, como Ítalo Calvino,¹²⁵ que as obras ou os textos literários têm um potencial para se fazerem esquecidos enquanto tais, mas que a semente fica e, mais cedo ou mais tarde, dadas as condições, produzirão seus resultados.

Por isso, considerando o conjunto da proposta, com base nos dizeres e nas atitudes dos vinte e quatro sujeitos envolvidos, é possível afirmar com segurança que, apesar dos limites de tempo e de pessoas atingidas, este trabalho correspondeu ao objetivo fundamental – estimular/seduzir para a leitura do texto literário através da literatura contemporânea.

¹²⁵ CALVINO, *Por que ler os clássicos*, 2007, p. 10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto *Quatro toques* (Anexo 6) divide espaço com duas contradições, captadas pela sensibilidade de uma leitora atenta, e registradas graças à sua decisão de interagir crítica e autonomamente diante da realidade. A palavra escrita lhe emprestou a voz, o jornal, o suporte, o texto literário, o recurso.

Voz, suporte e recurso poderiam ser considerados uma combinação perfeita na constituição do objeto que se convencionou designar como texto se não fosse um outro componente, não visível na materialidade textual, mas constituinte da sua própria substância: o leitor, elemento imaterial, a quem a escrita se remete; e no texto literário, figura imprescindível na construção do(s) sentido(s) possibilitados pela escritura. “O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino”, diria Roland Barthes.¹²⁶

Quase ao mesmo tempo, a Estética da Recepção viria corroborar essa idéia e confirmar, em definitivo, através de seus pressupostos, que “não existe texto sem leitor”, tamanha é a interação entre ambos – o primeiro não existe sem o segundo; este não se realiza sem aquele. Ou seja, o texto é visto como um campo com dois horizontes: o da recepção e o da autoria. Durante a leitura, vários sentidos “explodem”, graças à ação do texto sobre o leitor e em resposta ativa deste sobre aquele.

Segundo Vincent Jouve,¹²⁷ por meio dessa interação, o texto literário cumpre três funções específicas: *a subversão na conformidade*, segundo a qual, a literatura, ao mesmo tempo que nos mergulha na cultura, faz explodir os limites dessa mesma cultura; *a eleição do sentido na polissemia*, que remete a uma pluralidade de significações; por fim, *a modelização*

¹²⁶ BARTHES, *O rumor da língua*, 2004, p. 64.

¹²⁷ JOUVE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 137.

por uma experiência de uma realidade fictícia, que possibilita ao leitor a vivência do real na imaginação, funções essas que estão em sintonia com as linhas básicas propostas pelos teóricos da recepção e que, nesta pesquisa, foram tomadas como parâmetro no confronto com o registro das experiências de leitura, relatadas pelos pesquisados.

A partir da análise dessas informações, foi possível verificar, quanto à primeira função, que, dadas as condições de conhecimento literário e cultural dos sujeitos antes do início do projeto, pode-se assegurar que houve visíveis ganhos de cultura literária e de cultura geral, propiciados pela leitura dos textos/obras, pela troca de experiências entre os integrantes da pesquisa, pela contextualização sócio-político-histórico-cultural (realizada com o auxílio de um professor especialista), pela riqueza cultural inserida no(a,s) próprio(a,s) texto/obra lidos. Esses elementos todos poderão servir para que, no presente ou no futuro, esses sujeitos contestem aspectos da realidade com a qual não concordam, seja qual for essa realidade: escola, sociedade, empresa...

Quanto à segunda função, sua descrição em relação aos investigados fica dificultada, pois ela se relaciona mais a aspectos da subjetividade. Mesmo assim, na prática leitora efetuada, essa função pôde ser confirmada melhor nas manifestações orais dos sujeitos, à medida que cada leitor explicitava o sentido que para ele fazia sentido em relação ao texto em discussão. Nas respostas ao questionário escrito, a maior parte dos pesquisados relatou o caráter polissêmico da escritura literária. Essa função tem a sua ação manifestada pela leitura de mundo e pelas escolhas que o indivíduo leitor faz na sua prática social.

A terceira função do texto literário, assim como a anterior, acontece mais em nível subjetivo, por isso de difícil avaliação. No entanto, no que diz respeito aos investigados, cada leitura oportunizada por intermédio do projeto ensejou-lhes os benefícios de experiências que não tiveram de experimentar no seu mundo de referência.¹²⁸ E, em razão da diversidade de estilos das produções contemporâneas e da multiplicidade de situações ali representadas, os acréscimos, com certeza, foram ou serão ainda maiores.

Assim entendida, a leitura do literário e, de modo particular, do texto contemporâneo, torna-se uma prática muito produtiva, transformadora e libertadora, pois ela habilita os leitores a agirem de forma mais segura e autônoma e a construir novos sentidos para a realidade.

Ao final desta proposta, que propiciou uma visão mais ampliada sobre leitura/literatura em vista da prática leitora efetuada e das reflexões que ela gerou, pretende-se

¹²⁸ JOUVE, *A leitura*, 2002, p. 138.

contribuir com algumas sugestões que, acredita-se, poderão trazer benefícios em favor da formação de futuros leitores. São *quatro toques*, isentos de antagonismos, e convergentes para o mesmo foco: a melhoria da qualidade do ensino da leitura/literatura que, como mostram as pesquisas, carece de maior atenção e cuidado por parte dos que têm a responsabilidade de favorecer ao cidadão o exercício consciente da cidadania, como previsto nas leis maiores.

O primeiro toque se dirige às autoridades federais, que têm a incumbência maior de zelar pela educação no país. Entende-se que habilitar o professor deveria ser a preocupação fundamental. Sugere-se, para isso, que aos profissionais da educação do ensino fundamental e médio das escolas públicas seja facilitado o acesso ao curso de mestrado através de bolsas de estudo e do estímulo permanente à atualização. Além disso, facilitar a integração escola/universidade, a fim de que os professores reatualizem suas práticas com base nos novos formatos teórico-metodológicos.

O segundo toque é endereçado às secretarias estaduais de Educação, no sentido de ampliar o tempo de permanência do aluno na escola para facilitar o aprofundamento dos conteúdos e para que se possam efetuar diferentes abordagens, utilizando técnicas e estratégias diversificadas; e às coordenadorias de ensino, a quem cabe, em primeira mão, a responsabilidade de gerenciar os recursos humanos. A preocupação com a qualidade do ensino deveria levar em conta um permanente investimento no professor, em forma de assessoria metodológica, de estímulo e facilitação ao aprimoramento do profissional e de presença regular nas escolas para sugerir caminhos e avaliar propostas.

Um terceiro chamamento é dirigido aos gestores das escolas, incluindo os coordenadores pedagógicos. A atenção desses profissionais deveria estar voltada, prioritariamente, ao pedagógico escolar e menos a questões disciplinares; à ativação do processo educativo, propiciando a reflexão crítica sobre as práticas; à integração de todos os professores em torno de objetivos e de projetos comuns, pois se entende que a formação em leitura precisa integrar todas as áreas e todos os profissionais envolvidos no processo.

Teoricamente, o comprometimento maior para a inserção dos estudantes no mundo da leitura e no desenvolvimento da competência leitora se deve ao profissional dessa área, pois é o detentor da habilitação específica para esse fim. Por isso, o último alerta – quarto toque – a ele se destina. Todavia, como já se enfatizou no decurso desta proposta, os professores de leitura, por várias razões, não têm conseguido formar competência para ler/interpretar e nem despertar os estudantes para o prazer de ler. O que se verifica, na maioria dos casos, é um ensino fragmentado, descontextualizado, que não habilita o aluno para fazer uso adequado da linguagem nas diversas situações de sua prática social.

Entende-se que essas atitudes não traduzem má vontade nem desinteresse para ensinar, mas despreparo técnico-pedagógico para fazer frente às novas exigências da sociedade. Conhecimento gera revisão de práticas e de valores, gera nova visão e conduta diante da realidade, gera compromisso e comprometimento.

É consenso entre os pesquisadores da leitura que, sem o amparo teórico – “dos estudos do letramento, dos estudos discursivos, dos estudos sociocognitivos”¹²⁹ –, o ensino da leitura fica enormemente prejudicado. Por outro lado, é preciso que se saliente a utilização de metodologias eficazes, implicadas no processo de ensino, que devem contemplar, entre outros aspectos, o fazer coletivo e a socialização do conhecimento (frisados pelos investigados em razão da produtividade que possibilitam).

No que diz respeito ao literário e ao desenvolvimento do gosto pela leitura, o professor precisa ser, antes de tudo, um leitor, e um leitor convicto e entusiasta, para poder transferir sua experiência de leitura aos futuros leitores – seus alunos.

Todos esses aspectos – conhecimento teórico-pedagógico, aplicação de estratégias produtivas de ensino e exemplo de professor leitor – constituem o perfil do mediador de leitura, habilitado, efetivamente, para formar leitores e para desenvolver competência leitora.

Se professor-mediador/ escola/ secretarias/ coordenadorias /autoridades federais assumirem essa tarefa com ética e com responsabilidade, haverá, com toda a certeza, menos “desgraçados reunidos em bando, jogando pedras, matando ou ateando fogo”. E se o professor-mediador for convicto, ele gerará motivação, desejo de aprender, como mostra a experiência descrita por um pensador ainda desconhecido: “Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. *Para que lhe servirá?*, perguntaram-lhe. *Para aprender esta ária antes de morrer*”.¹³⁰

Então, não deveria faltar disposição, ousadia, preparo teórico-prático e compromisso ético, sobretudo por parte da escola, representada pelos seus profissionais, a fim de gerar um conhecimento realmente produtivo, que sirva de ferramenta eficaz na construção de seres humanos criativos e socialmente competentes.

Quanto à arte literária, instrumento mobilizador de reflexão e manifestação da criatividade humana por excelência, precisa ser amplamente valorizada e ser tratada como elo unificador dos demais saberes, capaz de auxiliar no crescimento e nas descobertas dos futuros leitores. Na feição de livro, de filme, de história em quadrinhos, de texto teatral, veiculada nos

¹²⁹ KLEIMAN, Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor. Teorias de leitura e ensino. In: RÖSING; BECKER (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*, 2005, p. 39.

¹³⁰ CALVINO, *Por que ler os clássicos*, 2007, p. 16.

mais diferentes suportes, com certeza, “ela aparecerá como uma necessidade vital, fruto de uma demanda interna de crescimento e de acesso à complexidade do real, que se prolonga por toda a vida”.¹³¹

E a ficção contemporânea, vigorosa, interdiscursiva, multifacetada, polifônica, pode representar uma alternativa sedutora para estimular a filiação dos jovens à leitura do texto literário, como ficou demonstrado pela experiência leitora, traduzida no formato de pesquisa investigativa, que ora finda.

¹³¹ OLIVEIRA, Rejane; MATZENBACHER, Tatiana. *Experiência estética da leitura. Entrelinhas – a revista do Curso de Letras*, nº 2, jul./dez.2007. Unisinos: São Leopoldo – RS. Disponível em: <www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7&s=2-7k>. Acesso em: 12 fev.2009.

BIBLIOGRAFIA

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. História de amor em cartas. In: *13 dos melhores contos de amor da literatura brasileira*. STRAUSZ, Rosa Amanda (Org.). Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

ANDRADE, Cláudio Henrique Salles; SILVA, Nelson J. da. (Sel. e Org.) *Feira de versos - poesia de cordel*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Para gostar de ler 36 Poesia)

ARAÚJO, Paulo. Tragédia, romance, valentia: é o cordel unindo arte e poesia. *Nova Escola*, São Paulo, n 176, p. 52-54, out. 2004.

ASSIS, Machado. Minha querida C. *Nova Escola*, São Paulo, nº 181, p.60-61, abr.2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia de linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. 1ª ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2002.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record: 1998.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BIAL, Pedro. *Crônicas de um repórter*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BIOGRAFIA de José Lutzenberger. Disponível em:
<pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lutzenberger>. Acesso em 8.6.2008.

BIOGRAFIA de José Mindlin. Disponível em:
<<http://bibliomanias.no.sapo.pt/Mindlin.htm>>. Acesso em 8.6.2008.

BIOGRAFIA de Luís Fernando Veríssimo. Disponível em:
<www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp>. Acesso em 8.6.2008.

BIOGRAFIA de Oscar Niemeyer. Disponível em:
<pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Niemeyer>. Acesso em 8.6.2008.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*, V.3. São Paulo: Globo, 1999.

BRAGA-Torres, Ângela. *Chico Buarque*. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres da Música no Brasil)

BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Meu caro amigo*. CD Cantando a história. Grupo vocal Garganta Profunda. Positivo s.d.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. A mediação docente na formação do leitor. In: RÖSING, Tania M. K. (Org.) *Práticas leitoras para uma cibercivilização V: ressignificando identidades*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.

BUTLEN, Max. Ler, compreender e interpretar textos literários na escola. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.) *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

CALVINO, Ítalo. *Um general na biblioteca*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Texto em construção: interpretação de texto*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

CARNEIRO, Flávio. *No País do Presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CARRASCOZA, João Anzanello. Ponta da língua. *Nova Escola*, São Paulo, nº 210, p.112-113, mar.2008.

CARVALHO, Gilmar de. (Org. e Pref.) *Patativa do Assaré – Antologia Poética*. 5. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

COIMBRA, Davi. O Brasil invisível. *Zero Hora*, 2.09.2007.

COLASANTI, Marina. De quem são os meninos de rua? In: *O Peru de Natal e Outras Histórias*. São Paulo: Ática, 2003. (Coleção Literatura em minha casa, v. 2 crônica e conto).

_____. *Eu sei, mas não devia*. Disponível em:
<www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp>. Acesso em: 2.3.2008.

COUTO, Mia. *O Outro Pé da Sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CRAVEIRINHA, José. *Reza, Maria!* Disponível em:
<br.geocities.com/poesiaeterna/poetas/moçambique/josecraveirinha.htm>. Acesso em: 18 mai. 2008.

CREMADES, Raúl. Animación a la lectura a través del acercamiento al processo de creación literaria. In: RETTENMAIER, Miguel; BARBOSA, Márcia H. S.; RÖSING, Tania M. K. (Org.) *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004, p.123-136.
DANTAS, Francisco J. C. *Sob o Peso das Sombras*. São Paulo: Planeta, 2004.

_____. *A ótica de um sergipano*. Disponível em:
<www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/saopaulo450/artigos-dantas.shtml>. Acesso em 5.10.2007.

DAUSTER, T. *A fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores*. Revista de Educação / PUC – Rio, nº 49, nov. de 1999.

DINIZ, Júlio. Apontamentos sobre o significado, sentido e interpretante na leitura. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2005.

DUARTE, Rosália. *Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em:
<www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em: 2 out. 2008.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Mônica Stahel . 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARACO, Sérgio. (Org. e Ed.) *Contos brasileiros*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

FÔLDER da 12ª Jornada Literária de Passo Fundo. Passo Fundo – RS, 2007.

FREIRE, Marcelino. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê, 2000.

_____. *Balé Ralé*. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Rasif: mar que arrebeta*. São Paulo: Record, 2008.

GALERA, Daniel. *Mãos de Cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GLOWACKI, Rosemari. Estética da Recepção: a singularidade do leitor e seu papel de co-produtor do texto. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. (Org.) *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GOMES, Álvaro Cardoso. A morada do Ser. *Nova Escola*, São Paulo, n 206, p. 106-107, out. 2007.

GONZAGA, Chiquinha. Apostila do Ensino Fundamental – 7ª série. Curitiba: Dom Bosco, s.d.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético* v.1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Trad. Sérgio Telarolli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Coord.). *A literatura e o leitor*. Textos de Estética da Recepção. 2ª ed. Rio, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Texto & Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania M. K.; BECKER, Paulo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2005.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. (Org. e Apres.) *História de quadros e leitores*. São Paulo: Moderna, 2006.

_____; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Edit. 34, 1993.

LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. MONTERO, Teresa (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOPES, Carolina. *Xilogravura*. Disponível em: <www.ablc.com.br/ (Academia Brasileira de Literatura de Cordel)> Acesso em: 2 out. 2008.

MEDEIROS, Marco. *O texto invasor: intertextualidade e interdiscursividade na prosa brasileira contemporânea*. Disponível em: www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/257.pdf. Acesso em: 12 fev. 2009.

- MEDEIROS, Martha. *Tudo que eu queria te dizer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- MELLO, Cristina. Gêneros literários e ensino da literatura. In: *O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários*. Coimbra: Almedina, 1998.
- MELLO, Cristina. Da centralidade do processo da leitura no debate atual sobre a formação do leitor: construção de estratégias pragmáticas e sua aplicação didático-pedagógica. In: RETTENMAIER, Miguel; BARBOSA, Márcia H. S.; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). *Leitura, identidade e patrimônio cultural*. Passo Fundo: UPF, 2004.
- MESQUITA FILHO, Julio de. *A recepção do discurso: atualização da leitura*. Disponível em: www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Tese/recepcao_discurso.htm. Acesso em: 9 fev. 2009.
- OLIVEIRA, Rejane; MATZENBACHER, Tatiana. *Experiência estética da leitura*. Disponível em: www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7&s=2. Acesso em: 12 fev. 2009.
- OLIVEIRA, Domingos. Caro Woody. *Bravo!* São Paulo, nº 129, p. 91-92, mai. 2008.
- QUEIROZ, Rachel. De armas na mão pela liberdade. In: PRIETO, Heloísa (Org. e Apres.). *Do conto à crônica*. São Paulo: Salamandra, 2003. (Coleção Literatura em minha casa, v.2)
- RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizado*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- REIS, Luzia de Maria. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- REIS, Carlos. *Técnicas de análise textual: introdução à leitura crítica do texto literário*. 3ª ed. Coimbra: Almedina, 1981.
- _____. *O Conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários*. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RÖSING, Tania M. K. *A formação do professor e a questão da leitura*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2001.
- _____. *Perfil do novo leitor em construção: a importância dos Centros de Promoção de Leitura de Múltiplas Linguagens*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Antes que eles cresçam*. Disponível em: www.palavrarte.com/equipe/equipe_arsantanna_cdcronicas.htm. Acesso em 2.3.2008.

SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SANTOS, Lígia. *Tomie Ohtake*. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres das Artes no Brasil).

SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

TORERO, José Roberto. *Pequenos amores*. São Paulo: Objetiva, 2003.

_____. Tadeu x Maria Angélica. *Nova Escola*, São Paulo, n 192, p. 34-35, mai. 2006.

_____. *Algumas razões nobres e outras plebéias*. Disponível em: <www.releituras.com/jtorero_menu.asp>. Acesso em 28.3.2008

TREVISAN, Dalton. *Vozes do retrato*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *O Vampiro de Curitiba*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *Grávida, porém virgem*. Disponível em: <www.releituras.com/dalontrevisan_gravida.asp>. Acesso em 5.5.2008.

_____. *Apelo*. Disponível em: <<http://co-lirius.blogspot.com/2007/07/apelo-dalton-trevisan.html>>. Acesso em 5.5.2008.

_____. *Rita, Ritinha, Ritona*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT943611-1655-2,00.html>>. Acesso em 5.5.2008.

_____. *O Estripador*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDR69675-5856,00.html>>. Acesso em 5.5.2008.

_____. *Macho não ganha flor*. Disponível em: <http://www.passeiweb.com/na-ponta-lingua/livros/resumos_comentarios/m/macho-nao-ganha-flor>. Acesso em 5.5.2008.

VALE, Sérgio. A inquietude amazônica (entrevista com Milton Hatoum). *Discutindo Literatura*, São Paulo, nº 12, p. 16-19, 2007.

VALVERDE, Monclar. *Estética e Recepção: padrões culturais da recepção estética*. Disponível em: www.facom.ufba.br/Pos/monclar/sentd3.html. Acesso em: 18 jan. 2009.

VENTURA, Zuenir. *Praia, o nosso melhor lugar comum*. Disponível em: <www.almacarioca.com.br/cro47.htm>. Acesso em 2.3.2008.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Lixo*. Disponível em: <www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10767&cat=Contos>. Acesso em 2.3.2008.

VERUNSCHK, Micheliny. *Compositor de cotidianos*. *Discutindo Literatura*, São Paulo, n° 16, p. 48-53, 2008.

VIANNA, Herbert. *Lipoaspiração*. Disponível em: <joesio.blogspot.com/2008/09/cirurgia-de-lipoaspirao-herbert-vianna.html>. Acesso em 2.3.2008.

VYGOTSKI, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. *Leitura em tempos de cibercultura*. In: WESCHENFELDER, Eládio Vilmar; RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.) *Práticas leitoras para uma Cibercivilização IV*. Passo Fundo: UPF, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo Ática, 1989.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Relação das atividades desenvolvidas com o Grupo I

ANEXO 2 – Depoimentos orais – Grupo I

ANEXO 3 - Questionários escritos - Grupo I

ANEXO 4 – Relação das atividades desenvolvidas com o Grupo II

ANEXO 5 – Depoimentos orais – Grupo II

ANEXO 6 – Questionários escritos - Grupo II

ANEXO 7 – Depoimento de professora sobre aluno (e-mail)

ANEXO 8 – *Quatro toques* (crônica jornalística)

ANEXO 1 – RELAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM O GRUPO I

Primeiro encontro

- Apresentação do projeto de leitura e das seis obras a serem lidas e discutidas
- Projeção de textos para leitura e reflexão:
 - de Francesco Petrarca
 - de Manoel de Barros
 - de José Roberto Torero

Segundo encontro

- Audição da música *Meu Caro Amigo*, de Chico Buarque
- Projeção da vida e obras de Chico Buarque
- Discussão de *Budapeste*, obra do autor

Terceiro encontro

- Discussão do texto teórico *Apontamentos sobre o significado, sentido e interpretante na leitura*, de Júlio Diniz

Quarto encontro

- Projeção de uma idéia constante na contracapa do livro *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J. C. Dantas; comentários
- Leitura da crônica *A ótica de um sergipano*
- Projeção da biografia do autor Francisco J. C. Dantas
- Discussão dessa obra.

Quinto encontro

- Discussão e análise da obra *Sob o Peso das Sombras*, abordando aspectos específicos: sociológicos, políticos, econômicos, literários.
- Leitura de uma resenha sobre a obra em discussão, produzida pela pesquisadora

Sexto encontro

- Apresentação em vídeo do poema *Evocação do Recife*, de Manuel Bandeira
- Relato biográfico de Silviano Santiago
- Discussão da obra *O Falso Mentiroso*
- Aspectos semelhantes e/ou diferentes entre o poema de Bandeira e a obra de Santiago

Sétimo encontro

- Motivação: poema *Reza, Maria*, de José Craveirinha
- Configuração de um panorama histórico-social-político da África/Moçambique das três últimas décadas pelo professor Humberto da Rocha, mestre em História

Oitavo encontro

- Audição de ritmos africanos – cedê *Música da África* (cópia)
- Relato biográfico de Mia Couto (projeção)
- Discussão da obra *O Outro Pé da Sereia*

Nono encontro

- Apresentação em vídeo de idéias-chave de uma entrevista de Milton Hatoum

- Biografia e obras de Milton Hatoum
- Discussão de *Cinzas do Norte*

Décimo encontro

- Projeção de uma idéia de Ana Maria Machado sobre o valor da leitura
- Vida e obras de Daniel Galera
- Discussão de *Mãos de Cavalo*

Décimo primeiro encontro

- Retomada e revisão das obras *Budapeste*, *Sob o Peso das Sombras* e *O Falso Mentiroso*, dirigida por três componentes do grupo.

Décimo segundo encontro

- Retomada e revisão das obras *O Outro Pé da Sereia*, *Cinzas do Norte* e *Mãos de Cavalo*, dirigida por outros três participantes do grupo.

Décimo terceiro encontro

- Coleta de informações através do primeiro instrumento – depoimentos orais (gravados)

Décimo quarto encontro

- Coleta de informações através da aplicação de um questionário escrito (Anexo 2)

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. 1ª ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 76-80.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998, p.57; 61.

_____. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record: 1998, p.79.

BRAGA-Torres, Ângela. *Chico Buarque*. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres da Música no Brasil)

BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Meu caro amigo*. CD Cantando a história. Grupo vocal Garganta Profunda. Positivo s.d.

COUTO, Mia. *O Outro Pé da Sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CRAVEIRINHA, José. *Reza, Maria!* Disponível em:

<br.geocities.com/poesiaeterna/poetas/moçambique/josecraveirinha.htm>. Acesso em: 18 mai. 2008.

DANTAS, Francisco J. C. *Sob o Peso das Sombras*. São Paulo: Planeta, 2004.

DANTAS, Francisco J. C. *A ótica de um sergipano*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/saopaulo450/artigos-dantas.shtml>. Acesso em 5.10.2007.

DINIZ, Júlio. Apontamentos sobre o significado, sentido e interpretante na leitura. In: RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Questões de leitura*. Passo Fundo: UPF, 2005, p.21-26.

GALERA, Daniel. *Mãos de Cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *O falso mentiroso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

TORERO, José Roberto. *Pequenos amores*. São Paulo: Objetiva, 2003, p.22-23; 26-27; 52-53; 64-65.

_____. *Algumas razões nobres e outras plebéias*. Disponível em: <www.releituras.com/jtorero_menu.asp>. Acesso em 28.3.2008.

VALE, Sérgio. A inquietude amazônica (entrevista com Milton Hatoum). *Discutindo Literatura*, São Paulo, nº 12, p. 16-19, 2007.

ANEXO 2 – DEPOIMENTOS ORAIS – GRUPO I

Os depoimentos orais dos sujeitos deste grupo tomaram como base a questão *O que achou dos encontros de literatura – a leitura e a discussão das seis obras propostas motivaram-no(a) a se tornar um leitor mais convicto?*

SUJEITO 1: O que me chamou muito a atenção nas obras lidas é a diversidade de assuntos. Todos os seis livros lidos são bem diversificados, eles têm linhas diferentes. Essas obras nos fazem refletir. São situações novas, que vão do cômico ao trágico. Então, são várias situações diferentes, que isso vai fazer refletir. Realmente o projeto incentivou a leitura. Para mim, a leitura foi muito valiosa. Eu não tinha conhecimento de literatura contemporânea. A diversidade de autores indicados e vários assuntos escritos pelos mesmos me fez conhecer várias realidades diferentes, o que estimula muito a vontade de conhecer e ler mais.

SUJEITO 2: Sempre gostei de ler, não somente livros, como qualquer outro tipo de leitura: jornais, revistas... Depois, fui convidada pela profe. Dercila para participar dos encontros de literatura do projeto que ela elaborou, fiquei mais fascinada pelas obras literárias. Pena que muitos professores e alunos não participam desses momentos, que são maravilhosos. Aprendi a ler de outra forma, contextualizando o momento histórico-social, aprendendo mais sobre o autor, ir buscar informações sobre o estilo, sobre a forma como o autor escreve. Sendo que é um momento único, um momento raro, do qual todos deveriam participar. Para mim, foi muito enriquecedor. É um momento ímpar; quase não percebemos o horário passar. Parabéns, Dercila, pela iniciativa! E todos os alunos que têm mais tempo, todos os profes, procurem participar juntamente conosco.

SUJEITO 3: O projeto de leitura foi uma iniciativa muito importante, que deveria se ampliar e chegar até as salas de aula. A literatura contemporânea é uma literatura muito interessante, com uma linguagem moderna, que fala de textos atuais. E isso atrai muito mais do que apenas a leitura dos clássicos. Sem contar que essa literatura contemporânea também revela problemas sociais do nosso dia a dia. É, com certeza, de grande valia. Este projeto favoreceu a troca de ideias e de experiências sobre as histórias, as personagens, a visão de mundo retratada em cada obra. Isso motiva para ler cada vez mais, aprofundar as análises e conhecer outras obras do mesmo autor. Sem contar que, no meu caso, despertou o interesse pelos autores e obras de nossa época, falando de temas, cenários e realidades atuais. Isso identifica quem lê com o que o livro fala. E também oportuniza uma análise crítica e coerente dos fatos do cotidiano.

SUJEITO 4: Foi ótima a ideia de fazer o projeto, porque os livros escolhidos foram bons de se ler, foram interessantes. E o bom da leitura é que a gente pôde sentar e debater, dar opinião, refletir e ter uma outra visão do que é a leitura. E nós estamos acostumados a ler e a não refletir sobre o que lemos. E esse projeto nos deu a oportunidade de refletir, de ver, de dialogar e até de conhecer novos autores. Eu gostei muito desse projeto.

SUJEITO 5: Eu acho que qualquer projeto de leitura, por si só, já ajuda muito, muito mesmo. Uma, porque quem participa de um projeto se prepara para transmitir pra outros. Eu, dos livros deste projeto, achei todos de um ótimo nível. Eu acho que foi uma iniciativa muito salutar; e uma iniciativa assim merece todo o apoio, merece toda a nossa dedicação pra que cada um traga mais professores, amigos e colegas, porque é a maneira de a gente viajar pelo conhecimento, de a gente exercitar a sabedoria, de a gente dividir e trocar ideias, de a gente espalhar essa literatura, que muitas vezes é tão esquecida. Eu acho que as obras escolhidas

foram muito boas. Eu acho que o grupo está de parabéns. Super válido, pois cada vez que tu lê tu te estimulas mais. É como num jogo de futebol: quanto mais se joga, mais se estimula. Essas obras têm uma nova forma de montagem. Com elas vai-se desbravando novos mundos. Através dos encontros, pôde-se conviver com a atualidade, conversar com pessoas mais jovens, ter novas ideias. Gostei muito de participar. É bom assumir compromissos, se comprometer.

SUJEITO 6: Eu já tinha gosto (pela leitura). Adquiri o gosto desde o ensino médio, quando estudava literatura brasileira. Depois que entrei na faculdade, comecei a ler mesmo. Eu aprendi a ler na faculdade. A professora S. ensinou a fazer ver aspectos que não via nos romances. Mas na faculdade continuei estudando o tradicional. Com os encontros, pude ter outra visão: consegui identificar, decodificar melhor nas entrelinhas. Os encontros não seguiram a linha tradicional, houve uma quebra. Agora eu me sinto feliz por ter condições de juntar o quebra-cabeça da literatura contemporânea. É preciso jogo de cintura para identificar a desestruturação das obras literárias comentadas. O leitor tem de ser assíduo para fazer essa montagem. Tem de ter preparo, conhecimento de mundo. Os encontros serviram não só para ampliar a capacidade leitora, mas também as discussões feitas abriram espaço para que saibamos compartilhar os diversos pontos de vista. As obras possibilitaram a identificação do leitor com as personagens, porque vivemos no meio dessa realidade fragmentada que as obras mostram. Então, chamam mais atenção que as obras do passado. Também há uma diversidade de assuntos, que permite que cada leitor escolha um caminho.

SUJEITO 7: As seis obras que a gente leu me chamaram bastante a atenção, porque levaram a gente a refletir. Elas colaboraram muito no gosto para a leitura. Esses livros foram muito importantes, não pelo fato de motivar-me ou incentivar-me a ler, pois gosto muito de leitura, mas pelo diálogo, pelo debate, pelas opiniões e visões diferentes quando o grupo se reuniu. Isso me levou a ter outra dimensão do ler e do porquê ler.

SUJEITO 8: A leitura para mim não tinha sentido desde criança – lia, contava e morreu. Era pobre. A partir do momento dos encontros de literatura através da leitura por todos, e cada um colocando a sua visão, a sua opinião, a análise de outros aspectos, como sentimentos, a história, a contextualização... fez com que eu sentisse interesse pela leitura. Antes, a leitura se tornou perdida; agora, tem um sentido maior ler. Incentivar um filho a ler, por exemplo, não é pegar o livro e ler; tem de buscar algo a mais na leitura. Não é só ler e passar adiante. Tem de ver o contexto, o autor, a história do autor, os detalhes, as entrelinhas... Todo mundo lendo o mesmo livro e discutindo depois. Que tem a ver a história do livro com o mundo? Nas escolas, buscar desenvolver assim a literatura. A escola tem de mudar a maneira de fazer a leitura dos livros, têm de ir além deles.

SUJEITO 9: A leitura desses textos nos proporcionou uma nova visão sobre a literatura, porque não têm uma regra, uma definição. É uma literatura bastante interessante, que desenvolve a imaginação. E com certeza, se esse tipo de literatura fosse colocado, passado aos alunos desde o início, provavelmente eles desenvolveriam o gosto pela leitura. São livros bastante interessantes de se ler, porque eles conseguem prender o leitor. Eles quebram as regras, prendem bem mais a atenção. É uma literatura com assuntos que nos momentos atuais são divulgados o tempo todo na mídia. Eu adorei os livros, menos *Budapeste*, que achei confuso. Gostei do jeito como os livros são. A linguagem é fácil. Eu já gostava de ler antes de entrar no grupo, mas o grupo fortaleceu o gosto. As obras contemporâneas têm mais força para seduzir o leitor. O bom é que as obras foram discutidas, assim facilita a compreensão; e a troca enriquece muito.

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIOS ESCRITOS - GRUPO I

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, **Grupo I**, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silviano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____ Idade: _____

Profissão/Ocupação: _____

Formação Escolar: _____

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?
- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.
- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?
- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?
- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?
- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?
- 7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?
- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?
- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?
- 10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.
- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Erechim, 16 de junho de 2008.

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silvano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: - Sujeito 1

Idade: 47

Profissão/Ocupação: ENFERMEIRA

Formação Escolar: SUPERIOR + PÓS-GRADUAÇÃO

II – QUESTÕES:

1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

- Busca de novos conhecimentos
- Contato com pessoas de profissões diferentes
- Gosto pela leitura

2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim, sempre fui uma leitora assídua, desde o ensino fundamental

3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Com leituras técnicas, tendo em vista a necessidade de estar sempre atualizada na minha vida profissional.

4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Algumas obras de auto-ajuda, como por exemplo: *O Segredo*, *O poder Infinito da Ações*, *O Segredo dos Campeões*, etc.

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Como estava a muito tempo afastada de obras literárias, estou achando muito interessante os livros indicados.

- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

A linguagem utilizada, palavras diferentes das utilizadas no nosso dia-a-dia.

- 7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

O Falso Memorioso, pela história contada e as várias facetas desta história.

- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

Cada autor tem característica própria de narrar as histórias e dos livros que consegue ler todos tem temas diversificados e épocas diferentes.

- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Acho o trabalho do grupo muito rico, não só pela discussão da obra indicada, como também pelo conhecimento das pessoas participantes.

- 10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

No primeiro momento entrei em contato com obras diferentes das que sou acostumada a ler no dia-a-dia.

- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, porque estou sempre em busca de novos conhecimentos.

- 12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

Incentivar meus filhos, amigos, funcionários a desenvolver o hábito da leitura para o crescimento próprio.

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silviano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ Sujeito 2

Idade: 52

Profissão/Ocupação: Supervisão Escolar

Formação Escolar: Pedagogia Escolar

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

O convite feito e também por gostar de ler.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim. Quando iniciei o curso de Letras e cursava somente literatura. Aprendi muito.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Revistas, jornais, livros pedagógicos e literários.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

• Futuro da Humanidade • Caçador de Pipas • Cidade do Sol
• Anjos e Demônios • Leda e por acaso

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Interessante, embora não os tenha lido.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

—

7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

—

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Muito bom. A troca realizada pelos participantes enriquece a leitura e evidencia aspectos por vezes despercebidos. É muito proveitoso. Como ponto negativo aponto a ausência de alguns.

10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

A partir das apresentações e discussões das obras, percebo agora outros aspectos que não notava antes com a linguagem, gêneros, temas. Agora leio com mais atenção aos detalhes.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Tenho interesse. É proveitoso e enriquece.

12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

Promover momentos de leitura para alunos, professores e funcionários.

Erechim, 16 de junho de 2008.

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silvano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mía Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO Sujeito 3

Nome: _____

Idade: 34

Profissão/Ocupação: Professora

Formação Escolar: Pós-graduação → Letras

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Uma enorme motivação para ler e discutir obras e autores, trocar experiências de leitura, conhecer mais sobre os escritores contemporâneos, aprimorar minhas análises e interpretações.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim. Eu despertei o gosto pela leitura a partir da infância, por incentivo da família e pelo contato facilitado com os livros, já que minha mãe era professora. Isso permaneceu nos anos

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano? escolares.

Livros pedagógicos, livros literários, revistas, jornais, textos variados da internet.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Dois Irmãos ↔ Fortaleza Digital ↔ Amor líquido
A menina que reubara livros ↔ O caçador de pipas
As brumas de Avalon - Drácula ↔ Os três mosqueteiros

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Eu gostei muito da proposta de Literatura Brasileira com autores contemporâneos. São obras que, além de muito atuais, tratam de um estilo que eu não conhecia, com autores que não tinha lido.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

* Algumas obras não apreciaram muito por causa da linguagem (muito informal, pouco poética, com muitas marcas de oralidade), outras não concluí por falta de tempo e uma delas

7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê? *pelo tema abstrato.*

* O outro pé da Jércia - Mia Couto
 → contexto histórico; → valor cultural *muito depressivo.*
 → linguagem criativa, poética; temas profundos e análises sociais e humanas → atuais

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

* MODOS DE NARRAR → bem originais, fora dos padrões lineares de contar a história, para o leitor quase um "quebra-cabeças" literário, com muitas digressões e várias análises psicológicas

* TEMAS: atuais e críticos
 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

* O trabalho foi valioso, muito produtivo e com uma troca de experiências de leitura impressionante.
 * mais tempo para a análise dos livros, menos teoria literária e biografia dos autores → isso poderia ser orientado como

10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras. *pesquisa em casa.*

* Sim. Benefícios: interesse pela literatura Brasileira contemporânea; conhecimento de obras e autores de destaque na literatura atual; possibilidade de trocar ideias sobre os livros

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim. Eu acredito numa proposta de leitura que dá oportunidade para os leitores discutirem e trocarem experiências de leitura sobre a mesma obra, é motivador, desafiador e

12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você pretende concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores? *fia para*

* Como professora de Português, desenvolvo regularmente na sala de aula atividades de leitura → discussão de livros, apresentações de histórias, trabalhos artísticos, hora de leitura semanal, incentivo ao hábito de ler.
 aprofundar e enriquecer o significado de cada livro.

Erechim, 16 de junho de 2008.

I - IDENTIFICAÇÃO:

Nome: Sujeito 4

Idade: 50 anos

Ocupação: aposentada

Formação: Magistério, (2º grau)

II - Questões:

1- A razão mais certa que me levou a participar dos encontros é que sempre tive vontade de falar de livros com alguém. Infelizmente as pessoas com quem convivo não são dadas à leitura.

2-Sim. Eu sempre tive consciência da importância de ler. A leitura fez parte da minha infância. Minha mãe lia muito FOTONOVÉLAS. Meu pai mal sabia ler, mas contava lindas histórias. Com 8 anos conheci uma boa biblioteca na casa onde minha mãe trabalhava. Lá eu li tudo. Deverei livros e mais livros.

3- Não leio muito porque como disse, a leitura e a escrita não são de interesse do "meu povo". Mesmo assim, tento ler o que encontro pela frente.

4- O último livro que li antes dos encontros foi O CHAQUÇA e reli os clássicos da Literatura.

5- Acho bom ler opiniões porque nem sempre escolhemos um bom livro só pelo título. Quem já leu pode recomendar. É bom também porque podemos debater sobre o mesmo assunto.

6- Não sei qual a dificuldade que encontrei ao ler, mas acho que o pior livro para mim é aquele em que não consigo me localizar geograficamente.

7- A obra que me chamou atenção foi Budapest. Parece que não foi escrita com amor, com entusiasmo.

8- Todos os temas abordados foram bons. Mesmo que eu tenha lido poucas obras acho que cada autor tem seu modo de narrar.

9- Foi ótima a iniciativa de fazer este trabalho. Não positivo? Talvez que formasse outro grupo com livros (ouais) (textos) mais curtos. (De 4^o a 8^o série) para incentivar a leitura.

10- Creio que me tornei um leitor mais crítico. Estou longe de ser mais eficiente.

11- Sim. Vou continuar porque gosto de ler.

12- Não sei a resposta. Mas continuo a afirmar que esse trabalho deveria ser feito para um outro grupo com textos (livros) mais curtos. Para crianças e adolescentes que não tem interesse pela leitura. Se não começar pelos mais pequenos temo que logo o grupo acabe ou que continue os mesmos para "sempre".

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas - *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silviano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mía Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Os livros que li foram o sublinhado.

Dereílla Cavassola

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: Sujeito 5

Idade: _____

Profissão/Ocupação: PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Formação Escolar: SUPÉRIOR

II - QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

O gosto pela leitura. O enriquecimento cultural.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim! Aos oito anos pelos meus pais. Trabalho continuado na escola. pelos professores Maria Júlia e Madu tempo entre outros.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Romances, livros históricos, livros técnicos.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

AMILCAR, ANIBAL; ADRIUSIL; A MICHINA QUE RIMOU LIVROS; LIVROS ESPÍRIAS; O Caçador de Papéis; A arte da prudência;

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Gostei DAS OBRAS, mas estou um pouco desinformado da literatura brasileira mais contemporânea.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

Nenhuma.

7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

A menina que roubava livros - Pela sensibilidade com que foi escrita, retratando os honores de uma época que cometeu atrocidades.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

Achei o modo de narrar criativo, mas mais que os outros achei temas atuais e condizentes com a nossa realidade.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

O trabalho de leitura e avaliação é muito bom. É pena que o grupo não tenha um número maior de participantes.

10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Li somente três. Com toda a leitura elas me enriqueceram. Conhecimento literário, e mais uma viagem no imaginário.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim. Porque trazem benefícios culturais, sociais. Propiciam enriquecimento pessoal.

12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

Trabalho de "família", falando com as pessoas sobre obras lidas. Dizendo da importância da leitura etc.

Erechim, 16 de junho de 2008.

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silvano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mía Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Derólla Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Suieito 6 idade: 21 anos
 Profissão/Ocupação: Estudante
 Formação Escolar: 3º Grau (Graduanda em Letras)

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Lamento o fato de reunir pessoas que expressam opiniões diferentes em um mesmo local. Eu queria saber qual é a visão de mundo de outras pessoas, que atuam em outras áreas do conhecimento e da vida.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Rea pouco tempo descobri a importância da leitura. Ocorreu na universidade a minha motivação para esta, pelo meu próprio professor, que me ensinou a ver, entender e interpretar, descobrindo assim novos mundos e abrindo

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano? ^{nos meu hori- zonte de expec- tativas.}

Os clássicos da literatura.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

O continente - Tomo I; Dom Casimiro; Memórias Póstumas de Bras Cubas; O Mulato; Memórias de um sargento de milícias; O Ateneu; Quincas Borba...

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Acho as obras que discutimos, diferentes daquelas que eu estou acostumada ("obrigada") a ler. Lido sem compromisso e acabo identificando/interpretando muito melhor.

- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

O enredo não linear. Os "nai e nem", os flash-backs da narrativa foram empecilhos, que se mais tarde não eram montados como num quebra-cabeças, o enredo ficava a desejar, bem como sua

- 7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

O outro pé da Sereia porque conheci através da leitura uma cultura diferente. O livro faz uma intertextualidade impressionante entre história real e ficção, com muito bom humor e uma linguagem concisa e clara e poética.

- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

Achei que os autores se valiam de uma narrativa bem próxima, com vocabulário mais coloquial e descrição objetiva dos fatos. Os temas são os que nos circundam, procura-se criticar através do humor e da ironia.

- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Se eu tivesse dinheiro, compraria o tempo. Gostaria de dedicar mais tempo à análise das obras.

- 10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Nas obras que li, descobri novas culturas, diferentes narrativas, enredos e desenredos. Pareci que rompi com a leitura que eu fazia anteriormente. Pronto a identificar as tendências dos estilos de época. Com uma leitura que não é delirante, sem preocupações em definir seu estilo, cruio que me tornei

- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim. Porque acho muito interessante o trabalho que nem sendo realizado, pois ajuda a manter o hábito da leitura. Não a superficial. Acredito que quando alguém vê algo na obra que ~~se~~ não ^{o outro} mergulha, ambos são instigados.

- 12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

O debate com os colegas na sala de aula explicitando a minha visão de mundo a respeito da leitura de tal obra e os ouvindo atentos para escutar a opinião deles é o princípio. Mais tarde, através do debate, como atual professora penso em induzir os alunos a uma leitura e análise crítica da realidade. Através do que nos dizem as obras, valorizando a visão individual de cada um, utilizando das minhas experiências ^{de encontros} nos encontros de leitura, pretendo formar novos leitores.

Erechim, 16 de junho de 2008.

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silviano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercília Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ Sujeito 7 _____ Idade: 46

Profissão/Ocupação: Professora

Formação Escolar: Ensino Superior Completo – Pós Graduação

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Como professora, sempre gostei muito ler, e ao ser convidada para participar desse grupo vi uma oportunidade de ampliar e compartilhar esse gostar, bem como de adquirir novos conceitos.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim a leitura sempre foi importante em minha vida. Desde a infância, via e ouvia meu pai lendo, como não tinhamos livros, ele lia a bíblia e revistas. Só fui conhecer livros infantis na escola, e pouco. Muitas vezes mais...

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Revistas, jornais e principalmente livros literários.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Seis livros espíritas, pela minha opção espiritual, e livros de literatura brasileira, reli alguns clássicos de Machado de Assis, Erico Veríssimo, Jorge Amado e literatura infantil-juvenil.

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Excelente, pois tive a oportunidade de ler obras contemporâneas, minhas desconhecidas.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

Nenhuma.

7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Muitas, mas Sob o peso das Sombras de Francisco J. G. Dantas, destaca-se pela profundidade, abordagem e durabilidade da obra. Gostei muito: O outro pé da Sereia →

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

Gostei, pois faz o leitor interagir mais com o texto, exigindo

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Excelente, pois a dinâmica usada faz com que todos participem e se envolvam na discussão. Não vejo pontos menos positivos.

10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Com certeza contribuiriam. Com a análise das obras em grupo pode-se verificar aspectos que no decorrer da leitura passam despercebidos, com isso você acaba tendo outras visões.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, porque contribuem muito para tornar-me um leitor mais crítico, observador e oportunizam leituras até então difíceis de conseguir. Também pelo prazer de conversar sobre leituras.

12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

Sempre comunitário no ambiente familiar e de trabalho as obras lidas, incentivando outras pessoas a lerem. É no meu trabalho como professora.

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo I, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silvano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: Sujeito 8

Idade: 41 anos

Profissão/Ocupação: Professora de Matemática

Formação Escolar: Pós-graduação

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Pelo fato de ser professora de Matemática, percebi que a leitura de livros acompanhada de análise e discussão, ajudaria a ampliar mais meus conhecimentos e aprendizagem.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sempre tive consciência, pois meu pai é professor aposentado de português, minha mãe professora, e estamos sempre envolvidos em jornais, textos, palavras cruzadas.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

*jornais, revista *Veja*, palavras cruzadas e livros.*

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Livros espíritas.

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Com meu conhecimento mais profundo em relação a livros e suas épocas, períodos, não

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

Precisei escrever os dados e aspectos importantes e a seqüência das histórias, porque me perdia constantemente na leitura.

7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

A obra que eu mais gostei foi: "Sob o Peso das Sombras", de Francisco J.C. Dantas. Rica em vocabulário; acontecimentos sociais, com muita clareza e detalhes.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

Alguns autores se preocuparam com contextos sociais, e trouxeram bons vocabulários, e relatos bem detalhados. Nos Budapeste e Binzas do Norte, para mim foram fracas.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

É tão bom poder relatar e debater. Isto nos incentiva, sugiro que após a leitura e debate, relacionássemos os temas e também fizéssemos pesquisa sobre eles para posterior debate.

10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

→ O principal objetivo que é ler um livro, debater, discutir, aprender a conhecê-lo nos seus detalhes. É a primeira vez em minha vida que li com uma proposta diferente, pois nos meus

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê? ^{tempos de alguma} ^{vez não acontecia}

Tenho interesse, porque agora ^{isso não acontecia} estou entendendo realmente o que é ler.

12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

Meu filho tem visto meus livros e ouvido falar do nosso encontro; e está se interessando por leitura. Isto é incrível.

Obrigada
profe Dercila por essa
oportunidade

Erechim, 16 de junho de 2008.



A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 1, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão das seis obras abordadas – *Budapeste*, de Chico Buarque; *Sob o Peso das Sombras*, de Francisco J.C. Dantas; *O Falso Mentiroso*, de Silviano Santiago; *O Outro Pé da Sereia*, de Mia Couto; *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum; e *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera.

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: ___ Sujeito 9

Idade: 17 anos

Profissão/Ocupação: Estudante

Formação Escolar: Curso Superior incompleto (1º nível de jornalismo - UFF)

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

O gosto pela leitura e a oportunidade de dividir conhecimentos com as outras pessoas, além de aprender mais.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim, sempre gostei de ler, não sei em que momento exato isso ocorreu, mas fui (sou) bastante motivado pelos meus pais.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Jornal, livros, qualquer coisa que chegar às minhas mãos torna-se material de leitura.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Arjos e Demônios - Dan Brown, O céu da madrugada - não recordo o autor, 13 à mesa - Agatha Christie, entre outros...

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha das obras para a discussão realizada?

Foi uma ótima escolha, pois teve livros escritos de várias formas e estilos.

- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão das obras?

Quase nenhuma, apenas algumas palavras desconhecidas, e a dificuldade de me localizar no livro Budapeste.

- 7) Qual foi a obra que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Sob o peso das sombras - pois retrata fielmente os medos de todas as pessoas. Língua que nem todas expressam eles da mesma forma do personagem.

- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura das obras? E quanto aos temas abordados?

Sobre a narração quanto os temas são super "jóvems", prendem a atenção e inserem a literatura.

- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Acho que foi um bom trabalho, porém um aspecto desfavorável é que nem sempre todo o grupo conseguiu participar.

- 10) Realizada a leitura e a discussão das seis obras propostas, julga que elas contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Sim, me sinto mais preparado na leitura, consigo analisar melhor as obras.

- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Se pudesse teria, porque é uma ótima fonte de cultura.

- 12) Além da participação nos encontros, que outras atividades e/ou eventos você tenciona concretizar com o intuito de promover a formação de novos leitores?

Incentivar a leitura começando por meu irmão, mas eventos maiores não tenho nenhum plano.

Erechim, 16 de junho de 2008.

ANEXO 4 – RELAÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM O GRUPO II

Primeiro encontro

- Recepção aos participantes de forma criativa
- Projeção do texto *Histórias de mãe e filho*, de Moacyr Scliar.
- Projeção: Boas vindas.
- Apresentação e explicação do projeto de leitura.

Segundo encontro

- Recepção criativa aos participantes.
- Encenação das crônicas: *De quem são os meninos de rua?* e mais: *De armas na mão pela liberdade*.
- Projeção da crônica *Ponta da língua*.
- Discussão sobre os textos e sobre crônica.

Terceiro encontro

- Recepção: aluno do Fundamental, com a música *Bem-vindo!*, acompanhada do violão
- Projeção: O que é crônica?
- Em grupo: Leitura de uma crônica e da biografia do autor; discussão
- No grande grupo: apresentação breve da discussão e sobre o autor.

Quarto encontro

- Apresentação de uma dança moderna pela professora de dança da Escola
- Projeção e discussão simultânea do texto *Tragédia, romance, valentia: é o cordel, unindo arte e poesia*; o que é xilogravura; projeção de xilogravuras.

Quinto encontro

- Recepção: declamação por um participante do grupo de *Menino de Rua* – cordel de Patativa do Assaré
- Em grupos: leitura de um poema de cordel; discussão
- No grande grupo: apresentação do enredo do texto.

Sexto encontro

- Recepção: projeção de uma mensagem de Ana Maria Machado sobre leitura. Breves comentários
- Projeção de: *Algumas razões nobres e plebéias* e *José Roberto Torero por ele mesmo* (textos de José R. Torero)
- Entrega, para cada componente, de um conto do autor. Cada participante faz a leitura em voz alta
- Discussão e comentários sobre o autor e seus textos
- Encenação do conto *Tadeu x Maria Angélica*, de José Torero, por dois participantes do grupo

Sétimo encontro

- Recepção: audição da música *Todo camburão tem um pouco de navio negreiro* (Marcelo Yuka/O Rappa)
- Projeção do texto *Compositor de cotidianos* (comentários da vida e das obras de Marcelino Freire)
- Discussão simultânea do texto

- Projeção dos contos *Balé* e *Darluz*, de Marcelino Freire (com discussão simultânea)

Oitavo encontro

- Retomada sobre a vida e obras de Marcelino Freire
- Projeção dos contos *Muribeca*, *Nossa Rainha* e *Iemanjá*, (de Marcelino Freire) com discussão simultânea
- Discussão sobre o autor e sua obra.

Nono encontro

- Recepção: leitura dramatizada do conto por um grupo de participantes: *Grávida, porém virgem*, de Dalton Trevisan
- Projeção do texto *Dalton Trevisan – o Vampiro de Curitiba* (biografia e obras do autor)
- Entrega de um conto por grupo, para leitura e preparo de uma encenação criativa.

Décimo encontro

- Apresentação criativa dos contos pelos grupos, fornecidos no encontro anterior
- Comentários sobre o conjunto da obra do autor
- Sugestões de obras do autor para leitura.

Décimo primeiro encontro

- Audição da música *Meu Caro Amigo*, de Chico Buarque
- Apresentação de um cartaz com uma carta de incentivo ao grupo, escrita por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola
- Encenação por dois participantes: *Histórias de amor em cartas*, de Carlos Drummond de Andrade
- Leitura de cartas recebidas pelos participantes, escritas pelos alunos da 8ª série da Escola
- Projeção: teoria sobre a carta; projeção de uma carta de Machado de Assis à sua amada Carolina.

Décimo segundo encontro

- Projeção de uma carta de:
 - Martha Medeiros
 - Rainer Rilke
 - Mariana Alcoforado
 - Domingos Oliveira
 - Clarice Lispector
- Comentários simultâneos.

Décimo terceiro encontro

- Recepção: aluno do Fundamental, com a música ao violão: *A Banda*, de Chico Buarque.
- Projeção da biografia de Chico Buarque (longa)
- Comentários simultâneos.
- Em folha de xerox: um pouco de teoria sobre o que é uma biografia.

Décimo quarto encontro

- Projeção das biografias de:
 - José Mindlin

- José Lutzenberger
- Oscar Niemeyer
- Chiquinha Gonzaga
- Tomie Ohtake
- Comentários simultâneos.

Décimo quinto encontro

- Recepção: música *Pais e filhos*, de Renato Russo
- Tomada dos depoimentos orais dos integrantes do grupo.

Décimo sexto encontro

- Aplicação de um questionário escrito aos integrantes do grupo (Anexo 4)
- Confraternização.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALCOFORADO, Mariana. *Cartas Portuguesas*. Porto Alegre: L&PM, 1997, p.11-16.

ANDRADE, Carlos Drummond de. História de amor em cartas. In: *13 dos melhores contos de amor da literatura brasileira*. STRAUSZ, Rosa Amanda (Org.). Rio de Janeiro, Ediouro, 2003, p.89-93.

ANDRADE, Cláudio Henrique Salles; SILVA, Nelson J. da. (Sel. e Org.) *Feira de versos - poesia de cordel*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004, p.13-29; 30-45; 83-95; 108-111.

ARAÚJO, Paulo. Tragédia, romance, valentia: é o cordel unindo arte e poesia. *Nova Escola*, São Paulo, n 176, p. 52-54, out. 2004.

ASSIS, Machado. Minha querida C. *Nova Escola*, São Paulo, nº 181, p.60-61, abr.2005.

.BIOGRAFIA de José Lutzenberger. Disponível em:

<pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lutzenberger>. Acesso em 15.5.2008.

BIOGRAFIA de José Mindlin. Disponível em:

<<http://bibliomanias.no.sapo.pt/Mindlin.htm>>. Acesso em 15.5.2008.

BIOGRAFIA de Oscar Niemeyer. Disponível em:

<pt.wikipedia.org/wiki/Oscar_Niemeyer>. Acesso em 15.5.2008.

BRAGA-Torres, Ângela. *Chico Buarque*. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres da Música no Brasil)

BUARQUE, Chico. *Meu caro amigo*. CD Cantando a história. Grupo vocal Garganta Profunda. Positivo s.d.

CARRASCOZA, João Anzanello. Ponta da língua. *Nova Escola*, São Paulo, nº 210, p.112-113, mar.2008.

CARVALHO, Gilmar de. (Org. e Pref.) *Patativa do Assaré – Antologia Poética*. 5. ed. Fortaleza: Edições Democrito Rocha, 2007, p. 159-164; 225-227; 307-308.

COIMBRA, Davi. O Brasil invisível. *Zero Hora*, 2.09.2007.

COLASANTI, Marina. De quem são os meninos de rua? In: *O Peru de Natal e Outras Histórias*. São Paulo: Ática, 2003, p. 48-51 (Coleção Literatura em minha casa, v. 2 crônica e conto).

_____. *Eu sei, mas não devia*. Disponível em:
<www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp>. Acesso em: 4.8.2007.

FARACO, Sérgio. (Org. e Ed.) *Contos brasileiros*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p.8-11.

FREIRE, Marcelino. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê, 2000.

_____. *Balé Ralé*. São Paulo: Ateliê, 2003, p.31-35; 55-60.

_____. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.73-75.

_____. *Rasif: mar que arreventa*. São Paulo: Record, 2008, p.21.

GOMES, Álvaro Cardoso. A morada do Ser. *Nova Escola*, São Paulo, n 206, p. 106-107, out. 2007.

GONZAGA, Chiquinha. *Apostila do Ensino Fundamental – 7ª série*. Curitiba: Dom Bosco, s.d., p.38.

LAJOLO, Marisa (Org. e Apres.) *História de quadros e leitores*. São Paulo: Moderna, 2006, p.51-65.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas Queridas*. MONTERO, Teresa (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007, P. 237-238.

LOPES, Carolina. *Xilogravura*. Disponível em:
<www.ablc.com.br/ (Academia Brasileira de Literatura de Cordel)> Acesso em: 1.9.2007.

MEDEIROS, Martha. *Tudo que eu queria te dizer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p.35-37.

OLIVEIRA, Domingos. Caro Woody. *Bravo!* São Paulo, nº 129, p. 91-92, mai. 2008.

QUEIROZ, Rachel. De armas na mão pela liberdade. In: PRIETO, Heloísa (Org. e Apres.). *Do conto à crônica*. São Paulo: Salamandra, 2003, 59-61 (Coleção Literatura em minha casa, v.2)

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2007, p.55-61.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Antes que eles cresçam*. Disponível em:
<www.palavrarte.com/equipe/equipe_arsantanna_cdcronicas.htm>. Acesso em 5.8.2007.

SANTOS, Lúgia. *Tomie Ohtake*. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres das Artes no Brasil).

TORERO, José Roberto. *Pequenos amores*. São Paulo: Objetiva, 2003.

_____. Tadeu x Maria Angélica. *Nova Escola*, São Paulo, n 192, p. 34-35, mai. 2006.

TREVISAN, Dalton. *Vozes do retrato*. São Paulo: Ática, 1992, p.36-40.

_____. *O Vampiro de Curitiba*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004, p.9-14.

_____. *Grávida, porém virgem*. Disponível em:
www.releituras.com/daltontrevisan_gravida.asp. Acesso em 27.2.2008.

_____. *O Estripador*. Disponível em
<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDR69675-5856,00.html>>. Acesso em 27.2.2008.

_____. *Macho não ganha flor*. Disponível em:
<http://www.passeiweb.com/na-ponta-lingua/livros/resumos_comentarios/m/macho-nao-ganha-flor>. Acesso em 27.2.2008.

VENTURA, Zuenir. *Praia, o nosso melhor lugar comum*. Disponível em:
<www.almacarioca.com.br/cro47.htm>. Acesso em 5.8.2007.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Lixo*. Disponível em:
<www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10767&cat=Contos>. Acesso em 5.8.2007.

VERUNSCHK, Micheliny. *Compositor de cotidianos*. *Discutindo Literatura*, São Paulo, nº 16, p. 48-53, 2008.

ANEXO 5 – DEPOIMENTOS ORAIS – GRUPO II

Os depoimentos orais deste grupo tomaram como base a questão *O que achou dos encontros de literatura – a leitura e a discussão dos textos propostos motivaram-no(a) a se tornar um leitor mais convicto?*

PESQUISADO 1: Favoreceram a leitura intensa; leio muito mais que antes e criei o gosto pela leitura. Por mim não pararia com os encontros, mas não tenho condições de continuar, por causa do tempo. O que fiz valeu a pena. Leu vários textos de Dalton Trevisan.

PESQUISADO 2: Achei os encontros interessantes, incentivaram bastante a leitura. Agora entendo melhor os textos. Estou levando para a vida o que aprendi. Tirei aquela ideia de que literatura é só Machado de Assis.

PESQUISADO 3: Gostei muito dos encontros, conheci novos autores e tive vontade de vir aos encontros. Tiveram muita importância porque foram diferentes e vão ajudar no vestibular. Abriam uma porta para a literatura. Comparado a antes de começar eu não lia tanto.

PESQUISADO 4: Não se fez presente na ocasião dos depoimentos.

PESQUISADO 5: Aprendi coisas que não sabia. Os estudos ativaram a concentração. Não consigo dormir sem ler. É o ano que estou melhor em Português, por causa dos encontros, que me motivaram a me dedicar mais.

PESQUISADO 6: Os encontros estavam bons. Me ajudaram a ler. Estou melhorando as notas. Vou à biblioteca com mais frequência. Para mim, os estudos não foram à toa.

PESQUISADO 7: Acho que a literatura me ensinou bastante, não só para o vestibular, mas para conhecer a literatura contemporânea. Gostei muito. Diminuiu a galera, aí fiquei um pouco desmotivado. Mas valeu a pena. Gostaria de continuar, pois é diferente do que já havia visto.

PESQUISADO 8: Os encontros de literatura foram como que um leque de opções – cartas, crônicas ... – foram expostas de uma maneira diferente. Cada autor tem uma maneira diferente de expressar suas ideias. Também os encontros favoreceram a vontade de ler com gosto, com amor pelo que está escrito.

PESQUISADO 9: Os encontros foram interessantes. Aprendi sobre vários gêneros, como a crônica. Foram aulas acessíveis. Entendi bem. Ouvi sobre livros novos. Textos como os de Marcelino Freire foram bem realistas. A linguagem é do dia a dia, do povo das periferias. Para a sala de aula, ajudou no entendimento da crônica, que a professora trabalha.

PESQUISADO 10: Os encontros foram muito produtivos, porque não havia cobrança do conteúdo. Os textos foram excelentes, diferentes na forma de passar os conteúdos. O jeito como foram apresentados os autores e os textos foi muito bom. Agora estou lendo mais, porque antes não lia. A escola onde estudo não incentiva a leitura.

PESQUISADO 11: Gostei muito das aulas, aprendi muito com elas. Os assuntos, a maior parte eu não conhecia. O que mais me chamou a atenção foi o estudo das cartas; achei-

as impressionantes. Passei a gostar mais de ler. Faltei a vários encontros por motivos familiares.

PESQUISADO 12: Eu continuaria a vir se os encontros continuassem. Às vezes não pude vir porque estava doente. Mas valeu a pena. Discutia com minha turma em sala de aula.

PESQUISADO 13: Achei os encontros produtivos. E já li mais livros. Gostei muito, por isso nunca faltei. Comecei a ler mais. Achei que aulas assim deveriam ser realizadas em sala de aula, porque a literatura por si só não tem coisas interessantes.

PESQUISADO 14: Gostei muito dos encontros, achei interessantes. Conheci novos autores. Cresci muito na escola e nas notas

PESQUISADO 15: os encontros foram muito proveitosos. Foram como se fossem aulas extras. O que aprendi não é trabalhado nas aulas de literatura. Aprendi curiosidades, coisas novas. Tudo foi muito bem exposto. Agora tenho muito gosto pela leitura, busco ler muito mais, pois despertou o interesse pela leitura.

ANEXO 6 – QUESTIONÁRIOS ESCRITOS - GRUPO II

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, **Grupo II**, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura “História de mãe e filho” (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); cordel (Patativa do Assaré...); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____ Idade: _____

Profissão/Ocupação: _____

Formação Escolar: _____

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?
- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.
- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?
- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?
- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?
- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?
- 7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?
- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?
- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?
- 10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: Pesquisado 1

Idade: 17 anos

Profissão/Ocupação: Estudante U

Formação Escolar: 3º ano E.M.

II - QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

A busca pelo conhecimento e, acima de tudo, o incentivo à leitura.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim. Alguns conhecimentos sobre a importância acredito que todos tenham, porém, o que motivou e incentivou os alunos a ler ^{também} a escola. Foi a escola que me motivou a ler.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Jornais, revistas, livros.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

A mais recente é "Escreva Inaura" (Bernardo Guimarães).

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?
Foram textos com conteúdos, interessantes e estimulantes.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?
Dificuldade nenhuma, é preciso muita atenção para saber compreender um texto.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?
Roberto Torres, pelo modo de ele escrever.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?
Os autores narraram de jeitos diferentes, de modo que prende o leitor, e alguns temas são da realidade, outros, imaginação, bem diversificados.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?
Foi produtivo, alguns mostraram bastante interesse, porém, acredito que faltou um pouco mais de seriedade e comprometimento.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.
Mais conhecimentos sobre os autores, interesse, concentração ao ler um livro ou até um texto e acredito que desenvolvi mais habilidade de interpretação.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?
Com certeza. Para conhecer mais autores, desenvolver melhor a interpretação e discutir sobre ~~em~~ livros, textos, etc...

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, **grupo 2**, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: Pesquisado 2 Idade: 16 anos
 Profissão/Ocupação: vendedora / estudante
 Formação Escolar: 2º grau incompleto

II - QUESTÕES:

1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

o gosto muito de ler, aprecio muito as obras literárias, e que mais me motivou a participar dos encontros, foi conhecer autores que eu não tinha conhecimento.

2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sempre usei que a leitura (era) é importante, me motivei a ler mais, para preparação do vestibular.

3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Revista, jornais, literatura brasileira (residencial)

4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

- o Inocência - José de Alencar
- o Macete - Aquino Azevedo
- o O pedra do jereim - Raulo Trevisan
- o O Demônio do computador - Márcia Kupstos
- o Pec que os homens mentem e as mulheres chegam - Nelson e Barbara Peace
- o A Virgínia - José de Alencar

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Os textos foram ótimos, fáceis de entender e principalmente de discutir, abordaram temas interessantes.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Não. Acho fácil de entender, adoro ler "Pequenos crimes" pois possui uma linguagem clara e "humorada", assim como os outros textos.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

João Roberto Torres e Dalton Trevisan. Pelo modo fácil de compreender a leitura, e pelos contos humorados, que motivam a leitura.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

O modo dos autores narra a trama nos textos mais interessantes, além de passar a personalidade e o estilo do autor.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Muito bem, teve um bom rendimento. O único aspecto menos positivo, foi muitos terem desatido dos encontros, e eu não ter vindo no encontro, que falei dos contos de Marceline Freire.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Sim. Muito conhecimento, e vontade de seguir adiante os encontros, pois me motivam a ler, e a buscar mais informações sobre os assuntos e textos discutidos nos encontros.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, pois eu adoro ler nos encontros, é uma forma legal para se dar conhecimentos sobre autores, livros contemporâneos, devíamos dar continuidade, abordando assuntos sobre os livros que vai no vestibular.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossím, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

A

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: Pesquisado 3 _____ Idade: 16
 Profissão/Ocupação: Estudante
 Formação Escolar: (C+) Cursando o Ensino Médio

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Para ficar por dentro da literatura atual, e saber da vida dos escritores e autores.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim, na hora em que vi que era preciso ler para ficar por dentro do conteúdo literário, quando vi que era necessário para cursar faculdade entre outros.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

No momento livros de literatura, jornais e revistas.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Pequenos Amores

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?
 Boa, foi muito interessante que abordou temas da realidade atual
- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?
 Dos livros que li, não tive muita dificuldade de compreensão pois a linguagem era fácil.
- 7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?
 José Roberto Torero, pois a linguagem era fácil e simples de compreender.
- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?
 São vários tipos e modos, cada autor tem seu estilo. Os temas foram variados, cada autor com seu tema favorito abordado.
- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?
 Foram bons, o grupo foi muito participativo, sempre com discussões entre os alunos, defendendo suas ideias, se tornando interessante.
- 10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.
 Sim, pois as pessoas "aprenderam a ler", ver o texto de um modo diferente, analisar os fatos com uma visão mais crítica.
- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?
 Até teria mas como combinação nos últimos encontros, não teria mais pelo baixo número de pessoas que comparecem as aulas.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ Pesquisado 4

Idade: 22 anos

Profissão/Ocupação: Estudante

Formação Escolar: 2º grau completo

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

para ^{aprofundar} (aprofundar) os meus conhecimentos quanto a literatura, obter motivação para leitura, conhecer mais sobre autores, e ter também ajuda na preparação para vestibular.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim, nos anos que me motivou mesmo foi a preparação para o vestibular e a leitura é muito importante dependendo da carreira profissional sendo que meu sonho é ser médico.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

jornais, livros, revistas.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

O cortivo e o pacto - Antônio Escribano
 Jato de Jir - Dercila
 Toucan-me - Benny MEIN

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Foram textos muito bem selecionados porque não despertaram curiosidades e interesse na busca de conhecer os autores e elaboraram textos e falamos.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Foi necessário ler umas 2 ou 3 vezes para entender alguns textos mas consegui fazer a compreensão.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

João Roberto Torres, porque ele trata da realidade do dia-a-dia das pessoas.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Muitos confundem o começo da leitura no início para no desenvolvimento, ou durante da leitura a gente consegue compreender. Os temas abordados foram ótimos.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

É muito bom o trabalho em grupos, porque cada um tem uma opinião diferente e é debatido.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Com essas leituras obtive mais ânimo para ler e curiosidades em conhecer autores e outras obras literárias. É um aprendizado para o vestibular, como interpretar textos, entendê-los e até mesmo desenvolver um texto ou uma história.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Claro, porque de agora tem me ajudado muito, não somente eu, mas os meus colegas também e em vários aspectos com trabalho em equipe e relacionamentos com os colegas.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I - IDENTIFIC

Nome: Pesquisado 5

Idade: 17

Profissão/Ocupação: Acadêmica de Inglês

Formação Escolar: Ensino Fundamental Completo e Ensino Médio a ser completo;

II - QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura? As razões nas quais me motivaram foi o contexto no qual teria acesso para as pessoas interessadas e que querem se desenvolver intelectualmente;
- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.
Sim, eu já tinha consciência da importância da leitura, na minha vida passou a ser primordial não durmo sem ler pelo menos uma página;
- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano? Quem me motivou foi a Professora Dercila e a Maria;
Um material de leitura que costumo entrar em contato no meu estúdio são jornais, livros de autismo e raro os livros literários.
- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?
Nem tudo está perdido; Para sempre amigos. Converso de Antigo e entre outros que não me lembro mas foram mais.

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Foram de forma bem organizada onde na minha opinião eram textos com excelentes conteúdos onde além de investigar o meu conhecimento aumentou o meu vocabulário;

- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Não encontrei algumas dificuldades mas não foram pelo fato dos textos serem difíceis mas sim por eu estar cansada devido ao meu trabalho;

- 7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

O autor na qual mais me chamou a atenção foi o Masaru Ichio, pelo fato de suas crônicas e livros serem bem cômicos;

- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Os modos não diferem e bem complementares juntamente com os temas abordados, mas não bem compreensíveis e interessantes;

- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

A discussão do grupo era ruim, dependia de todos e de dia; os aspectos negativos eram que tinha alguns momentos pouca concentração e muita conversa e alguns brincadeiras;

- 10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Sim, pois através dessas leituras passei a ser mais crítico em relação a qualquer tipo de leitura que passei a exercer até então, isto me beneficiou muito;

- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Se eu tivesse mais tempo ~~com certeza~~ com certeza eu nunca ia deixar de participar destas aulas. Mas na minha opinião acho que deveria ter ainda os encontros, pois eles são ricos em conhecimentos;

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO:

Nome: Pesquisado 6 Idade: 17 anos
 Profissão/Ocupação: Estudante
 Formação Escolar: cursando o 3º ano E.M.

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

curiosidade e para aprender mais sobre literatura e me preparar para o vestibular

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Não.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Livros literários.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Nenhuma.

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Eu achei bem interessante, pois conheci livros fantásticos de autores que não conhecia, e também uma literatura bem diferente, como Marcelino Freire, Roberto Torero etc.

- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

No começo foi difícil, pois a muito tempo não tinha contato com livros, mas depois consegui começar a compreender os livros.

- 7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Roberto Torero, pela sua irreverência.

- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Acho que é um modo inovador, bem como o povo fala e temas da realidade.

- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Muito Bom. Como menos positivo só o fato de pessoas que não estão interessadas virem e ficarem conversando e brincando, o que atrapalha um pouco a aula.

- 10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Sim. Melhorei minha escrita e elaborei textos com mais facilidade.

- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, pois é muito importante para as nossas vidas serem as pessoas entendidas e eu creio que os encontros estão ajudando muito tanto na escola, como fora dela.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Pesquisado 7 Idade: 17

Profissão/Ocupação: Estudante

Formação Escolar: 2ª grau incompleto

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Incentivar a leitura e participar de algo diferente para auxiliar no vestibular

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Não me interessa pela leitura.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Internet e revistas.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Sómente obras pequenas como "uma luz no fim do túnel".

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Os textos foram muito interessantes, todos se envolveram e gostaram dos assuntos desenvolvidos.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Nenhuma muito significativa

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

José Roberto Torero, pelo modo de escrever suas obras: muito bom...

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

São meios novos e diferentes, e temas do mundo atual que chama muito atenção do leitor.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Foram muito produtivas as poucas vezes que nos reunimos, não houve aspectos negativos, apenas algumas distrações na parte dos alunos.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Me tornei bem mais interessado na leitura, e percebi que a literatura não era apenas aquela coisa monótona e chata, e sim algo muito interessante!

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Discutimos isso na última aula e achamos que não valeria a pena por causa do número de alunos.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercilla Cavassola

I – IDENTIFIC

Nome: Pesquisado 8 Idade: 18

Profissão/Ocupação: Estudante

Formação Escolar: ensino médio incompleto

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?
 A vontade de aprender, ganhar conhecimento aprofundado de quem conhece melhor a literatura, o motivo é de aprender como é a nova geração da literatura.
- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.
 Na verdade não era tão chamativo como está sendo agora, porque o modo que me foi mostrado a literatura agora, me mostrou como a leitura realmente engrandece a mente e renova a alma.
- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?
 Com jornal, panfletos, livros, crônicas, textos, e livros.
- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?
 No máximo 2 livros, porque não tinha vontade de ler.

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Os textos são interessantes, diferentes do que eu estava acostumada, são criativos e motivadores.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Algumas palavras, ou algumas linguagens mais ~~antigas~~ ^{diferenciadas} de alguns livros, mas compreendi a maioria porque foram bem explicadas.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Martha Medeiros, Dalton Trevisan, porque a forma como eles escreverem é inovadora, é diferente e motiva a ler.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Todos tem uma forma diferente de expressar. Os temas são novos, com uma qualidade alta de instrução e criatividade.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Foi levado a sério pelos que vieram, talvez alguns não estiveram presentes em todas as aulas, mas quem veio gostou.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Mais criatividade, mais atenção, mais facilidade de criticar, analisar, e saber mais objetivamente o que penso sobre a leitura.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, porque a cada encontro compreendo melhor e cresce a vontade de aprender cada vez mais a cada autor que a prof peralta nos mostra.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Pesquisado 9 Idade: 16

Profissão/Ocupação: Trabalho

Formação Escolar: Ensino Médio

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

novos conhecimentos

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

não

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

jornais, revistas e livros literários

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Tracina, Bruto, A moquinha.

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Gostei muito, pois não conhecia nenhum.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Vocabulário.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Saltenstein,

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Os modos de narrar achei bem interessantes e de fácil compreensão. Os temas bem diferentes.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

me motivou o gosto de ler. Eu gostei deste trabalho.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Aumentou meu vocabulário e facilitei no produção de texto.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim. Porque a tem para adquirir novos conhecimentos.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFIC

Nome: Pesquisado 10 Idade: 16

Profissão/Ocupação: Estudante

Formação Escolar: 2º ano 2º grau.

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

A princípio foi o incentivo dos amigos e curiosidade de saber como era. Depois foi o interesse pelo conteúdo

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Ja tinha. Mas não numa intensidade, e eu não tenho tanto interesse. Foi motivada pelo exco, mídia, mas principalmente por mim mesma, sabia da importância, mas não tinha motivação

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

folhas, livros e principalmente manuais de português e literatura

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Antes de fazer parte do grupo quase nada além de "vidas secas", "O pequeno príncipe", "O homem qui calculava".

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Achei interessantes e chamativos. Fazendo o leitor ter uma viagem sem sair de casa.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Nenhuma.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Marcelino Freire, José Loureiro e Dalton Trevisan.

Não lembro muito bem o que foi dito sobre eles mas me chamaram atenção por serem cronistas. Adoro crônicas.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Achei muito acessível e prático o leitor. Os temas são muito próximos e objetivos.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Particularmente eu achei bem produtivo mas poderia ser ainda mais, por parte de alguns alunos que não estiveram com o objetivo totalmente focado em aprender e que estavam sendo impedidos.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Acho que sim. Poder dar a minha opinião sobre determinados Autores é muito importante e bom. E por isso me torna uma leitora mais entusiasta. Para ter mais argumentos.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim. Quero aprender mais sobre a literatura de Autores importantes. Ter mais informações além de me sentir a vontade para aprender sem cobranças.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFIC

Nome: Pesquisado 11 Idade: 15

Profissão/Ocupação: estudante

Formação Escolar: _____

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Não sabia ao certo como seriam os encontros, mas já fui chamada pela professora Dercila, e suas aulas sempre foram interessantes, participei dos encontros com o intuito de que seriam proveitosos como eram as aulas.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim, a leitura sempre é muito importante. Desde um cedo nos momentos, acredito que pela compreensão e pela maior facilidade de se expressar que a leitura proporciona.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Geralmente materiais didáticos ou informativos

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Quando entrei no grupo estava lendo "O Deus de uma Sereia", de Mia Couto, para um trabalho de língua portuguesa.

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Todos os textos eram muito bons, de autores famosos na matéria.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Os textos no geral não eram de difícil compreensão, mas nos textos antigos que tinham a linguagem difícil, tem um pouco por ser diferente da que costumamos falar.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Martha Medeiros, sobre crônicas, e os dela são legais.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Os modos narrativos eram muito diferentes entre eles, eles tem o domém, cada tipo de texto que estudamos era uma forma de narrar. Eles tem os mais variados, desde os normais de notícias, as crônicas, como comens não correspondentes, como bônus em alguns casos.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Penso que toda a aprendizagem é um ganho e aprendemos muito nesses encontros. Então não vejo aspectos menos positivos na realização da proposta, mas acho que o grupo deveria ser mais "frio", para não dificultar a organização dos encontros. Acho que durante o dia facilitaria a presença.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Sim, porque eu conheci muito mais tipos de textos narrativos, que eu nem sabia que existiam. O que fez com que eu ficasse mais curiosa para conhecer mais ainda textos novos. Quanto mais leitura, maior a compreensão em qualquer área.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sempre gostei muito de esses encontros, mas precisei parar antes que acabassem, em função do horário, mas gostaria muito de dar continuidade.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Deréila Cavassola

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: Pesquisado 12

Idade: 16

Profissão/Ocupação: Estudante

Formação Escolar: 2º ano

II - QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Interesse e a vontade de querer saber mais sobre livros e autores

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Não tanta, porque antes a leitura não era algo que me interessava.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Jornais, revistas, livros.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

Antes de fazer parte do grupo vários exigidos pelos professores, mas fazia bastante tempo que eu não lia

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

A escolha dos textos é ótima e a variedade também.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Na verdade a compreensão falta pelo pouco conhecimento, mas com interesse gente entende.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Marinho Medeiros, por causa do seus contos e do livro: Tudo que eu queria te dizer.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Cada um tem um jeito de narrar, uns monom em 1ª pessoa outros em 3ª.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

A maioria conseguiu chegar ao mesmo ponto de reflexão, os aspectos menos positivos seriam os comentários paralelos que não ajudaram um pouco.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Sim, porque com os encontros houve um ganho de cultura imensa e também aquele prazer em ler, não ler apenas pra dizer que leu.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, porque com os encontros eu só tenho a ganhar sempre mais e mais.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: Pesquisado 13 Idade: 17 anos

Profissão/Ocupação: Prof. de inglês e estudante

Formação Escolar: 2º grau incompleto

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

A leitura sempre foi interessante para mim, e sempre gostei dos aulas de literatura, e como o vestibular está só não pensei duas vezes em participar dos encontros.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sabia o quanto era importante mas não lia, lia lá de vez enquanto para fazer algum trabalho.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Jornais, revistas e folhetos que (hoje) rodam por aí. Livros por o vestibular também.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

O caso dos dez negronhos - Agatha Christie

O caso do umortelo -

Dom Quixote de La Mancha - Miguel de Cervantes

Harry Potter e o pedras filosofal.

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Todos foram interessantes, não tanto o quanto a literatura tem conteúdo e o quanto ele é engraçado

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Nenhuma, os textos eram de ~~leitura~~ fácil entendimento.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Roberto Torres e Dalton Trevisan me chamaram a atenção pelo assunto e pelo fácil compreensão do que eles escrevem.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Os assuntos abordados já eram interessantes, mas é o modo que eles narram que torna o assunto mais esclarecido sem podendo saber e conhecer o estilo do autor

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Foi bom, mas alguns não se interessaram e não participaram e de aspectos menos positivos é que muitos falam e eu falei o pouco em que o professor mais comenta.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Agora, eu interpreto melhor o que eu leio. Me despertei mais para a leitura e por isso gostei muito dos encontros.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, porque está se ajudando muito a desenvolver o hábito do leitor além de ter achado todos os assuntos comentados até muito interessantes.

Erechim, 15 de julho de 2008.

QUESTIONÁRIO PARA O GRUPO 2

A você, leitor-participante dos encontros de literatura, grupo 2, solicito que deixe por escrito a sua opinião clara e honesta a respeito da leitura, estudo e discussão dos textos narrativos produzidos por autores contemporâneos. Vale lembrar: aula de abertura "História de mãe e filho" (Moacyr Scliar); crônicas diversas; contos (Marcelino Freire, José Roberto Torero e Dalton Trevisan); biografias (Chico Buarque, José Mindlin, entre outros); cartas (Martha Medeiros, Domingos Oliveira...) e novelas (Milton Hatoum, Gabriel Garcia Marques...).

Outrossim, peço que não omita informações e não tenha receio de dizer o que pensa. Obrigada!

Dercila Cavassola

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ Pesquisado 14 _____ Idade: 17
 Profissão/Ocupação: Estudo / Escola
 Formação Escolar: 2º ano ensino médio

II – QUESTÕES:

- 1) Quais foram as razões que o(a) motivaram a participar dos encontros de literatura?

Gosto dos livros, gosto do professora, gosto de ler.

- 2) Antes de participar dos encontros, você tinha consciência da importância da leitura? Se a resposta for positiva, expresse em que momento de sua vida isso ocorreu e por quem foi motivado.

Sim, depois que frequentei os encontros aprendi a ler com atenção.

- 3) Com que materiais de leitura você costuma entrar em contato no seu cotidiano?

Jornais, revistas, livros.

- 4) No que diz respeito ao seu contato com textos longos (livros), quais as obras, literárias ou não, que você leu nos últimos meses antes de fazer parte do grupo?

A Revolução dos Bichos

5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Muito bons, todos os livros e autores escolhidos.

6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Nenhuma, pois depois que frequentei os encontros, gostei mais de ler e conheci mais autores.

7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Martha Medeiros e Moacyr Scliar, porque gostei do jeito que eles escrevem.

8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Todos muito bons, como falei antes, gostei dos temas e também dos autores.

9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Todos prestaram atenção, além todos gostaram muito dos encontros.

10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Com as leituras, consigo fazer melhor meus textos e entender bem mais fácil.

11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim, se eu poder continuarei vindo.

Porque é ótimo aprender mais sobre a literatura.

Erechim, 15 de julho de 2008.

- 5) Qual é a sua opinião sobre a escolha dos textos para a discussão realizada?

Os textos apresentados foram bem diversificados, interessantes e atuais...

- 6) Que dificuldades você encontrou na leitura e na compreensão dos textos?

Nenhuma, pois eram de fácil entendimento e compreensão.

- 7) Qual foi o autor que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Martha Medeiros, pela forma de usar e colocar as palavras no texto, o amor com que ela escreve sempre me encantou e chamou a atenção.

- 8) O que você tem a comentar sobre os modos de narrar empregados pelos autores na escritura dos textos? E quanto aos temas abordados?

Eu acho que é interessante ver que cada autor tem o seu jeito, e o seu próprio estilo de escrever. Pode ser até o mesmo tema, mas nunca escrito igual. E que alguns tem mais delicadeza e outros mais agressividade com certos temas.

- 9) Como você avaliaria o trabalho de leitura e discussão realizado pelo grupo? Que aspectos apontaria como menos positivos durante a realização da proposta?

Dependendo o grupo, não levaram a sério e ~~eram~~ nem faziam o que era pedido. A falta de educação como ponto negativo.

- 10) Realizada a leitura e a discussão dos textos narrativos, julga que eles contribuíram para torná-lo(a) um leitor mais entusiasta, mais eficiente e mais crítico? Aponte, objetivamente, os benefícios que você obteve dessas leituras.

Não digo que ao lê-los me tornei crítica, mas com certeza me entusiasmarei e incentivei a ler mais textos de alguns gêneros. E "Atiquei" a minha curiosidade.

- 11) Você tem interesse em dar continuidade aos encontros? Por quê?

Sim. Porque é sempre bom mais conhecimentos sobre a literatura, e também pra ficar conhecendo alguns autores que não são tão conhecidos, mas que são muito bons!

Erechim, 15 de julho de 2008.

ANEXO 7 – DEPOIMENTO DE PROFESSORA SOBRE ALUNO (E-MAIL)

Em dom, 28/9/08, jocemarit jocemarit@bol.com.br
escreveu:

De: jocemarit jocemarit@bol.com.br
Assunto: sobre aluno
Para: "dercLcava" <dercLcava@yahoo.com.br>
Data: Domingo, 28 de Setembro de
2008, 19:05

Oi, Dercila

Como professora de Português, sempre encontrei dificuldade para levar os alunos à leitura. Mesmo pequenas leituras, as comuns de sala de aula, se não forem feitas em "voz alta", a leitura silenciosa é quase como uma obrigação para eles.

Porém, neste ano um aluno me chamou a atenção. No início do ano letivo ele se sentava nos últimas classes e passava o tempo voltado para trás, escorado na parede, muito displicentemente. E vinha com esse comportamento do ano anterior (20 ano). Não lembro bem quando ele mudou para a primeira classe, junto ao professor e aquietava-se na aula. Quando havia tempo tirava debaixo da classe um livro e punha-se a ler.

Curioseei-me bastante pois isso é algo incrível para nossos jovens, principalmente o Diego. Sem rodeios perguntei o que estava lendo e ele me disse: "É um livro recomendado pelo professora Dercila. Estou participando dos encontros nas terças-feiras com ele e mais outros colegas. "

A partir daí em todas as aulas ele vinha com um livro e lia-o durante o período. Achei maravilhoso. Só o fato de ele ler já estava ganho o ano em curso.

Abraços fraternos
Jocemari

ANEXO 8 – QUATRO TOQUES (CRÔNICA JORNALÍSTICA)

GERAL **101 BOM DIA**BOM DIA SAÚDE. TODOS OS SÁBADOS

Quinta-feira - 10 de julho de 2008

Crônicas

co!unista colaboradora

Quatro toques

1. Quando eu era criança, lá pelos anos 70 e o Brasil vivia em plena ditadura militar, eu tinha medo de policiais. Hoje, apesar de não sermos mais governados por militares em nosso país, confesso: sigo temerosa diante de qualquer farda, seja ela de militares ou policiais. Não é respeito não, é medo de verdade mesmo, tenho consciência de que nada fiz de errado para ser presa, mas o abuso do poder me assusta. Homens despreparados portando armas. Sei que são mal remunerados, que sofrem pressão psicológica, enfim, assisti *Tropa de Elite*, gostei do filme, apesar de ter contribuído para o meu temor, para um abrir de olhos sobre um Brasil muito pior do que qualquer um poderia imaginar. A realidade é assustadora!

No Rio de Janeiro, na terça-feira, 8/07, policiais mataram um menino de três anos, que voltava de uma festa com sua mãe e seu irmão, estavam quase chegando em casa, quando o automóvel deles foi confundido com o de bandidos. Um ato de negligência, pois tiros devem ser disparados diante de certezas, não de suspeitas. Não pode haver confusão diante da vida de um menino de três anos.

2. O Laçador pichado mais uma vez! Quem gosta de brincar de spray por que não opta por *graffiti*? Aí sim é arte e não barbarismo! O desrespeito ao símbolo da cidade comprova o quê mesmo? Falta de educação, de bom senso, de consciência sobre o patrimônio público. Sou favorável à filmagem, a fim de punir os pichadores.

3. O Sarau Elétrico de Porto Alegre fez nove anos na mesma terça-feira, 8/07, parabéns pela iniciativa de, em meio ao caos urbano (disparos da polícia em inocentes e pichações grotescas em monumentos), ler, discutir literatura, ouvir uma boa música. Através destes momentos artístico-literários as pessoas podem entender melhor o mundo ou a aprender a suportá-lo. A arte sempre nos apresenta um novo olhar diante da vida e nos dá um certo alento. A arte não é fuga da realidade, é o encontro com uma nova realidade!

4. Também se lê e se discute literatura em Erechim. Um grupo de amigos leitores reuniu-se, um entardecer de domingo, para ler. Um gesto que fez á diferença e concedeu, ao nosso final de domingo, um momento de magia.

Na segunda-feira, 7/07, participei de um encontro literário na Biblioteca da Escola Mantovani. Aliás, todos estão convidados a participar, se realizam leituras e discussões de textos literários sobre a coordenação da idealista Prof". Dercila Cavassola. O único critério para participar é ser um leitor, ser alguém que aprecie ler. Na próxima segunda- feira, 14/07, haverá um novo encontro às 17h30min.

Os dois primeiros toques descrevem acontecimentos bárbaros e os últimos destacam boas novas. Espero que os últimos toques não apaguem a força dos outros dois e sirvam justamente para tentar uni-los. Que a gente dê a vida um pouco de ternura, que a gente se permita um pouco de arte para aliviar a dor.

Blog: <http://joselmanoal.blog.terra.com.br>

Joselma Maria Noal
joselmanoal@terra.com.br

